

O Porto na Berlinda:
Memórias de Alberto Pimentel

Rute Santos de Castro Lopo e Faro

Fevereiro de 2005

Dissertação de Mestrado em
Literaturas Românicas
da
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**O Porto na Berlinda:
Memórias de Alberto Pimentel**

Orientadora: Prof. Doutora Maria de Fátima Marinho

Rute Santos de Castro Lopo e Faro
Fevereiro de 2005

*À memória de Alberto
Pimentel, meu tio-trisavô, e de
meu avô, portuenses entusiastas e
homens de cultura, que muito
amaram a sua terra.*

Agradecimentos

À Prof. Doutora Fátima Marinho, pelos conselhos preciosos e pela disponibilidade com a qual sempre me acompanhou, respondendo sempre com prontidão e compreensão às dúvidas e receios de quem caminha, pela primeira vez, pelos trajectos labirínticos da investigação.

Quero, ainda, agradecer aos meus pais que apoiaram, incentivaram e acompanharam atentamente o meu trabalho. Em particular, ao meu pai que, ao longo do tempo em que fui compondo esta dissertação, desde o rascunho da primeira página até à versão final, sempre se revelou um leitor atento e crítico. A sua cumplicidade e a partilha de entusiasmo, traduzidas em longas conversas, foram essenciais para vencer as horas de desalento em frente à secretária.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – O Porto: lugar de memória.....	3
1.– O Porto na obra de Alberto Pimentel.....	3
2.– O Porto diante do espelho da memória.....	9
2.1.– Os dois lados do espelho da memória: o presente e o passado.....	17
2.2. – A infância revivida.....	23
2.3. – Porto, terra de saudades.....	27
Capítulo II – O Porto visto de dentro de si mesmo.....	32
1. – O Porto pelo testemunho de um portuense.....	32
2. – As descrições etnográficas: Adágios, costumes e tradições populares portuenses.....	38
2.1. – A caricatura e a anedota.....	43
3. – Alberto Pimentel: um portuense bairrista?.....	50
4. – Alberto Pimentel: comentador, crítico e analista da realidade portuense.....	59
Capítulo III – A reconstituição do Porto por Alberto Pimentel	
1. – O Porto entre a Memória e a História.....	84
2. – O Porto nos meandros da Literatura	91
2.1 – Camilo Castelo Branco no Porto de Alberto Pimentel.....	99
3. – A interacção com o leitor.....	107
Conclusão	118
Bibliografia.....	120

Introdução

*O Porto na Berlinda, porque o texto é umas vezes favorável, outras desfavorável ao Porto, porque nos Jogos de prendas «estar na berlinda» vale o mesmo que estar no banco dos réus, ter de ouvir o que todos os outros nos querem mandar dizer de agradável ou desagradável, do mesmo modo que, no tribunal, o réu tem de ouvir tanto o advogado de defesa como o da acusação.*¹

A ideia de estudar o Porto de Alberto Pimentel foi motivada não só por laços de afinidade sanguínea², mas também pela inexistência de um estudo mais detalhado que analisasse a preponderância que a Invicta encontra na obra do escritor.

Ao Porto, são associados nomes de literatos, tais como Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Júlio Dinis ou Raul Brandão. Tendo em conta o cunho portuense das obras que escreveram, estes escritores inspiraram volumes como *O Porto de Garrett* (2002) de Maria Manuela Cabral ou, ainda, *O Porto de Raul Brandão* (2000) de Albano Martins.

Em contrapartida, o Porto escrito e sentido por Alberto Pimentel, um dos escritores portugueses mais fecundos, continuava no esquecimento. Exceptuando uma ou outra referência esporádica à dedicação que o autor consagrou à sua terra natal, faltava um estudo que relembresse aos portuenses vindouros o escritor que tanto se empenhou na divulgação da cidade que lhe foi berço.

¹ Alberto Pimentel, prólogo de *O Porto na Berlinda: Memórias d'uma Família Portuense*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1894, pág. 21.

² Alberto Pimentel é meu tio-trisavô. A irmã do escritor, Maria Bárbara Meireles Pimentel (1838 – 1926) foi casada com o meu trisavô, Francisco de Faro e Oliveira (1844 – 1910), professor no Instituto Industrial do Porto, no ensino secundário e director do Instituto Escolar da Celestial Ordem da Santíssima Trindade (antigo liceu da Ordem Terceira da Santíssima Trindade).

Foi esse o trabalho que nos propusemos, esperando, com efeito, que estas modestas páginas contribuam para que o Porto não se esqueça do literato que, ao correr da pena e no fulgor da escrita, notabilizou a alma da cidade.

O grande objectivo desta dissertação de mestrado é analisar a forma como, pela memória, Alberto Pimentel colocou na sua obra o Porto na berlinda. Na prossecução deste objectivo, debruçamo-nos, primeiramente, sobre a permanência da cidade na memória do escritor que, por sua vez, nos encaminha para a formulação da seguinte hipótese: a bibliografia que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto poder-se-á inserir no género memorialístico?

Na análise desta hipótese temos em conta as seguintes linhas de orientação: a identificação textual que o próprio autor faz relativamente às obras que escreveu sobre o Porto e o respectivo confronto crítico com as obras propriamente ditas.

Ao estabelecermos o Porto como lugar de memória na escrita do autor, pretendemos compreender a relação recíproca estabelecida entre o presente e o passado. Diante dos dois lados do espelho da memória, o presente e o passado, o autor recorda os rostos, os nomes, o sentir e o pensar de lembranças saudosas de outro tempo.

Portanto, ao analisar as longas páginas que nos deixou, acompanharemos o autor quer pelos quadros mentais e físicos que, ao correr da pena, esboçou, quer pelos sentimentos múltiplos e dúplices que o Porto, enquanto lugar de memória, lhe despertou.

Ao analisar a multiplicidade e duplicidade que o Porto inspirou no autor, teremos em conta o facto de a *Invicta* surgir, ora contemplada através da recordação de cunho testemunhal, ora elogiada e valorizada pelas suas particularidades etnográficas ou, contrariamente, escarpelizada pelos comentários e críticas.

No seguimento do estudo da memória e da experiência vivencial, como elementos impulsionadores presentes nas referências que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto, deter-nos-emos na importância que a História e a Literatura adquirem na elaboração dos quadros portuenses. Finalmente, salientando a figura do leitor no texto, analisaremos a implicação do mesmo no Porto escrito por Alberto Pimentel.

Capítulo I

O Porto: Lugar de Memória

1. – O Porto na obra de Alberto Pimentel

Ao longo do século XX, foi já salientada, por vários autores, a dedicação de Alberto Pimentel ao Porto. Em *Passos na Areia*, uma obra de ensaios, Joaquim Ferreira refere que: “Ele [Alberto Pimentel] empenhou-se na exaltação da cidade que lhe foi berço, e nem a distância nem as ocupações lhe esmorecem o ânimo bairrista. De 1872 a 1916, desde os arrebois da juventude ao crepúsculo da velhice, publicou sete volumes consagrados ao Porto.”¹

Mais adiante, na mesma obra, acrescenta-se: “Todas as suas obras sobre o Porto, desde *Do Portal à Clarabóia* em 1872 à *Praça Nova* em 1916, demonstram a sua acrisolada afeição pela terra onde nasceu, onde escolheu a noiva e lhe nasceu o primeiro filho, e onde lhe aureolaram o nome os raios da glória.”² Joaquim Ferreira, salientando o bairrismo do escritor, caracteriza-o como “o portuense que viveu e morreu fiel ao Porto.”³

Do mesmo modo, Magalhães Basto, no “Bosquejo Biográfico” que introduz uma das obras de Alberto Pimentel – *O Anel Misterioso* –, refere que: “É de 1872 o livro *Do Portal à Clarabóia*, em que começa verdadeiramente a revelar-se um dos aspectos mais característicos da extensa e intensa actividade literária de Alberto Pimentel: o culto pelas coisas e costumes do seu enternecido Porto.”⁴

Como podemos verificar, de acordo com as opiniões de Joaquim Ferreira e Magalhães Basto, a produção que Alberto Pimentel dedica ao Porto inicia-se em 1872, com a obra *Do Portal à Clarabóia*⁵. No entanto, defendemos que a bibliografia que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto teve início não em 1872 mas em 1871, com a obra

¹ Joaquim Ferreira, *Passos na Areia*, Porto, Editorial Domingos Barreira, s/d, págs. 224-225.

² Joaquim Ferreira, *ob. cit.*, pág. 225.

³ Joaquim Ferreira, *ob. cit.*, pág. 233. Podemos acrescentar que, mesmo após a morte, Alberto Pimentel permaneceu fiel ao Porto. Como sabemos, o escritor faleceu em Queluz, no dia 19 de Julho de 1925, tendo sido enterrado num jazigo do Cemitério de Benfica, no qual está reproduzido em azulejo o brasão da Invicta – cf. Alberto Pimentel, *Luar de Saudade: Recordações de um Velho Escritor*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães & C.^a, 1924, pág. 266.

⁴ Artur de Magalhães Basto, “Bosquejo biográfico” in *O Anel Misterioso*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, pág. 12.

⁵ *Do Portal à Clarabóia* teve 2.^a edição em 1913.

*Mistérios da Minha Rua*⁶, um volume de contos consagrado à rua, no Porto, onde então o autor vivia.

De facto, não obstante no título da dita obra não ser feita nenhuma referência ao Porto, ao longo da leitura da mesma, não passa despercebido o facto de que o espaço da acção narrada é o da Invicta. Por conseguinte, estamos perante uma rua no Porto perspectivada como *a rua do autor*, pois, como é dito, “ É um perdoável orgulho, inveterado desde o berço, o que nos leva a dizer a minha rua com referencia áquella em que moramos.”⁷

E, se por um lado, o próprio autor identifica esta rua portuense com aquela onde mora, por outro, não podemos esquecer as palavras de Henriques Marques que, ao elaborar a bibliografia de Alberto Pimentel com a cooperação do próprio, afirma que: “a rua a que o título se refere é a do Almada, onde o A. ao tempo morava.”⁸

Portanto, se pretendemos enumerar as sete obras que Alberto Pimentel dedicou ao Porto, podemos ordená-las da seguinte forma: *Mistérios da Minha Rua* (1871), *Do Portal à Clarabóia* (1872), *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes* (1877), *O Porto por Fora e por Dentro* (1878), *O Porto há Trinta Anos* (1893), *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense* (1894) e *A Praça Nova* (1916)⁹.

Estas obras são as que têm o Porto por tema exclusivo. Contudo, como teremos oportunidade de salientar, ao longo da globalidade dos escritos de Alberto Pimentel, encontramos várias referências isoladas ao seu enternecido Porto. Ora são romances, onde

⁶ *Mistérios da Minha Rua* teve 2.^a edição em 1905, constituindo a 1.^a parte do 2.^o volume da obra do autor, intitulada *Seara em Flor*.

⁷ Cf. Alberto Pimentel, Prefácio à obra *Mystérios da Minha Rua*, Porto, Tipografia Pereira da Silva, 1871, pág. 1.

⁸ Cf. Henrique Marques, “Bibliografia Pimenteliana” in *Luar de Saudade: Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., pág. 292. Cf. igualmente a autobiografia do autor, inserida no respectivo volume, onde Alberto Pimentel refere que, em 1873, no ano em que parte para Lisboa, vivia com a mulher e a filha na Rua do Almada – Vide Alberto Pimentel, *Luar de Saudade: Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., págs. 180-181.

⁹ Magalhães Basto refere que o autor, antes de morrer, pensava escrever ainda outro volume dedicado ao Porto, a que daria o nome de *Torre dos Clérigos* – cf. Magalhães Basto, “Os Primeiros Vinte Anos da Vida de Alberto Pimentel” in Separata do «Boletim Cultural» da Câmara Municipal do Porto, Porto, 1944, vol. VII, fascs. 2-3, pág. 29. Note-se que Alberto Pimentel já tinha dedicado o volume *Contos ao Correr da Pena* (1869) ao dito monumento.

o espaço da acção decorre na Invicta, ora são crónicas, artigos jornalísticos e volumes de temática variada que, aqui ou ali, tocam em assuntos portuenses.

Assim, devido à multiplicidade e recorrência de referências ao Porto que o autor deixou nos seus escritos, Rocha Martins enumera uma maior globalidade de obras, na qual é identificado o amor de Alberto Pimentel à sua terra natal. Como é salientado pelo dito autor: “Em relação ao amor que ele e a esposa sentiam pelo Porto, mais do que confirmado fica nos seus trabalhos: *Mistérios da Minha Rua*; *Do Portal à Clarabóia*; *O Anel Misterioso*; *Entre o café e o Cognac*; *Homens e datas*; *O Porto por fora e por dentro*; *Atravez do Passado*; *O Porto há trinta anos*; *O Porto na Berlinda*, no qual inclui Memórias de uma família portuense, que são recordação da sua própria grei; o *Arco de Vandôma*, em cujo entrecho romântico ainda descreve o Porto. *A Praça Nova* é admirável evocação histórica do local tão famoso da Invicta.”¹⁰

Da extensa bibliografia que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto transparece a dedicação consagrada à sua terra natal. Júlio Brandão, em *Recordações de um Velho Poeta*, salienta que, ao escritor portuense, “O Porto deve-lhe, em especial, uma gratidão perene, de tal maneira êsse homem lhe queria enternecidamente.”¹¹ Pois, como é dito, “Alberto Pimentel foi um portuense entusiasta, duma dedicação inquebrável.”¹²

Poucas são as referências feitas ao escritor que não sejam associadas ao amor que o mesmo nutria pela Invicta. Num artigo inserido na *Nova Monografia do Porto*, da autoria de Joaquim Costa e intitulado “Aspectos da História Literária do Porto”, Alberto Pimentel é referido como o escritor portuense que “Consagrou sempre o maior interêsse às pessoas e coisas da sua terra, ocupando-se muito do Pôrto, dos seus costumes e tradições, bem como dos seus homens mais ilustres”¹³.

¹⁰ “Alberto Pimentel por Rocha Martins” in João Gaspar Simões (Direcção, prefácio e notas bibliográficas de), *Perspectiva da Literatura Portuguesa do séc. XIX*, Lisboa, Edições Ática, 1948, vol. II, pág. 212. Como podemos constatar, pelo excerto transcrito, Rocha Martins reconhece a obra *Mistérios da Minha Rua* como um volume que entra no conjunto das obras que o escritor consagra ao Porto.

¹¹ Júlio Brandão, *Recordações de um Velho Poeta – Figuras Literárias e Artísticas*, Lisboa, Edições Gleba, s/d, pág. 115.

¹² Júlio Brandão, *ob. cit.*, pág. 115.

¹³ Joaquim Costa, “Aspectos da História Literária do Porto” in Carlos Bastos (organização de), *Nova Monografia do Porto*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1938, pág. 268.

Esta dedicação perene e inquebrantável ao Porto é igualmente realçada por Mário Portocarrero Casimiro, quando é dito que: “ Às vezes, o Pôrto parecia como que esquecer-se dêle [Alberto Pimentel]. Ele é que nunca se esqueceu do Pôrto.”¹⁴

Com efeito, este amor que o escritor dedicou ao Porto “Denunciam-lhe quási todos os seus escritos, revelam-no numerosos livros, atestam-no irrefutavelmente muitas páginas, das mais interessantes que se têm escrito sôbre a história, as figuras, e os costumes da Capital do Norte.”¹⁵

É de salientar que esta dedicação à Invicta provém de um espírito que conhecia bem a cidade, ou seja, “Alguém que era do Porto, e que conhecia a cidade como os dedos das suas próprias mãos (...)”¹⁶.

Por conseguinte, não é possível contestar a dedicação que o escritor consagrou à sua terra natal. Na verdade, ao longo das obras que tratam o Porto, lemos as mais belas e comovidas palavras que demonstram o afecto sincero do literato à cidade que o viu nascer. Como é dito pelo escritor, “ Nasci no Porto, criei-me no Porto, lá sonhei as melhores ilusões da vida, lá travei os primeiros combates com a realidade cruel, tudo isto não esquece mais, não pode esquecer-se nunca.”¹⁷ E, se este amor pode parecer imensurável, o espírito tripeiro justifica-o: “ Nem admira que um Portuense ame estranhamente a sua terra, porque o Porto é uma cidade que se faz amar até dos estranhos.”¹⁸

¹⁴ Mário Portocarrero Casimiro, *Tripeiros de Gema*, Porto, Latina – Livraria editora, 1942, pág. 74.

¹⁵ Artur de Magalhães Basto, “Os primeiros vinte anos da vida de Alberto Pimentel” in separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, 1944, Vol. VII, fascs. 2-3, pág. 28.

¹⁶ Cruz Malpique, “Psicologia Literária do Homem do Porto” in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, 1956, vol. XIX, fascs. 3-4, pág. 511.

¹⁷ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, Porto, edição da «Renascença Portuguesa», 1916, pág. 14. Cf. também Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1894, pág. 1. Veja-se que Alberto Pimentel classifica este seu amor pelo Porto como “o meu portuensismo” (cf. Alberto Pimentel, “Pôrto - Portugal” in *Lusa – Revista Ilustrada de Investigações Regionais, Ciências & Letras*, Viana do Castelo, vol. IV, 1921-1922, números 57 a 60, págs. 21-22). Júlio Brandão, patricio amigo de Alberto Pimentel, resume a explicação do “portuensismo” pimenteliano, e escreve: “ É que o Pôrto para êle, além de ser a sua terra natal, era a terra onde lhe correrá a mocidade, ninho dos seus amores, das suas primeiras e mais florescentes esperanças.” (cf. *Recordações de um Velho Poeta – Figuras Literárias e Artísticas ob. cit.*, pág. 116).

¹⁸ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 14.

Como sabemos, Alberto Pimentel nasceu no Porto a 14 de Abril de 1849, onde permaneceu até 1873, altura em que, já casado e com uma filha¹⁹, se instalou em Lisboa para ocupar o cargo de amanuense da procuradoria régia de Lisboa²⁰. No entanto, este amor à Invicta não terminou com a distância que os separava, pois, mesmo longe da vista, Alberto Pimentel permanecia com o Porto no coração²¹.

Um ano depois da sua estadia em Lisboa, em 1874, quando vai de visita ao Porto, o escritor escreve as seguintes palavras: “ O Porto tem para mim o encanto do ninho pátrio, das recordações indeléveis do alvorecer da vida. Ali nasci, ali me criei, ora na cidade, ora no campo, mas sempre no regaço daquela doce e formosa natureza do Norte.”²²

Em *Fitas de Animatógrafo*, Alberto Pimentel afirma que: “Há trinta e cinco annos que levei para outra cidade o meu domicilio e a minha familia, mas o Porto nunca deixou de ser para mim uma terra sagrada – a terra em que viveram e morreram meus paes, e em que eu próprio nasci... (...)”²³.

¹⁹ Alberto Pimentel casou a 11 de Julho de 1870, na freguesia de S. Martinho de Cedofeita, diocese do Porto, com Ludovina Adelaide Peres da Silva (cf. ADP, freguesia de S. Martinho de Cedofeita, *Livro de Registos para o ano de 1870*, bobine 651, registo n.º 54, folhas 54 e 54v). A primeira filha do escritor, de seu nome Maria Madalena, nasceu em Cedofeita (Porto) a 8 de Abril de 1871. Alberto Pimentel teve mais dois filhos, Henriqueta (1873 –?) e Alberto Pimentel filho (1875–1949), médico e autor da obra *Nosografia de Camilo Castelo Branco*.

²⁰ Cf. Gonçalves Crespo, “Biografia de Alberto Pimentel” [1881] in *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., págs. 11-12. Cf., ainda na mesma obra, aquilo que é dito pelo próprio escritor – págs. 185-186. É de salientar a importância desta biografia para o conhecimento pormenorizado da vida do autor. O próprio biografado salienta a minúcia e o rigor do trabalho desenvolvido por Gonçalves Crespo: “Em 1881, Gonçalves Crespo honrara-me sobremodo escrevendo a minha biographia para o *Diario de Portugal*. A sua antiga amizade foi tão pródiga de amabilidades para comigo, que eu cheguei a desconhecer-me, por muito favorecido do biographo. Mas o que principalmente me encantou n’esse escripto foi a minuciosidade com que elle acompanhara todos os pormenores da minha existencia obscura. O seu espirito dedicado tinha-me seguido de longe como ao perto, com o interesse de um amigo leal. Esta convicção foi-me extremamente agradável e consoladora. Crespo era um homem de talento superior e de caracter honestissimo; a sua dedicação compensava-me sobejamente da ingratidão de alguns e injurias de poucos.” – cf. Alberto Pimentel, *Vinte Annos de Vida Litteraria*, 2.ª edição, Lisboa, Parceria António Maria Pereira – Livraria Editora, 1908, pág. 114.

²¹ Como é dito por Cruz Malpique, o portuense “viajasse por onde viajasse, todo ele era saudades do seu burgo” – cf. Cruz Malpique, “Perfil moral e cívico do «tripeiro»” in *Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto*, Porto, 1974, n.º 4, 2.ª série, pág. 63.

²² Alberto Pimentel, “Rocambule no Porto” in *Homens e Datas*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1981, pág. 1. Cf. também pág. 3, onde o autor considera o pai, a mãe, os irmãos e os amigos que estão no Porto “Prisões antigas, que nunca se quebram”.

²³ Alberto Pimentel, *Fitas de Animatógrafo*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1909, pág. 185.

Assim, verificando a permanência do Porto na memória de Alberto Pimentel, vejamos o espaço que as memórias da Invicta ocupam nas obras do escritor. Sabemos que o género memorialístico foi cultivado pelo escritor portuense²⁴, mas podemos dizer que este género foi igualmente aplicado a assuntos que versam o Porto?

²⁴ Alberto Pimentel manifesta o facto de que as memórias impulsionaram algumas das suas obras. Pois, de “Sozello”, o autor diz que: “Archivei memorias d’essas agrestes serras em tres ou quatro principalmente no romance *O testamento de sangue* e nas *Peregrinações na aldeia*.” – cf. *Atravez do Passado*, Lisboa, Guillard Aillaud, e C. ^a, 1888, pág. 99.

2. – O Porto diante do espelho da memória

Em 1942, Mário Portocarrero Casimiro, não obstante não nomear as obras do autor que fazem parte do género memorialístico, refere a presença das memórias na obra global de Alberto Pimentel. Como é dito, Alberto Pimentel “ Cultivou o romance, as *memórias*, a etnografia, a história, os contos populares, as tradições e até aquilo a que chamaremos de literatura política.”²⁵

Em 1981, num estudo elaborado por João Palma-Ferreira, intitulado *Subsídios para uma Bibliografia do Memorialismo Português*, o nome de Alberto Pimentel é identificado com uma considerável bibliografia de memórias, no total de 25 volumes²⁶.

Ao atentarmos num tal estudo, verificamos a riqueza do memorialismo português, sobretudo na 2.^a metade do século XIX, período no qual se insere a produção literária que, sobre o Porto, escreveu Alberto Pimentel.

Se pretendemos encontrar o motivo para tal fenómeno, devemos relacioná-lo com aquilo que foi dito por Sérgio Campos, relativamente à importância da divulgação histórica, com intuítos moralistas, que decorreu na 2.^a metade do séc. XIX.

De acordo com o autor, os meios de conservação histórica adquirem significativa relevância na segunda metade de oitocentos, entre eles: “lápides, padrões comemorativos, toponímia urbana, monumentos públicos, medalhas, selos e bilhetes postais, moedas e notas.”²⁷ Mais adiante, acrescenta-se: “Ao longo do século, as artes plásticas – arquitectura,

²⁵ Mário Portocarrero Casimiro, *Tripeiros de Gema*, ob. cit., pág. 74. Itálico nosso. Esta variedade de escritos a que se dedicou Alberto Pimentel originou uma crítica, que encontramos na revista *A Ilustração*, assinada pelo pseudónimo “Fígaro”. Neste artigo, a propósito da obra do autor, intitulada *A Jornada dos Séculos*, o redactor, em tom irónico, escreve o seguinte: “O sr. Alberto Pimentel é um d’esses preciosos exemplares – é dos que mais escrevem e dos que mais variam de assumpto. O sr. Alberto Pimentel quer ser tudo.” Este redactor, evidentemente pouco simpatizante do autor, conclui mordazmente: “Por querer ser tudo, por querer escrever sobre tudo (...) O sr. Alberto Pimentel não é por enquanto cousa alguma nas lusitanas letras”. Cf. Mariano Pina (dir. de), *A Ilustração*, vol. I, 5-IX-1884, pág. 143.

²⁶ Cf. João Palma-Ferreira, *Subsídios para uma Bibliografia do Memorialismo Português*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, págs. 64-65.

²⁷ Sérgio Campos Matos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do séc. XIX (1846-1898)*, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pág. 133.

escultura, pintura, gravura – e a fotografia adquirem, como suportes da memória social, papel relevante na fixação de representações do passado.”²⁸

Podemos acrescentar às artes referidas pelo autor, a literatura, porquanto foram literatos como Almeida Garrett, Alexandre Herculano ou Ramalho Ortigão que valorizaram, como é dito, a “herança cultural portuguesa, entendida como imprescindível na construção da sociedade futura”²⁹.

Alberto Pimentel deu igualmente o seu contributo para o memorialismo literário português, elaborando 25 volumes que João Palma-Ferreira insere no género memorialístico. Entre esse conjunto de obras que dizem respeito a memórias, encontramos os seguintes volumes que versam exclusivamente assuntos portuenses: *Do Portal à Clarabóia*, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, *O Porto há Trinta Anos*, *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense* e *O Porto por Fora e por Dentro*³⁰.

Não obstante constatarmos que nem todas as obras que versam exclusivamente o Porto são identificadas por João Palma-Ferreira como memórias, convém, primeiramente, analisar a posição que o autor assume quanto à classificação do género das obras que escreveu sobre a cidade. Só assim podemos consolidar as nossas reflexões e, conseqüentemente, retirar algumas conclusões.

Na “Advertência indispensável” à obra *O Porto há Trinta Anos*, Alberto Pimentel inclui, no seu intuito, a escrita das suas memórias. Como é dito, “O que eu pretendi foi dar ao leitor a impressão geral da época, a traços largos, evocando memórias da minha infância, recordações que, contando por alto, não devem esfumar-se a menor distancia de tempo.”³¹

De igual modo, em *A Praça Nova*, Alberto Pimentel revela o intuito de inserir, nesta obra, memórias: “(...) eu quis fazer mais um livro que fosse do Porto, e só do Porto, a começar na Praça Nova, por um esboço da sua mesma história e a acabar em lembranças,

²⁸ Sérgio Campos Matos, *ob. cit.*, págs. 133-134.

²⁹ Sérgio Campos Matos, *ob. cit.*, pág. 134.

³⁰ Cf. João Palma-Ferreira, *ob. cit.*, págs. 64-65.

³¹ Alberto Pimentel, “Advertência indispensável” in *O Porto ha Trinta Annos*, Porto, Livraria Universal, 1893.

casos, memórias truncadas, que não desdizem do título geral (...) ”³². E, como já tinha sido salientado na advertência do autor na obra *O Porto há Trinta Anos*, estas não serão memórias alheias, mas as que o próprio autor recorda: “ Dada esta desculpa, parecerá menor a audácia. Sobretudo, se eu invocar também em meu favor a comovida saudade com que, nesta hora tarda, lanço os olhos sôbre o passado e o recorde longamente.”³³

Das palavras transcritas do autor, depreendemos que a escrita de memórias não ocupa apenas a função de meras confissões subjectivas, pois, ao evocá-las, o autor pretendeu traçar uma impressão geral do Porto do seu tempo. Cruzando, por conseguinte, os factos individuais com os histórico-sociais.

Esta espécie de cruzamento entre a História e a memória, que está presente na escrita memorial, relaciona-se com a especificidade do género. Como já foi salientado: “Não consistem as memórias, apenas, em confissões subjectivas; não são meras autobiografias, tão-pouco, porque nas memórias, exactamente como na vida, os factos individuais e até, em parte, os sentimentos e paixões estão inscritos nos factos históricos e sociais que lhe condicionam as manifestações.”³⁴ Portanto, não obstante a presença da subjectividade, aquilo a que Clara Rocha denomina de “filtragem subjectiva”³⁵, a narrativa memorialista apresenta um fundo histórico-cultural.

É a recordação do passado que motiva, como o próprio título indica, a obra *Através do Passado*. Esta obra constituída por artigos escritos em diferentes datas, sendo o assunto de cada um deles impulsionado por acontecimentos presentes (leitura de uma notícia, conhecimento de uma morte, entre outros), serve de pretexto para o autor, pela memória, viajar *através do passado*.

Por conseguinte, a “substância d’este livro” – *Através do Passado* – é constituída por “Recordações de amigos extintos, histórias de outro tempo que, por serem antigas,

³² Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 13.

³³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 14.

³⁴ Cf. Chaves Castelo-Branco, *Memorialistas Portugueses*, Amadora, Biblioteca Breve, 1978, pág. 10.

³⁵ Clara Rocha, *Máscaras de Narciso – Estudos sobre Literatura Autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1992, pág. 39.

teem apenas a poesia das cinzas, conquanto n'um ou n'outro relanço possam doirar-se fugazmente d'um frívolo tom de ligeireza (...) ”³⁶.

De facto, como é dito no referido volume, muitos fenómenos são retidos na memória para sempre. Ao fazer-se referência ao poema *D. Jaime* de Tomás Ribeiro, que apareceu em 1862, quando Alberto Pimentel tinha apenas 13 anos, é dito que: “Li-o decerto sem o entender, mas o caso é que me ficaram na memória para toda a vida muitos trechos do *D. Jayme* (...) ”³⁷.

Estes factos do passado são revividos, ou melhor, são lembrados através do impulso de acontecimentos ocorridos no presente. Veja-se como o autor, apesar de referir a permanência na memória de trechos do *D. Jaime*, explica o motivo da sua recordação no tempo presente: “ (...) de um d’elles me lembrei eu esta semana enquanto duas philarmonicas entoavam estridorosamente o hymno da restauração (...) ”³⁸.

Ao longo da obra *A Praça Nova*, Alberto Pimentel não esconde a contínua presença das suas memórias: “ Seja-me contudo permitido vincar, no canhenho das minhas lembranças, a página que diz respeito ao Café da Graça (...) ”³⁹. Assim, ao correr da pena, o leitor sente a brisa fresca das recordações da mocidade: “Era um botequim de estudantes, onde passei não poucas horas em alegre convivência com os meus condiscipulos, sem nos importarmos com os caturras do dominó, mas importando-nos algum tanto com as lindas farinheiras e loiceiras que, de canequinha em punho, iam ali fazer a sua provisão de café.”⁴⁰

Em *A Praça Nova*, quanto à estátua que foi construída em 1819, nomeadamente sobre o frontispício que “representa o Porto com aspecto aguerrido”, é referido que: “ Eu nunca a vi de perto, mas tenho uma vaga recordação de me parecerem as suas pernas desproporcionais ao tronco.”⁴¹ E, como a memória não consegue armazenar toda a informação, acrescenta-se: “ E quanto ao aspecto indumentário, não sei, não me lembro se terá quaisquer defeitos.”⁴²

³⁶ Cf. Alberto Pimentel, “Duas palavras de Prólogo” in *Atravez do Passado*, ob. cit., págs. I-III.

³⁷ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 75.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 82.

⁴⁰ *Ibidem*, págs. 82-83.

⁴¹ *Ibidem*, pág. 65.

⁴² Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 65.

De acordo com as palavras transcritas, constatamos que, não obstante nunca ter estado em presença da dita estátua, o autor recorda-a. Ou seja, se aparentemente pudéssemos pensar que esta recordação é meramente impessoal, verificamos, em seguida, a emoção com que o autor exclama: “ Ah! mas do que me lembro bem, muito bem, é da feliz expressão característica dessa estátua, tão vigorosa de brio, de altivez e dignidade cívica.”⁴³ Note-se que a referida expressão da estátua emocionou de tal modo o escritor que impulsiona a escrita de um discurso metafórico de enaltecimento, baseado no “simbolismo patriótico” do monumento⁴⁴.

O sentido da subjectividade que Alberto Pimentel revela ao recordar factos aparentemente impessoais tornar-se-á claro se tivermos em conta o que já foi defendido por Georges Gusdorf: “Tous les souvenirs et le plus impersonnels d'apparence, peuvent se charger de résonances affectives et me mettre personnellement en cause.”⁴⁵

É “recomposto pela memória” que o capítulo “ Um bouquet de Joannas” aparece na obra *Através do Passado*. Por isso, no desfecho do capítulo, surge o seguinte parágrafo: “E agora, que reviveste um momento, voltae de novo, sombras queridas, a esconder-vos na cidade longinqua das minhas saudades, illuminada pelos clarões escarlates de um bello sol que se apaga.”⁴⁶

Não podemos esquecer que a maioria dos volumes que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto foram elaborados em Lisboa. Como já tivemos oportunidade de referir, o escritor instala-se em Lisboa em 1873 e a produção literária dedicada à cidade Invicta teve início em 1872, estendendo-se até 1916.

Este afastamento não é só espacial mas também temporal entre o sujeito que recorda e o objecto recordado, ou seja, estamos perante a reconstituição de factos que ocorreram no passado. Por isso, longe da sua terra natal, ou seja, distante do assunto portuense das suas obras, o escritor procura na memória as fontes para o seu relato.

⁴³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 65.

⁴⁴ Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 65-66.

⁴⁵ Cf. Georges Gusdorf, *Mémoire et Personne*, Paris, coleção Bibliothèque de Philosophie Contemporaine, Presses Universitaires de France, 1951, pág. 143.

⁴⁶ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 100.

Como já alguém notou com razão, as memórias estão frequentemente associadas a um afastamento: “Fruits de l’âge et d’un exil volontaire ou involontaire, les Mémoires sont donc avant tout, comme le nom l’indique, un acte d’élucidation des souvenirs d’un acteur de l’Histoire devenu son propre narrateur, c’est-à-dire, comme l’écrit magnifiquement Chateaubriand, «un temple de la mort élevé à la clarté de [ses] souvenirs»”⁴⁷.

Com efeito, os relatos e as narrações de Alberto Pimentel baseiam-se em impressões visuais guardadas na memória, são lembranças daquilo que foi visto e experimentado. Logo, devido à inexistência de um contacto presente, directo e próximo, com o universo narrado, o autor revela, no seu discurso, a presença de algumas dúvidas.

Em *O Porto há Trinta Anos*, encontramos uma referência ao Porto pautada pela incerteza:

“Ha vinte e tantos annos era no *Caneiro pequeno* que os aldeões de Cima-do-Douro tomavam banho.

N’aquelle tempo, e não sei se ainda hoje, havia o *Caneiro grande* e o *Caneiro pequeno*.”⁴⁸

De igual modo, no volume *A Praça Nova*, no uso de certas expressões discursivas, identificamos as dúvidas do autor: “Parece que (...) a julgar pelos seguintes factos.”⁴⁹; “provavelmente”⁵⁰; “ Desde este último ano até ao séc. XVIII não sei quais seriam as enfitentas.”⁵¹; “ parece que”⁵²; “Li algures que (...)”⁵³; “ (...) parece ter sido (...)”⁵⁴; “Se assim foi (...) é possível (...)”⁵⁵; “Conheci durante muitos anos o tanque da Praça Nova.

⁴⁷ Henriette Levillain, *Mémoires d’Hadrien de Marguerite Yourcenar*, Paris, Gallimard, 1992, pág. 94.

⁴⁸ Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Annos*, ob. cit., pág. 246.

⁴⁹ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 18.

⁵⁰ *Ibidem*, pág. 19.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 26, em nota do autor.

⁵⁴ *Ibidem*, pág. 27.

⁵⁵ *Ibidem*, pág. 28.

Não sei que destino teve depois que foi retirado dali (...) ”⁵⁶; “Não sei se (...) Penso até que não seria. Mas sei que (...) ”⁵⁷.

Encontramos dúvidas e incertezas do autor em muitas das referências ao Porto. Por isso, não sendo o volume *Através do Passado* excepção, veja-se, a título ilustrativo, a presença da seguinte dúvida na memória do autor:

“Uma irmã d’este poeta [Alfredo de Carvalho], D. Branca de Carvalho, cultivava também as letras, e *quer-me parecer que* chegou a publicar um romance no *Jornal do Porto*.

Mas a minha memoria vacilla pelo que toca a recordações d’esta família de litteratos.”⁵⁸

Assim, como aquilo que é narrado diz respeito a memórias do passado, o autor apresenta algumas incertezas: “ A première realizou-se n’um sábado, *creio eu*. A segunda recita, *se continuo a não estar em erro*, effectuou-se no domingo, em beneficio a Sá Noronha.”⁵⁹

É de salientar que, em *Através do Passado*, se por um lado, a dado momento da obra, o autor refere que a toada dos caldeireiros “por alguns annos me ficou na memoria”, por outro, devido à impossibilidade da memória armazenar toda a informação, é dito que: “Não posso reproduzir na integra os meus versos d’aquella noite, mas direi apenas as duas primeiras estrofes, que conservo na memoria (...) ”⁶⁰.

Como foi dito por Fernando Catroga, a memória “não é um armazém que, por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo, um mero *registo*; mas é retenção afectiva e «quente» do passado feita dentro da tensão tridimensional do

⁵⁶ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 65.

⁵⁷ *Ibidem*, págs. 61-62.

⁵⁸ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 26, itálico nosso.

⁵⁹ *Ibidem*, pág. 104, itálico nosso.

⁶⁰ *Ibidem*, pág. 105.

tempo.” Logo, como conclui o autor, “os seus elos com o esquecimento obrigam a que somente se possa recordar partes do que já passou.”⁶¹

Georges Gusdorf, ao debruçar-se sobre o fenómeno do esquecimento sofrido pela memória, realça a componente individual que o motiva: “L’intention personnelle qui motive la résurgence de tel ou tel aspect de notre passé, entraîne aussi l’indisponibilité du reste. Et non pas seulement parce que le tout du passé ne saurait nous être présent ensemble, pour une simple raison d’extension du champ de la conscience. Mais aussi parce que toute affirmation d’une valeur pose en même temps la négation des valeurs opposées à la première ou non compatibles avec elle.”⁶²

Assim, devido à especificidade da componente individual, as características de cada memória diferem de indivíduo para indivíduo. O autor em apreço, enquanto ser individual, apresenta uma memória específica, com características próprias, facto que advém da sua cultura e experiência individuais⁶³.

Por conseguinte, ao espelho da memória, Alberto Pimentel evoca, de acordo com a sua individualidade, o Porto que conheceu. Traçando, ao correr da pena, o sentimento do seu burgo natal.

⁶¹ Fernando Catroga, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto Editora, 2001, págs. 20-21.

⁶² Georges Gusdorf, *Mémoire et Personne*, ob. cit., vol. II, pág. 312.

⁶³ Esta ideia é realçada por Georges Gusdorf quando é dito que: “Il n’y a pas une mémoire, la même pour tous, mais bien autant de mémoires particulières que d’individus. Chaque mémoire, dans sa composition et dans son rythme, traduisant l’affirmation singulière de chaque homme dans le monde.” – cf. Georges Gusdorf, *Mémoire et Personne*, ob. cit., vol. I, pág. 230.

2. 1. – Os dois lados do espelho da memória: o presente e o passado

Alberto Pimentel observa a Invicta numa perspectiva que põe em confronto o que ela era no passado e o que ela é no presente, isto é, no tempo coevo ao acto da escrita. Observe-se que, na obra *Fitas de Animatógrafo*, Alberto Pimentel, referindo-se a Lisboa, revela a forma como analisa uma cidade:

“ Além do encanto que para mim tem o reconstituir mentalmente a cidade antiga, conduzido pela mão dos escriptores que melhor a têm estudado, interessa-me o confronto com a cidade actual nos seus aspectos parciaes, nos seus naipes de classes, na vida interior de cada zona em que Lisboa pode dividir-se.”⁶⁴

Por conseguinte, interessado no confronto entre a cidade antiga e a cidade *actual*, no Porto descrito por Alberto Pimentel, verificamos a permanência da associação entre o presente e o passado. Pois, como é dito pelo autor, a aproximação entre o presente e o passado, ocorre sempre que este se encontre “face a face com qualquer incidente da vida que possa ter um subtil fio de saudade a ligal-o ao passado!”⁶⁵.

Nesta união estabelecida entre o passado e o presente, o livro desempenha uma função primordial. No prefácio à 2.^a edição *Do Portal à Clarabóia*, é dito que a referida obra é perspectivada como união entre o presente e o passado: “ Este livro, pela epoca e circunstancias em que foi escrito, é porventura o laço mais estreito entre o meu presente e o meu passado.”⁶⁶

No capítulo XIX da obra *O Porto há Trinta Anos*, após a descrição da Foz de há trinta anos, o autor descreve a Foz como ela é no seu tempo. A *ponte discursiva* entre as

⁶⁴ Alberto Pimentel, *Fitas de Animatógrapho*, ob. cit., pág. 138.

⁶⁵ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 78.

⁶⁶ Cf. Alberto Pimentel, “Prefácio da 2.^o edição” in *Do Portal á Claraboia*, 2.^a edição, Lisboa, Guimarães & C. ^a, 1913, pág. 78.

duas descrições é elaborada através do advérbio de tempo “Hoje”⁶⁷, possibilitando, por conseguinte, a escrita das impressões do próprio autor sobre a *Foz actual*.

Com efeito, o confronto entre o passado e o presente origina, por vezes, a presença da subjectividade do autor perante a objectividade da realidade presente. Como foi dito por Fernando Catroga: “ (...) a memória será sempre axiológica, fundacional e reactualizadora de um passado que tende a fundir, no presente, a subjectividade com a objectividade.”⁶⁸

Assim, atente-se na indignação que Alberto Pimentel expressa na seguinte expressão: “ Pois, agora, em 1910, que miséria, que nudez, que abandono e que...porcaria!”⁶⁹. De facto, só em *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, encontramos comentários, do tipo: “Isto tem mudado muito”⁷⁰, “ foram tempos!”⁷¹, ou, ainda, “Tambem foram tempos!”⁷².

Durante a leitura dos textos que o autor dedicou ao Porto, identificamos, recorrentemente, o confronto moral entre o presente e o passado. Ao referir a forma como se namorava “antigamente”, afirma-se que: “Eu tambem assim namorei...Sei bem quanto eram inebriantes esses momentos de tímida e honesta felicidade.”⁷³ Mais adiante, é salientada a diferença entre os “costumes antigos” e os do “tempo actual”: “ Agora os costumes são outros (...) ”, “Casa-se numa alucinação efémera, e segue-se à lua de mel...o divórcio.”⁷⁴

E, se estamos perante a recordação como meio para impulsionar o confronto entre o passado e o presente⁷⁵, podemos dizer que a realidade passada, retida na memória,

⁶⁷ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., cap. XIX, pág. 244. Veja-se, ainda, a pág. 123, na qual o confronto entre o Porto de há trinta anos e o *Porto actual* é concretizado discursivamente pelo mesmo advérbio de tempo – “Hoje”.

⁶⁸ Fernando Catroga, ob. cit., págs. 39-40.

⁶⁹ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 83. Atente-se que este livro foi publicado em 1916, no entanto, tudo indica ter sido escrito em 1910. Pois, para além da presente referência ao ano de 1910, encontramos, numa página anterior (pág. 55), a referência ao mesmo ano.

⁷⁰ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d'uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 18.

⁷¹ *Ibidem*, pág. 14

⁷² *Ibidem*, pág. 19.

⁷³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 237.

⁷⁴ *Ibidem*, pág. 237.

⁷⁵ Como já foi dito por Georges Gusdorf, o acto de recordar implica, desde logo, uma relação entre o presente e o passado: “Le souvenir remémore traduit un certain rapport du passé au présent.” – cf. Georges Gusdorf, *Mémoire et Personne*, ob. cit., pág. 272.

desempenha um papel importante na motivação do confronto temporal que encontramos nas obras que Alberto Pimentel escreveu sobre a Invicta.

Resultante das recordações da mocidade, o autor procede à descrição da *grisette* do seu tempo de juventude, confrontando-a com a “grisette actual”⁷⁶. Igualmente, não escapa a comparação da “actual” procissão de Passos no Porto com a da sua infância: “Lembro-me muito bem como se fazia d’antes a procissão de Passos no Porto. (...) No meu tempo já não havia a cantilena dos rapazes, – mas havia, oh! se havia ainda! na procissão da sexta-feira, o fagote.”⁷⁷

Observe-se ainda que, em *O Porto há Trinta Anos*, Alberto Pimentel compara os valores morais portuenses de há trinta anos e os que vigoram no *tempo actual*. Pois, há trinta anos, “Não se tinha ainda então atirado o véo da decencia para traz dos moinhos.”⁷⁸ Mais adiante, é dito que: “O Porto de ha trinta annos, era, quanto aos costumes pouco menos que um Eden. Bem o temos visto.”⁷⁹ De facto, bem o leitor o tem visto – “o tempo modificou os costumes”⁸⁰ –, pois, esse é o intuito moralista que se pretende atingir ao confrontar o presente e o passado.

Podemos relacionar esta mensagem e respectiva função pedagógica com aquilo que é dito por Fernando Catroga, quanto à utilidade que a História adquiria no séc. XIX: “(...) em Oitocentos, se vivia [vivia-se] num clima decadentista, situação que certos grupos ascendentes procuravam superar, incitando a opinião pública a colher lenitivos nos ensinamentos do passado.”⁸¹

De facto, como se pode constatar, na comparação que o autor estabelece entre o passado e o presente, “o passado é oferecido como arquétipo ao presente e ao futuro”⁸². Veja-se aquilo que é dito pelo próprio:

⁷⁶ Cf. *ibidem*, págs. 208-209.

⁷⁷ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, *ob. cit.*, pág. 230. Cf. ainda *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, *ob. cit.*, págs. 77-78, aquando o autor procede à comparação entre o carnaval portuense da sua infância e o carnaval *actual*.

⁷⁸ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, pág. 103.

⁷⁹ *Ibidem*, pág. 105.

⁸⁰ O autor utiliza esta expressão em *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, *ob. cit.*, pág. 214.

⁸¹ Fernando Catroga, *ob. cit.*, pág. 59.

⁸² *Ibidem*, pág. 61.

“ Tirarei respeitosamente o meu chapéu para saudar a velhice, sempre que se não degrade a si mesma. E quando ella assignala a sua passagem com um rastro de luz, eu não tenho duvida em confessar publicamente, agora e sempre, que dirigo a minha rota pelo esteiro do seu leme.

Acatando a velhice, julgo estar na consciencia do dever (...) ”⁸³.

Note-se que estamos perante um espírito que se sente “ (...) expulso do passado pela distancia e do presente pela estranheza.”⁸⁴

Este aspecto da valorização do passado em prol do presente é uma característica inerente ao próprio género memorialístico. Com efeito, como é salientado por António Cândido Franco, o enaltecimento do passado face ao presente constitui “uma metalinguagem sobre o memorialismo”⁸⁵.

Por outro lado, é de salientar que se um acontecimento presente motiva, de imediato, uma lembrança passada, o fenómeno se relaciona com o facto de a ordem narrativa obedecer, por vezes, ao fluxo das memórias. Já Georges Gusdorf notou com razão que: “C’est la situation actuelle qui motive l’évocation de tel ou tel souvenir.”⁸⁶

É esse fluxo das memórias que faz com que identifiquemos a frequência anafórica com que o verbo lembrar e respectiva flexão surgem no texto, permitindo-nos, por conseguinte, constatar o gosto que o autor revela no acto de recordar o passado⁸⁷.

Veja-se o prazer em recordar que, em 1893, o autor revela nas seguintes palavras extraídas da obra *O Porto há Trinta Anos*:

⁸³ Alberto Pimentel, *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., pág. 41.

⁸⁴ Alberto Pimentel, “Prólogo da 2.^a edição” in *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., pág. 8.

⁸⁵ António Cândido Franco (prefácio de), Teixeira de Pascoais, *Livro de Memórias*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, pág. 12.

⁸⁶ Georges Gusdorf, *Mémoire et Personne*, ob. cit., vol. I, pág. 272.

⁸⁷ A título ilustrativo, vejam-se as expressões retiradas de obras, tais como, *A Praça Nova* – “Lembro-me muito bem” (ob. cit., págs. 183 e 192), “Também me lembro muito bem” (ob. cit., pág. 184) –, ou *O Porto há Trinta Anos* – “lembro-me” (ob. cit., pág. 196).

“ É um gosto dos velhos, pelo menos d’aquelles que vão envelhecendo, como eu, contar aos novos os factos de que a sua memoria esta cheia.

É um gosto, porque parece que allivia a memoria do peso das recordações...”⁸⁸.

Como é salientado por Alberto Pimentel, este é um prazer próprio da velhice, ou seja, “ (...) é um prazer dos velhos reviver o passado pela recordação e pela saudade.”⁸⁹ No entanto, não obstante a idade, o autor salienta a sua propensão natural para a reconstrução do passado: “ Eu tive sempre o culto do passado (...) ”⁹⁰.

É devido a este prazer em recordar o passado, que o autor explica a reedição de 4 volumes seus, reunidos em 1905 sob o título *Seara em Flor*: “ Dál-os novamente ao prelo não é uma vaidade serôdia, mas apenas um desejo de renascença, de regresso ao passado, que os velhos compreendem bem, e os moços hão de compreender algum dia.”⁹¹

Numas palavras datadas de 1933, Fidelino de Figueiredo considera que a tendência para o memorialismo, como a que identificamos em Alberto Pimentel, é característica da cultura portuguesa. Segundo o autor, o memorialismo é definido como “a posição de espírito de quem se deleita preferentemente em recordar e entesourar lembranças. (...) O memorialista tem os olhos no *occiput*, só vê o seu caminho depois de percorrido, mas desenhado com recordações; vive na irreabilidade, qual um místico.”⁹² Fidelino Figueiredo conclui o seu raciocínio advertindo que: “O português médio é um memorialista”⁹³.

Assim, ao termos em conta a teoria defendida por Fidelino de Figueiredo, podemos atestar que Alberto Pimentel representa bem o espírito memorialista do português. Aquele português que “se contenta em guardar e evocar”⁹⁴, um “bom conservador”⁹⁵, “homem que conta bem, que recorda, que descobre antecedentes”⁹⁶.

⁸⁸ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 260.

⁸⁹ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 6.

⁹⁰ Alberto Pimentel, “Prólogo da 2.ª edição” in *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., pág. 7.

⁹¹ Alberto Pimentel, Prefácio a *Seara em Flor*, Lisboa, Livraria Editora, 1905, vol. I, págs. 8-9.

⁹² Fidelino de Figueiredo, “Memorialismo e Voluntarismo” in *Ideias de Paz*, Lisboa, Portugália Editora, 1966, pág. 113.

⁹³ Fidelino de Figueiredo, ob. cit., pág. 114.

⁹⁴ *Ibidem*, pág. 113.

⁹⁵ Fidelino de Figueiredo, ob. cit., pág. 114.

⁹⁶ *Ibidem*.

Vejamos, em seguida, como, à lareira do passado, Alberto Pimentel, cultor dos tempos idos, conta, em retrospectiva, as suas memórias do Porto.

2.2. – A infância revivida

O género memorialístico, que utiliza como meio a recordação, é o género que melhor permite a reconstituição do passado: “ (...) trabalhando n’este genero de escriptos, eu obedeço gostosamente a uma natural inclinação do meu espirito para a reconstrucção do passado, que a saudade illumina. Sinto-me bem remexendo as cinzas e contemplando as ruínas que o tempo deixou. Não sei se até certo ponto entrará n’isto o egoismo de, pelo que me respeita, reviver pela memoria os dias que já vão longe.”⁹⁷

“Egoísmo” ou não, o certo é que encontramos, nas obras que o autor consagra ao Porto, longas páginas onde estão inscritas descrições ligadas a reminiscências melancólicas da infância. De facto, característico das memórias, o *tópico do locus amoenus da infância*, como o nomeia Clara Rocha⁹⁸, pauta recorrentemente o discurso em estudo.

De acordo com a opinião de Georges May, o ser que ainda não está completamente formado, o da infância ou da juventude, é aquele onde a força da universalidade é mais elevada. Por conseguinte, o autor, ao lembrar recordações da infância ou da juventude, vai ao encontro do gosto do leitor. Como é dito por Georges May: “(...) chez l’un besoin de ressusciter et d’éterniser un passé disparu et particulièrement cher, et chez l’autre plaisir de se retrouver en autrui et de se rassurer sur sa propre normalité”⁹⁹.

Em *O Porto há Trinta Anos*, as recordações da infância são inseridas, coerentemente, no discurso. Estas vêm sempre a propósito porque estão relacionadas com aquilo de que se está a falar no momento. Se o assunto se reporta às companhias de artistas que estiveram no Porto, tem cabimento o autor referir que: “Quando eu era pequeno, havia no Porto um Tivoli, á rua Formosa. Não me lembro se tinha montanha russa. Creio que sim. Mas recordo-me perfeitamente de que alli se fizeram algumas ascensões aerostaticas aos domingos de tarde.”¹⁰⁰

⁹⁷ Alberto Pimentel, “Prólogo da 1.ª edição” in *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., pág. 5.

⁹⁸ Clara Rocha, ob. cit., pág. 117.

⁹⁹ Georges May, *L’autobiographie*, ob. cit., págs. 107-108.

¹⁰⁰ Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Anos*, ob. cit., pág. 56.

E, se é dito que “esteve no Porto um theatro mecanico, armado no meio da praça de Carlos Alberto”, o autor recorda e revela ao leitor as sensações da infância que esse acontecimento lhe provocou: “Fez as delicias de uma noute da minha infancia. A enchente não podia ser maior, mas só a minha alegria teria bastado para encher o theatro.”¹⁰¹

De facto, ao longo do discurso, aqui ou ali, ao escrever as recordações da sua infância, o autor traça as impressões que dessa fase da vida guardou na memória. Note-se como o autor, após recordar os seus nove anos, quando conheceu Artur Napoleão, o famoso pianista portuense, descreve a impressão desse momento, recortada de extrema nostalgia:

“ Nunca se me desluziu da memoria a recordação d’essa noute em que aquelle mocinho de quinze annos, sentado ao piano, parecia, como um homem robusto, que aliás nunca poderia vir a ser, fornecer musica, valente e intrepidamente, tal era a energia de pulso com que elle atacava o teclado, parecendo ás vezes que ia cahir extenuado sobre elle...”¹⁰²

Portanto, nas descrições do Porto esboçadas por Alberto Pimentel, a infância é o marco de referência dos acontecimentos relatados. Daí que o autor recorde os nomes que as ruas possuíam no espaço temporal da sua infância.

Em *A Praça Nova*, é dito que: “ *Na minha infancia* chamava-se à actual rua da Madeira, que ainda hoje sóbe da estação de S. Bento para a Praça da Batalha, chamava-se dizia eu, «a calçada da Teresa» *tout court*.”¹⁰³. Ou, ainda, num outro momento da obra, é referido que, “aos largos passeios que vinham desde o largo do Anjo paralelos ao limite

¹⁰¹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 58. De igual modo, na página 255 da obra em questão, inserido no intuito de descrever o partido miguelista de o Porto há trinta anos, encontramos o relato das recordações de infância do autor. Cf. ainda a utilização do mesmo processo na pág. 73, quando o assunto é o *carroção* e nas págs. 228-233, quando o assunto é o Convento de Ave Maria. Veja-se que, na obra *O Porto por Fóra e por Dentro* – Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1878 –, Alberto Pimentel intercala o relato do uso do lampião no Porto com as memórias da sua infância (vide pág. 26).

¹⁰² Cf. Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 142.

¹⁰³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 28-29. Itálico nosso.

oriental do vasto e despido Campo da Cordoaria (...) Dava-se-lhes *na minha infância* o nome de Passeios da Cordoaria”.¹⁰⁴

Em *O Tripeiro*, num artigo, escrito em 1874, dedicado ao Conde de Ferreira, Alberto Pimentel salienta a invocação da sua infância como causa impulsionadora para a elaboração do dito artigo:

“ Evoco uma das recordações da minha descuidada infância, e facilmente remonto ao tempo em que eu conheci o legendário conde de Ferreira, anichado dentro da sua velha traquitana, puxada por umas velhas mulas, governada por um velho cocheiro, de cabellos brancos e chapéu de oleado. Frequentava eu n’esse tempo o lyceu nacional do Porto.”¹⁰⁵

Um aspecto digno de nota é o discurso panegírico que encerra o referido artigo: “Honro, com pequeno sacrificio de tempo e trabalho, um cidadão glorioso, e uma cidade gloriosa, que é minha pátria – o Porto.”¹⁰⁶ Saliente-se como, nestas palavras, vibra o orgulho tripeiro do autor e lembremos aquilo que foi dito por Mário Portocarrero Casimiro, relativamente aos artigos publicados por Alberto Pimentel em *O Tripeiro*. Este autor, também tripeiro de gema, caracteriza-os, dizendo: “ Há artigos seus no *Tripeiro*, jornal sentimental publicado em honra do Porto, que definem o seu carácter, o seu temperamento, a sua alma sempre em vibração, correspondendo à vibração desta cidade.”¹⁰⁷

¹⁰⁴ *Ibidem*, pág. 80. Itálico nosso.

¹⁰⁵ Alberto Pimentel, “Conde de Ferreira” in *O Tripeiro*, Porto, n.º 2 de 10 de Julho de 1908, págs. 25-26. Em 1981, este artigo é reunido no volume intitulado *Homens e Datas*, editado pela Lello & Irmão. De acordo com a opinião de Henrique Marques, o incansável compilador da bibliografia de Alberto Pimentel, este volume é constituído por 20 artigos que já tinham sido publicados, em Lisboa, no *Diário Ilustrado* (cf. Henrique Marques, “Bibliografia Pimeneliana” in *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, *ob. cit.*, pág. 305). Por conseguinte, o artigo intitulado “Conde de Ferreira” terá sido publicado inicialmente para o dito jornal lisboeta.

¹⁰⁶ Alberto Pimentel, “Conde de Ferreira” in *O Tripeiro*, *ob. cit.*, pág. 26.

¹⁰⁷ Mário Portocarrero Casimiro, *ob. cit.*, págs. 75-76.

Do conjunto subjectivo, a transbordar de emotividade, das recordações da infância fazem parte quer a sua “querida rua da Sovella”¹⁰⁸, quer a sua “velha criada Joana”¹⁰⁹, quer, ainda, a sua “querida egrejinha de Cedofeita”¹¹⁰. É com extremo carinho que Alberto Pimentel recorda a infância, aquela que é considerada como uma “flôr que o tempo desfolha, mas cujas pétalas conservam, durante toda a existencia, um perfume insinuante!”¹¹¹.

¹⁰⁸ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., págs. 147-151. Na página 151, Alberto Pimentel recorda com emotividade essa rua portuense onde nasceu: “O que eu sei é que nasci n’aquella rua, e alli me criei e passei os annos ditosos da infancia. O que também sei, com profunda magua minha, é que a casa onde nasci foi arrasada, o que priva da gloria de uma lapide commemorativa do meu nascimento.”

A casa da rua da Sovella foi comprada e demolida pela Câmara Municipal do Porto, que tinha por objectivo alargar a Rua Mártires da Liberdade (cf. as seguintes obras de Alberto Pimentel: *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., pág. 28 e “Memorias d’uma Familia Portuense” in *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit., pág. 268).

Em homenagem ao escritor portuense, ao antigo local onde outrora existia a casa de família, foi dado o nome de Largo Alberto Pimentel. Pelo que nos é dado depreender de uma artigo publicado em *O Tripeiro*, a proposta da comissão executiva da Câmara Municipal do Porto, para ser dado o nome de Largo Alberto Pimentel ao largo que fica situado no local onde existira a casa onde nascera o escritor, é datada de Dezembro de 1925, ou seja, aproximadamente cinco meses após o falecimento do escritor – cf. *O Tripeiro*, III série, ano I, n.º 1 de Janeiro de 1926, pág. 3.

¹⁰⁹ São inúmeras as referências que Alberto Pimentel faz à sua “velha criada Joana” – veja-se *Atravez do Passado*, ob. cit. págs. 43-44, págs. 92-93; *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 35; *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit. págs. 198-208 e pág. 264 e *Espelho de Portuguezes*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1901: vol. I, pág. 264.

¹¹⁰ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit., págs. 198-203.

¹¹¹ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 290.

2.3. – Porto, terra de saudades

Em Alberto Pimentel, o Porto é um lugar de memória, onde as lembranças são recordadas *diante do espelho da saudade*¹¹². De facto, a nostálgica saudade é frequentemente referida como um sentimento traduzido pelo acto de recordar.

Georges May refere a abolição do tempo como um dos prazeres que o Homem retira do reavivar de lembranças passadas: “Cet instinct qui nous pousse à ranimer les souvenirs du passé peut donc être la source de certaines des plus grandes joies que l’homme puisse éprouver, lorsque le mécanisme fonctionne, que le miracle se produit et que le temps est aboli.”¹¹³

No entanto, o estudioso francês explica que, não obstante a alegria que se possa retirar ao reavivar o passado, ela é efémera, originando, como verificamos em Alberto Pimentel, a nostalgia da saudade: “Mais la joie de ces réussites est éphémère. Le miracle du retour en arrière se paye toujours de la rechute dans le présent, qui le suit inévitablement. C’est ce qui fait que ce mobile autobiographique touchant au passage du temps, la nostalgie, présente sa face angoissée aussi souvent, sinon plus que sa face joyeuse.”¹¹⁴

Em *A Praça Nova*, é dito que: “Se eu recordo com saudade as noites festivas de 9 de Julho na Praça Nova, também não deixo de recordar, talvez com maior firmeza da memória, e ainda com uma vaga impressão de pavor, a noite trágica de 11 de Outubro de 1860 (...)”¹¹⁵.

¹¹² Ao divagar sobre o contexto da saudade, o autor, perante uma situação específica que lhe aconteceu, refere aquilo que sentiu, dizendo: “achei-me deante do espelho da saudade”. Pois, “(...) a saudade de nós mesmos transforma-se n’um como pequeno espelho de algibeira, que a cada momento consultamos com o *gosto amargo* de Garrett, gosto de recordar horas felizes da vida, amargura de para sempre as termos perdido.” Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 230.

¹¹³ Georges May, *L’autobiographie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1979, pág. 51.

¹¹⁴ Georges May, ob. cit., págs. 51-52.

¹¹⁵ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 194-195.

E, se por um lado, a saudade nasce do acto de recordar, por outro, é a memória que permite consolar a saudade :

“Pois d’essa luz baça, crepuscular da saudade, luz ao mesmo tempo suave e triste, se illuminam as paginas d’este livro [*Atravez do Passado*]. Arreboes, faiscas de auroras purpurinas não ha encontral-os aqui, porque já passaram ha muito. Mas ainda bem que Deus generalizou no coração dos homens essa suprema consolação de tornarem a viver pela memória a vida que já viveram.”¹¹⁶

Esta é a saudade do passado quando é atingida a velhice, ou seja, “Quando a gente começa a ter alguns cabellos brancos vai tomando maior amor ao passado, que é o melhor tempo da vida, – a mocidade, a alegria, a saude, que não voltam mais.”¹¹⁷ Pois, “Quando a alma encanece, compraz-se em viver n’uma atmospha de saudade.”¹¹⁸

É na velhice, que acresce a saudade daqueles que já partiram, ou seja, a saudade daqueles que já morreram. Sobre esses, o autor incita o leitor a que “deixemos cahir uma lagrima sobre a memoria d’aquelles que imprimiram no nosso espirito uma recordação persistente.”¹¹⁹

Sobre esse *Porto há Trinta Anos*, é lançado um nevoeiro de saudade, através do qual o autor vê passar o pai, a mãe e muitos dos seus amigos de infância. Essas “figuras silenciosas, que já não podem responder por mais que lhes acene com o lenço branco, humido de lagrimas, com que os que ficam em terra costumam despedir-se dos que partem mar em fôra para uma longa viagem.”¹²⁰

¹¹⁶ Alberto Pimentel, “Duas palavras de prólogo” in *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. II. Na obra *Vinte Annos de Vida Litteraria* – 2.^a edição, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1908 –, Alberto Pimentel considera o livro *Atravez do Passado* o seu primeiro livro de saudades (vide ob. cit., pág. 111).

¹¹⁷ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit., pág. 230. Cf. ainda, ob. cit., pág. 270 – a velhice é considerada “a idade propria para encelleirar saudades e recordações, como o outono é a época do anno marcada pela natureza para colher os pomos sanzonados.”

Por isso, associando a velhice ao outono, em *Atravez do Passado* (ob. cit., pág. 26) é dito que: “ (...) o meu espirito como um jardineiro que vê aproximar-se o Outomno, prende-se com saudoso apêgo ás ultimas florencias que se despedem do estio...”

¹¹⁸ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 21.

¹¹⁹ Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Annos*, ob. cit., pág. 253.

¹²⁰ Cf. Alberto Pimentel, *ibidem*, pág. 262.

Quanto a este relato de perda dos que são queridos ao autor, podemos aplicar aquilo que foi dito por Clara Rocha, aquando analisou as *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna*. Pois, também nas memórias de Alberto Pimentel, encontramos o “relato duma perda, duma carência (a dos familiares e amigos desaparecidos) que só pode ser compensada ou preenchida através do exercício da memória.”¹²¹ Assim, não obstante o acto de recordar pertencer ao presente, através da memória, o autor reencontra os entes queridos situados num passado vivido.

E, se a saudade acresce na velhice, acresce igualmente com a distância. Por conseguinte, é acompanhado pela nostalgia da saudade que Alberto Pimentel comemora o seu primeiro Natal em Lisboa, longe da terra natal: “Era o primeiro Natal em Lisboa: e diga-se francamente, uma pequenina onda de saudade, mansa mas teimosa, envolvia o meu coração na salsugem de recordações esfumadas, de memorias fugitivas d'aquella noite de festa.”¹²²

Ao longo das várias páginas das obras em apreço, identificamos divagações que versam simplesmente a noção, o significado ou as manifestações da saudade. Estas divagações, devido ao conceito abstracto a que se referem, impulsionam a utilização de um discurso metafórico.

A título ilustrativo, resalte-se o quadro simbólico que é criado a propósito da saudade: “Raro clarão de alegria scintillante lampeja atravez do nevoeiro da saudade, que (...) irisa os contornos das imagens, tornando-as mais ou menos confusas.”¹²³ Mais adiante, o autor define a confusão gerada pela saudade como “falta de achromatismo”¹²⁴ e como uma “doce mistura de luz e de nevoa”¹²⁵. Não obstante os caminhos nebulosos que a caracterizam, estes são considerados como “o maior encanto da saudade”¹²⁶.

¹²¹ Clara Rocha, *Máscaras de Narciso – Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*, ob. cit., pág. 107.

¹²² Alberto Pimentel, *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., págs. 164-165. Em *Atravez do Passado*, o autor recorda igualmente com saudade, o natal portuense da sua infância: “Eu sinto sempre uma deliciosa saudade em recordar os bons tempos da minha infancia, a noite de natal da minha casa paterna, onde as tradições encantadoras d’essa noite sagrada eram fielmente cumpridas no meio de uma san alegria quasi patriarchal.” (*Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 288).

¹²³ Alberto Pimentel, “Duas palavras de prólogo” in *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. I.

¹²⁴ *Ibidem*.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ *Ibidem*.

Várias são as imagens poéticas que o autor cria em torno da saudade:

“ Andorinhas da saudade, vão porventura procurar a primavera de outros corações, onde haja ainda azul e luz em abundância.

Amanhã, abandonal-os-hão talvez, para no seu vôo eterno irem aninhar entre as flôres de nova mocidade, emigrando de geração em geração – sempre com as andorinhas.”¹²⁷

Não obstante serem frequentes as divagações e alusões metafóricas à saudade, encontramos também a saudade referida através de um discurso mais corrente e menos abstracto: “ (...) um dos fenomenos mais vulgares da saudade é valorizar pela ausência os sítios, as coisas e pessoas a que pouca atenção tínhamos dado antes.”¹²⁸

Embora, a obra *O Porto há Trinta Anos* seja composta de um leque variado de descrições, verificamos que muitas delas trazem ecos da subjectividade do autor. Com efeito, Alberto Pimentel não esconde muitos dos sentimentos que as descrições de um Porto antigo lhe traduzem. Refira-se, a título ilustrativo, o sentimento de saudade e nostalgia subjacentes na forma como o escritor portuense recorda Agostinho Albano:

“ Já não vejo Agostinho Albano há muitos annos.

Em que nos peze a ambos, deve estar velho. A ultima vez em que andamos juntos, com o *maestro* Salvini, foi n’uma noite de Carnaval.”¹²⁹

Em *Através do Passado*, a saudade nasce após o autor verificar que, “actualmente”, muita coisa mudou. Por exemplo, recordando a poesia portuense de outros tempos é dito

¹²⁷ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 76. Cf. *ibidem*, págs. 91-92. Na obra *Homens e Datas*, a respeito do quadro de Amberg, Alberto Pimentel divaga sobre a essência da saudade: “ A noite é solidão, o silêncio, a tristeza. Pois bem. A saudade, misto de solidão, de silêncio e de tristeza, redivive a essa hora. Está à sua vontade.” (vide ob. cit., pág. 202). No Prefácio à obra *Seara em Flor*, Alberto Pimentel escreve todo um parágrafo sobre a saudade, onde é dito que: “ A saudade é um gozo dulcificante, apenas obscurecido pela sombra que, no conceito de D. Francisco Manuel, empallidece as visões retrospectivas. Contudo, essa sombra é suave; não amedronta, somente convida a evocar o passado, para revivel-o.” (vide ob. cit., págs. 8-9).

¹²⁸ Alberto Pimentel, “Post-scriptum” in *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 267.

¹²⁹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 99.

que: “ Hoje não há ahi nenhum homem de coragem que seja capaz de pôr na rua uma gazeta lyrica; a coisa esta tão desacreditada já, que nem mesmo qualquer argentario tem procurado uma empreza d’essa ordem para se suicidar.”¹³⁰

Por isso, o autor recorda com saudade: “ Eu lembro-me ás vezes com saudade d’esse bello tempo antigo em que a Grinalda floresceu, em plena rua das Flôres (...) ”¹³¹. É esta emoção da saudade que faz com que o autor exclame: “ Tudo, n’aquelle tempo, eram grinaldas, flôres, poetas e paixões. Que tempos! Que tempos!”¹³².

Assim, esta é a forma como se estruturam as obras de Alberto Pimentel que versam o Porto – a abordagem do Porto “do tempo presente” desperta o recordar saudoso de lembranças passadas. As memórias, que permitem a escrita de recordações, para além de terem como propósito a reconstituição histórica, permitem ao autor um duplo prazer – o de auto-satisfação, obtido pelo simples acto de recordar, e o de auto-reflexão sobre o passado e o presente.

¹³⁰ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 1.

¹³¹ *Ibidem*, pág. 2.

¹³² *Ibidem*.

Capítulo II

O Porto visto de dentro de si mesmo

1. – O Porto pelo testemunho de um portuense

O testemunho é criado a partir da dialéctica que a memória estabelece entre o presente e o passado. Como salienta Paul Ricoeur: “C’est à la faveur de cette dialectique – «comprendre le présent par le passé» et corrélativement «comprendre le passé par le présent» – que la catégorie de témoignage entre en scène à titre de trace du passé dans le present. ”¹

Por conseguinte, no discurso do testemunho, experiência e memória são duas noções que estão intimamente ligadas. Georges Gusdorf refere que: “Le mécanisme de l’expérience est simple: une association de sensations ou de sentiment, à partir de laquelle la totalité d’une situation ancienne nous est restituée”².

Segundo Alberto Pimentel, existem quatro modos diferentes de considerar o Porto:

- 1.º visto do norte do país;
- 2.º visto do sul do país;
- 3.º visto de dentro de si mesmo;
- 4.º visto de fora do país³.

Nas obras que o autor escreveu sobre o Porto, é valorizada a terceira perspectiva, ou seja, a cidade é vista de dentro de si mesmo pelo olhar de um portuense. As descrições elaboradas em torno do Porto são intercaladas com muitas impressões extraídas daquilo que foi conhecido e vivido. Com efeito, muitas das personalidades portuenses referidas são aquelas que Alberto Pimentel conheceu e com quem teve um contacto mais ou menos directo.

Num capítulo da obra *O Porto há Trinta Anos*, ao referir-se aos professores, estudantes e jornalistas do Porto de então, Alberto Pimentel salienta a veracidade do seu

¹ Paul Ricoeur, *La Mémoire, L’Histoire, L’Oubli*, collection «L’Ordre Philosophique», Paris, Éditions du Seuil, 2000, pág. 214.

² Georges Gusdorf, *Mémoire et Personne*, ob. cit., vol. I, pág. 54.

³ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto por Fora e por Dentro*, ob. cit., pág. 7.

testemunho, já que, muitos deles os conheceu pessoalmente⁴. Por exemplo, sobre o Newton, professor da Academia politécnica, é dito que: “Está em Setubal, *onde o vi* ha annos, vivendo com a familia de seu irmão.”⁵ Assim como o Dr. Gramacho, professor da escola médica, amigo de longa data do autor, pois, como é dito pelo próprio: “(...) a quem me prendem laços de antiga amizade (...)”⁶. Sobre o Dr. Macedo Pinto é dito que: “*Quando o conheci*, vivia na opolencia (...)”⁷.

Por conseguinte, como nos é dado constatar, muitos destas antigas personalidades do *Porto antigo* foram amigos, conhecidos, professores ou condiscípulos de Alberto Pimentel, como é salientado pelo próprio. Ao referir os seus nomes, o autor portuense afirma se os conheceu ou não, utilizando expressões tais como: “Lembro-me de o ter visto”⁸, “Lembro-me muito bem d’elle”⁹ ou, ainda, “já não cheguei a conhecer”¹⁰.

De facto, estamos perante a leitura do relato de alguém que, na Praça Nova, “viu dia a dia, e conheceu, se não tratou, todos os homens de considerada posição social que mais assiduamente a frequentavam.”¹¹. Portanto, estamos perante um autor que cumpre a condição indispensável ao memorialista – ter presenciado os factos narrados e conhecido as personagens intervenientes¹².

Esta condição indispensável relaciona-se com a faceta testemunhal do memorialista e que diferencia o seu discurso do simples relato. Como já referiu Eduardo Prado Coelho:

⁴ Como é defendido por Maria Aurélia da Rocha Couto, as memórias apresentam um cunho de maior veracidade: “Ler Memórias é um pouco acreditar que se pode chegar talvez mais e melhor à verdade da História do que lendo os historiadores.” – cf. Maria Aurélia da Rocha Couto – *Contar (a) História(s)*, dissertação de mestrado, Porto, inédita, 1996, pág. 40.

⁵ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 85. Itálico nosso.

⁶ *Ibidem*, pág. 86.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 97.

⁹ *Ibidem*, pág. 99.

¹⁰ *Ibidem*, pág. 140. Cf., também, outras expressões que aparecem ao longo das obras que o autor escreveu sobre o Porto. A título ilustrativo, atente-se nas seguintes expressões extraídas da obra *A Praça Nova*: “Eu não conheci (...) conheci sim (...)” (ob. cit., pág. 171); “Não vi nunca (...) mas conheci (...)” (ob. cit., pág. 176); “Cherubino Lagoa, que ainda vive, era um homem de cinquenta annos quando eu o conheci cartorario da Santa Casa da Misericórdia do Porto.” (ob. cit., pág. 21),

¹¹ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 196-198.

¹² Cf. Chaves Castelo-Branco, ob. cit., pág. 40.

“O relato transmite informações, é da ordem do saber. O testemunho insere-se no paradigma que diz: «eu, a verdade, falo»”¹³.

A presença do sujeito que testemunha a realidade narrada é considerada por Paul Ricoeur como o carácter autodesignativo do testemunho. Segundo o autor: “la spécificité du témoignage consiste en ceci que l’assertion de réalité est inséparable de son couplage avec l’autodésignation du sujet témoignant. De ce couplage procède la formule type du témoignage : j’y étais. Ce qui est attesté est indivisément la réalité de la chose passée et la présence du narrateur sur les lieux de l’occurrence.”¹⁴

É a memória do vivido que o leitor assiste a pulular nas palavras escritas por Alberto Pimentel. E, se essa afirmação testemunhal passasse despercebida a um leitor mais distraído, o autor não esquece de a salientar. Veja-se que, num capítulo sobre a Foz, Alberto Pimentel evidencia, *sem o querer fazer*, a autoridade do seu testemunho: “ Eu, posso dizel-o, quasi vi nascer a Foz. Vai n’isto uma certa exageração, é claro; contudo, todos aqueles que ha vinte e tantos annos tinham só... vinte devem lembrar-se d’essa modesta povoação (...)”¹⁵.

Nestes momentos discursivos, assistimos a um relato segundo a perspectiva do narrador, no qual existe uma relação subjectiva de proximidade entre o assunto narrado e o próprio narrador¹⁶. Ou seja, é o conhecimento do narrador que pauta o relato: “Ha trinta

¹³ Eduardo Prado Coelho, “Literatura e testemunho” in Isabel Allegro Magalhães [et al.] (coordenação de), *Literatura e Pluralidade Cultural – Actas do III Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pág. 37.

¹⁴ Paul Ricoeur, *ob. cit.*, pág. 204.

¹⁵ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, pág. 239.

¹⁶ Devido à subjectividade que caracteriza o testemunho, Urbano Tavares Rodrigues defende que não existe aquilo que intitula de um “testemunho puro”. Pois, de acordo com o referido autor, “Todo o escritor é um imaginativo, quanto mais não seja na escolha dos vocábulos, na constelação metafórica, nas conotações que inevitavelmente estabelece” – cf. Urbano Tavares Rodrigues, “Literatura e testemunho: ambiguidades, incidências e variantes na ficção portuguesa contemporânea” in Isabel Allegro Magalhães [et al.] *Literatura e Pluralidade Cultural – Actas do III Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, *ob. cit.*, pág. 361. De igual modo, Paula Morão salienta o carácter subjectivo presente na escrita testemunhal: “ (...) o testemunho que se quer sinceramente objectivo é traído pela consciência de quem escreve e reconstitui, situando e julgando acontecimentos e seus protagonistas em função do lugar a que o conduziu o seu percurso pessoal.” Como conclui a autora: “ (...) a história do «eu» narrador corre em paralelo com a dos outros (...)”. – cf. Paula Morão, “Memórias e Géneros Literários Afins – Algumas precisões teóricas” in *Viagens na Terra das Palavras: Ensaio sobre Literatura Portuguesa*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, págs. 17-18.

annos *conheci eu* no Porto alguns illustres representantes do partido miguelista, fidalgos de boa linhagem (...) ”¹⁷.

Do mesmo modo, a elaboração das descrições das feiras portuenses tem a sua origem no conhecimento do próprio autor. Pois, nomeadamente, ao proceder à descrição da feira de S. Miguel, o autor diz-nos que: “ Foi assim que *eu conheci* a feira de S. Miguel na praça da Cordoaria.”¹⁸

Quanto à romaria de S. Bartolomeu, é igualmente salientada a experiência do autor: “Em Mattosinhos, onde passei parte do verão, houve á noute numerosos descantes á viola (...) ”.¹⁹ A partir daqui, assistimos à descrição ao pormenor daquilo que foi presenciado nesse momento – “Á meia noute de domingo 23 de Agosto de 1885”²⁰ – em Matosinhos. É de salientar que muitos desses pormenores passam pelo relato de determinadas peripécias humorísticas contadas por alguém que se afirma como “testemunha casual d’esta scena realmente comica”²¹.

Em *A Praça Nova*, escrevendo sobre os armazéns Hermínios, o autor insere no discurso a sua experiência pessoal, dizendo que: “Quando eu agora passei no Porto, era esta a grande novidade de que toda a gente falava.”²² E, mais adiante, acrescenta: “ Pois bem! visto que toda a gente nos mata o bicho do ouvido apregoando a grandiosidade dos “Hermínios”, vamos lá vêl-os, disse eu com os meus botões, *tanto mais que, procedendo assim, cumpria um dever de chronista em viagem.*”²³

Por esta última expressão, destacada por nós em itálico, verificamos que esta função – ver para depois descrever e dar a conhecer aquilo que foi observado – se relaciona

¹⁷ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 257, itálico nosso. Vide, ainda, pág. 261.

¹⁸ *Ibidem*, pág. 155, itálico nosso. Se a presença do verbo conhecer na 1.ª pessoa do singular, identificada com o autor, salienta já por si o conhecimento de quem relata, veja-se que é, ainda, acrescentada ao verbo conhecer a expressão “muito bem”. De facto, na obra *A Praça Nova*, sobre um dos prédios da rua das Flores, é dito que: “ (...) que eu *muito bem conheci* quando nele morava a família Freitas Fortuna.” (ob. cit., pág. 31, itálico nosso).

¹⁹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 164.

²⁰ *Ibidem*, pág. 166.

²¹ *Ibidem*, pág. 170.

²² Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit., pág. 54.

²³ *Ibidem*, pág. 55, itálico nosso.

com um dos deveres que o autor, assumindo-se como cronista em viagem, deverá cumprir²⁴.

Note-se que a descrição daquilo que foi observado não poupa os pormenores, entre eles, a referência à hora da visita aos Hermínios e o esboço caricatural das pessoas que se encontravam nos ditos Armazéns.²⁵ Isto vai de encontro àquilo que Castelo Branco Chaves considera a “substância do género memorialista”: “Ver e observar bem e contar com nitidez e animação o que se observa e o que se viveu.”²⁶

Por outro lado, note-se a forma assaz leve em tom coloquial como, em *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, a propósito do uso da cadeirinha, o autor insere no seu discurso a experiência pessoal, quase como se tratasse de uma espécie de divertimento e entretenimento para o leitor:

“ O meu primeiro passeio n’este mundo foi de cadeirinha, nos braços da snr.^a Dona...E é que me não lembra agora o nome da parteira! Pois eu ainda cheguei a conhecê-la: morava na Ferraria de Cima.

Devo ser grato á cadeirinha, porque foi no seu seio que experimentei as primeiras doçuras da vida: o passeio com uma mulher em liberdade, e a mamadeira cheia de assucar para ir chupando pelo caminho.”²⁷

Por conseguinte, muitas das páginas que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto são pautadas pela experiência do próprio, permitindo, por sua vez, que muitas das descrições da Invicta sejam envolvidas em impressões pessoais. Daqui decorre o motivo de surgir, frequentemente, no texto a expressão: “Muita vez senti essa impressão”.²⁸

Esta subjectividade, recortada por impressões retiradas do vivido, é salientada por Joaquim Ferreira na obra de ensaios intitulada *Passos na Areia*. Segundo o autor: “ Bem

²⁴ Eduardo Prado Coelho realça o sentido visual como indispensável para a condição de testemunha: “toda a testemunha se define como personagem afectada por «o que viram os meus olhos»”. – cf. Eduardo Prado Coelho, “Literatura e testemunho” in *ob. cit.*, pág. 38.

²⁵ *Ibidem*, págs. 58-60.

²⁶ Cf. Castelo-Branco Chaves, *ob. cit.*, pág. 58.

²⁷ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, *ob. cit.*, pág. 74.

²⁸ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, pág. 173.

andou Alberto Pimentel em fazer destes livros sobre o Porto um arquivo sincero, espontâneo, túrgidos de impressões vívidas e rutilantes da cidade, dos seus tipos, dos seus costumes, do seu povo.”²⁹

Em *Do Portal à Clarabóia*, o assunto escolhido está próximo do autor: “O assumpto portuense d’este livro colhi-o da janela da minha casa, vizinha do Passeio das Virtudes (...)”³⁰. Assim, devido à proximidade do autor como o universo narrado, verificamos que a experiência do mesmo está, frequentemente, inscrita no discurso.

A título ilustrativo, podemos referir algumas das expressões que revelam a presença do narrador no espaço narrado – “ Dos inquilinos do predio apenas conheço pessoalmente dois (...)”³¹, “Subo frequentes vezes ao cubículo de um d’elles (...)”³² ou, ainda, “ (...) tenho encontrado Benito (...). Oiço-o repetir uma phrase (...)”³³.

Não obstante verificarmos a presença do narrador no espaço narrado, não podemos esquecer que no prefácio da obra se alude ao processo de construção do livro, realçando-se a confluência do real com o verosímil: “Estudei os seus moradores, transplantei para ali outro que eu tinha conhecido em predios identicos, porventura introduzi mais alguma personagem que me pareceu verosímil (...)”³⁴.

A inclusão de memórias e experiências pessoais em livros sobre o Porto não será de estranhar no caso de Alberto Pimentel, pois esta perspectiva vai de encontro ao pensamento do autor. Em *O Porto na Berlinda*, no capítulo intitulado “Memórias de uma família portuense”, Alberto Pimentel refere que: “as recordações da minha propria familia, não serão de todo descabidas n’um livro que se ocupa do Porto”. Em seguida, o autor justifica: “Os logares de que fallo, as paixões politicas a que fugitivamente alludo, n’uma palavra, as linhas geraes de um quadro de costumes, que representam uma época, vivem na memória das gerações portuenses (...)”³⁵.

²⁹ Joaquim Ferreira, *Passos na Areia*, ob. cit., pág. 229.

³⁰ Alberto Pimentel, “Prefácio da 2.ª edição” in *Do Portal à Claraboia*, ob. cit., pág. 7.

³¹ Alberto Pimentel, *Do Portal à Claraboia*, ob. cit., pág. 45.

³² *Ibidem*, pág. 45.

³³ *Ibidem*.

³⁴ Alberto Pimentel, “Prefácio da 2.ª edição” in *Do Portal à Claraboia*, ob. cit., pág. 8.

³⁵ Alberto Pimentel “Memórias de uma Família Portuense” in *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 244.

2. – Descrições etnográficas: adágios, costumes e tradições populares portuenses

Destacamos, anteriormente, o testemunho que Alberto Pimentel transmite sobre o Porto, convém agora fazer recair a nossa atenção numa das expressões evidentes desse testemunho: a etnografia portuense.

A cultura popular é também um testemunho do passado. Pois, não obstante, as tradições populares serem observadas no presente coevo ao autor, são encaradas como uma herança que o povo fez prevalecer.

A palavra “etnografia” foi usada pela primeira vez, em 1815, na obra *Statistica* de Manuel de Almeida, Visconde da Lapa³⁶. Por etnografia entende-se o trabalho de observação directa ou imediata dos elementos tradicionais de um povo. Por conseguinte, o método utilizado pelo etnógrafo baseia-se na observação³⁷.

Alberto Pimentel foi um atento e estudioso observador das tradições populares portuguesas. Leite de Vasconcelos refere a presença do nome do escritor na galeria de etnógrafos portugueses: “Por 1884, ano inicial da actividade de Pires [António Pires], publicou Alberto Pimentel a *Jornada dos seculos*, s.d., e seguidamente, de 1885 a 1906: *Musa das revoluções*, *Através do passado*, *A triste canção do Sul* (fado), *As alegres canções do Norte*, *Culto de Nossa senhora*, *Romarias*. (...) Também Pimentel publicou dois grossos volumes geográficos acerca da *Estremadura* (1908-1909), onde há muitos assuntos de tradições populares (versos, etc.)”³⁸.

Com efeito, Alberto Pimentel foi um apaixonado defensor da tradição portuense. Em *Memórias do Tempo de Camilo*, o autor refere que “O Porto conservou sempre alguns

³⁶ Cf. J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1933, vol. I, pág. 18.

³⁷ Cf. *Ibidem*, pág. 31.

³⁸ J. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, pág. 274.

ingênuos costumes provincianos, e Deus queira que nunca os perca para não destinguir o pinturesco da tradição.”³⁹

João Leal, em *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*, ressalta a importância adquirida pela cultura popular em meados do séc. XIX. As tradições populares incluídas neste tipo de cultura formavam uma área que o autor caracteriza de heterogênea, visto que dela faziam parte crenças, superstições, festas cíclicas e ritos de passagem⁴⁰.

Este gosto pela cultura popular relaciona-se, portanto, com uma tendência da época. Recordem-se as palavras de Petar Petrov: “Ao contrário do clássico, o romântico busca satisfação no regional, no pitoresco e no selvagem, revela um gosto particular pelas tradições populares, glorificando o homem natural e a sua espontaneidade.”⁴¹

Alberto Pimentel, defensor da preservação do pitoresco da tradição e interessado particularmente pela investigação etnográfica da sua terra natal, descreve, ao longo das suas obras, os costumes, hábitos e usos do Porto.

Numa obra intitulada *Espelho de Portugueses*, que versa “coisas portuguesas, tradições e crenças nossas, costumes e usos que têm vindo de pais a filhos, e que são como que o retrato da alma de um povo passando através das gerações e dos tempos”⁴², Alberto Pimentel não esquece os costumes da sua terra natal. Assim, nomeadamente, para além da referência aos costumes dos barbeiros portuenses⁴³, é feita a alusão ao uso das candeias, através do relato de um episódio caricato⁴⁴.

³⁹ Alberto Pimentel, *Memórias do Tempo de Camillo*, ob. cit., pág. 55. João Chagas, no seu volume *Vida Literária (ideias e sensações)* escrito entre os anos de 1904 e 1905, realça de igual modo a manutenção da tradição no Porto: “O Porto é um caso de sobrevivência histórica. Por isso, é justo que lhe dêem, como lhe dão, o nome de baluarte, não talvez da liberdade apenas, pela qual afinal todo o país lutou, mas da tradição, de que ele é hoje o guarda mais transigente e ocioso.” – cf. João Chagas, *Vida Literária (ideias e sensações)*, ob. cit., pág. 319.

⁴⁰ João Leal, *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*, «Portugal de Perto, n.º 40», Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, pág. 41.

⁴¹ cf. Petar Petrov, “«Estória» e História na prosa de Guimarães Rosa” in Maria de Fátima Marinho (organização de), *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*, vol. II, Porto, 2004, pág. 107.

⁴² Alberto Pimentel, *Espelho de Portugueses*, ob. cit., vol. I, pág. VI.

⁴³ *Ibidem*, pág. 28.

⁴⁴ *Ibidem*, pág. 53.

Ainda, na mesma obra é referida a especificidade que o costume “Andar às vozes” adquiria no Porto⁴⁵. A alusão a este costume e respectiva especificidade portuense é associada à própria experiência que o autor retirou da infância:

“ Eu fui muitas vezes, quando era pequeno, á referida capelinha, para acompanhar uma pessoa da minha família, que acreditava na tradição de que pelas vozes se ficava sabendo a verdade futura.”⁴⁶

Portanto, sob o pretexto de recordar a sua experiência na participação do dito costume, Alberto Pimentel descreve com alguma minúcia o anteriormente vivido: “Sahíamos de casa depois das nove horas da noite e iam atravessando a cidade, sem dizer palavra, em direcção á Sé”⁴⁷. É de salientar que, nesta descrição, o autor não poupa pincelar a descrição do quadro vivido com manifestações do seu íntimo:

“Quando já perto de mim negrejavam as paredes da Sé, na solidão e no silencio, a minha tristeza, mixto de enfado e terror, augmentava, a ponto de me fazer tremer ás vezes.

Era convulso, agitado, que eu ajoelhava, ao chegar á capella da Senhora das Verdades, no degrau da porta, com as mãos postas e o boné debaixo do braço.”⁴⁸

De igual modo, ao descrever o dia 13 de Dezembro, dia da Santa Luzia, o autor reproduz os festejos de acordo com aquilo que reteve da infância: “Minha mãe levava-me sempre á Sé no dia 13 de dezembro, porque ahi era venerada a imagem de Santa Luzia que inspirava maior devoção aos bons portuenses.”⁴⁹

Atente-se no facto de que, a propósito do dia da referida Santa, é extraída uma notícia de *O Primeiro de Janeiro*, na qual o autor evidencia a sua emotividade: “E nas

⁴⁵ *Ibidem*, pág. 160. Este costume portuense é, de igual modo, referido, em *Luar de Saudade: Recordações de um Velho Escritor* (cf. *ob. cit.*, pág. 196).

⁴⁶ Alberto Pimentel, *Espelho de Portuguezes*, *ob. cit.*, pág. 161.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ Alberto Pimentel, *Espelho de Portuguezes*, *ob. cit.*, vol. I, pág. 164.

⁴⁹ Alberto Pimentel, *Espelho de Portuguezes*, *ob. cit.*, vol. II, pág. 123.

entrelinhas d'esta noticia li eu todo um poema de recordações da infância a engrinaldar a memoria de minha mãe, tão devota de Santa Luzia.”⁵⁰

Relacionado, ainda, com o gosto pelas tradições populares portuenses, verificamos a transcrição de trovas, cantares e provérbios populares típicos da cidade Invicta. Segundo o autor, as tradições populares “são como que marcos saudosos da passagem das gerações atravez do tempo.”⁵¹

Na obra *O Porto há Trinta Anos*, a propósito de um comerciante portuense, o autor transcreve um mote popular, com o qual “os de fóra de cidade o motejavam”⁵². No mesmo volume, sendo o assunto as flores, é transcrito o seguinte provérbio popular:

“O burguez, se via um janota de flôr ao peito, ficava indignado:

Flôr ao peito

Asno perfeito.”⁵³

Mais adiante, o leitor assiste à transcrição de mais um provérbio proferido pelo burguês, neste caso quando via alguém a rir-se:

“Muito riso

Pouco siso.”⁵⁴

Ao continuarmos a percorrer as páginas do volume *O Porto há Trinta Anos*, encontramos reproduzidas, “cantilenas” populares natalícias⁵⁵, trovas populares São Joaninas⁵⁶ ou, ainda, uma cantiga política do tempo de D. Miguel⁵⁷.

⁵⁰ *Ibidem*, pág. 125.

⁵¹ Alberto Pimentel, Prólogo à obra *Atravez do Passado*, *ob. cit.*, págs. II-III. Leite de Vasconcelos, partilha da mesma opinião do autor, exaltando a importância das tradições do passado: “Urge pois continuar a colhêr e a estudar, com o maior afã, o que nos resta das tradições e costumes do passado, porque a civilização tende para destruir tudo isso”. (Cf. J. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.* pág. 37.

⁵² Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, pág. 6.

⁵³ *Ibidem*, pág. 9.

⁵⁴ *Ibidem*, pág. 10.

⁵⁵ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, pág. 203.

⁵⁶ *Ibidem*, págs. 203-204. A mesma trova é reproduzida em *O Porto por Fóra e por Dentro*, *ob. cit.*, pág. 61.

⁵⁷ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, págs. 241-242.

De igual modo, no romance *O Arco de Vandoma*, identificamos a ocorrência, dispersa ao longo do volume, de trovas populares portuenses. A título ilustrativo, atente-se na seguinte quadra:

“Adeus, cidade do Pôrto,
Adeus rua das Flores:
De um lado tens só ourives,
Do outro tens mercadores.”⁵⁸

Para além de trovas, provérbios e cantigas populares, existem outros valiosos subsídios para o conhecimento da vida popular portuense. Entre eles, o autor utiliza a caricatura e a anedota, importantes, de igual modo, para o estudo da etnografia de um povo. Recorde-se Rafael Bordalo Pinheiro que ao caricaturar a figura do “Zé-Povinho” não fez mais do que estudar atentamente os hábitos nacionais.

⁵⁸ Cf. Alberto Pimentel, *O Arco de Vandoma*, ob. cit., pág. 85.

2.1. – A caricatura e a anedota

As descrições etnográficas intercalam-se, coerentemente, no discurso, com o relato de episódios humorísticos e o retrato de esboços caricaturais, nos quais evidenciamos não só o humor subtil mas também a fina ironia do autor. Pois, segundo Alberto Pimentel, o prosaico, o popular, os episódios escandalosos ou anedóticos fazem parte da História. Como é dito: “ A historia está em tudo: o caso é não desaproveitar nenhum material por mais insignificante que pareça.”⁵⁹

Nas obras que o autor dedicou ao Porto, verificamos o gosto pelo retrato caricatural das individualidades portuenses, às quais faz referência ao longo da narração das suas memórias⁶⁰. Em *O Porto há Trinta Anos*, a propósito de Pereira Pote, sócio da Sociedade *Graciosa*, é dito que este era “Ourives de profissão quando a bohemia gastronómica o permitia.”⁶¹

À medida que faz a descrição de certos locais da Invicta, o autor revela a tendência de referir determinadas individualidades populares no Porto de então, cujos nomes, de algum modo, estiveram ligados aos locais descritos. Assim, ao descrever o Botequim *Patria*, é feita referência ao caso e infortúnio do estudante Rosemberg⁶².

O retrato é inserido coerentemente no discurso, respeitando, por conseguinte, a função que o mesmo ocupa na obra. Fabienne Bercegol, ao proceder à análise do retrato em *Mémoires d’Outre Tombe* de Chateaubriand, realça que: “Le portrait ne doit donc pas être une fin en soi, mais un instrument au service de la compréhension de l’oeuvre.”⁶³

⁵⁹ Alberto Pimentel, *O Arco de Vandoma*, ob. cit., pág. 195.

⁶⁰ Com efeito, o retrato é um elemento preponderante e indispensável do género memorialístico – cf. Fabienne Bercegol, *La Poétique de Chateaubriand: le portrait dans les «Mémoires d’Outre Tombe»*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1997, págs. 18-19.

⁶¹ *Ibidem*, pág. 105.

⁶² *Ibidem*, pág. 221.

⁶³ Cf. Fabienne Bercegol, ob. cit., pág. 105.

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, Alberto Pimentel procede à descrição de um prédio portuense e seus respectivos inquilinos. À semelhança de outras obras, nesta descrição, evidenciamos a tendência para a descrição caricatural de intuito humorístico.

Com efeito, a utilização do retrato caricatural, ao realçar uma particularidade do retratado, possibilita criar um efeito cómico⁶⁴. A título ilustrativo, note-se que uma das inquilinas, *D. Pulcheria*, é retratada como uma “senhora de meia idade, meias carnes e meia beleza (...)”⁶⁵.

No volume *Do Portal à Clarabóia*, verificamos que o autor se concentra em determinada personagem e procede, seguidamente, à elaboração do respectivo retrato caricatural, acabando por funcionar esta personagem como uma personagem-tipo, com a qual se pretende ilustrar um determinado grupo social. Para comprovar aquilo que dizemos, atente-se nas seguintes palavras do autor: “Na impossibilidade de photographarmos os estudantes, falemos do Prata. Elle mesmo nos dará as tintas para o seu retrato.”⁶⁶

Fabienne Bercegol salienta que o retrato, particularmente, o retrato do período romântico utiliza frequentemente a caracterização de um indivíduo com o objectivo de retratar determinado grupo social: “La plupart des portraits, en fait, suivent ce mouvement du particulier au general et partent de l’individu pour arriver au type, ou inversement. Cela est particulièrement vrai du portrait romantique qui voisine souvent avec l’abstraction symbolique et dans lequel l’individu devient facilement l’incarnation d’une idée générale.”⁶⁷

Para a descrição da sociedade oitocentista do Porto, Alberto Pimentel recorre ao retrato caricatural. Como é dito pelo escritor portuense Júlio Brandão: “As figuras

⁶⁴ Veja-se aquilo que é dito por Fabienne Bercegol: “ Il suffit en effet que le trait retenu mette en valeur une difformité physique ou un trait de caractère ridicule pour que la description devienne caricature” (*ob. cit.*, pág. 100). Mais adiante, acrescenta-se: “la caricature procède en effet d’un art de l’observation fait de curiosité pour le pittoresque des visages et des corps, dont elle se propose justement d’ accentuer, dans un sens comique ou ironique, les particularités. ” (*ob. cit.*, pág. 187).

⁶⁵ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, *ob. cit.*, pág. 36.

⁶⁶ *Ibidem*, pág. 139.

⁶⁷ Fabienne Bercegol, *ob. cit.*, pág. 35.

portuenses, ilustres ou pitorescas, vivem continuamente na memória do escritor [Alberto Pimentel], como se tôdas fôsem familiares e amigas.”⁶⁸

Com efeito, ao longo das obras que o autor escreveu sobre o Porto, encontramos retratadas muitas figuras populares portuenses. Somente, em *O Porto por Fora e por Dentro*, alude-se a individualidades pitorescas, tais como, o Fajardo⁶⁹, o José das Desgraças ou simplesmente o Desgraça⁷⁰, o Cartola⁷¹ ou o Martinho⁷². De acordo com o autor, todas estas figuras pitorescas são típicas do Porto oitocentista: “Ora tudo isto é typico, tudo isto dá carácter às ruas do Porto.”⁷³

Devido ao interesse que demonstra pelas figuras típicas do Porto do seu tempo, na longa bibliografia de romances do autor, encontramos a obra *O Anel Misterioso*, na qual a personagem principal é o dito “Desgraça”⁷⁴.

A elaboração do retrato caricatural deriva, recorrentemente, do relato de uma anedota popular que envolve a individualidade retratada. É de salientar que, como é próprio da anedota, determinada característica da individualidade é acentuada hiperbolicamente, de forma a provocar o riso.

Em *O Porto há Trinta Anos*, pretendendo-se ilustrar a aptidão que as lavradeiras portuenses tinham para regatear preços, são narradas, de forma anedótica, as incursões das ditas lavradeiras a ourivesarias e a lojas onde se vendiam tamancos e *soletas*⁷⁵. Do mesmo

⁶⁸ Júlio Brandão, *Recordações dum Velho Poeta*, ob. cit., pág. 116.

⁶⁹ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., cap. IX, págs. 123-135. Em *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense* (ob. cit., pág. 98), o autor alude, com humor, à biografia do Fajardo, elaborada em *O Porto por Fóra e por Dentro*: “Biographei-o no Porto por fóra e por dentro e estive vai não vai a pedir para elle o habito de S. Tiago. Tem sido concedido a outros menos espertos...”.

⁷⁰ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 146.

⁷¹ *Ibidem*, pág. 147. Sobre o «Cartola», confrontar também a obra *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, ob. cit., págs. 145, 146.

⁷² *Ibidem*, pág. 148.

⁷³ *Ibidem*, pág. 152.

⁷⁴ Relativamente a esta obra, convém ter em conta o esclarecimento de Rocha Martins: “[Alberto Pimentel] Publicara a *Anel Misterioso*, no qual retratou uma personagem por demasia célebre no Porto, o guitarrista José da Conceição Graça Strecht, o *Desgraça*. Este livro, de 1873, foi o precursor das vidas romanceadas que tanto êxito obtiveram em todo o mundo desde 1924 a 1933.” – cf. “Alberto Pimentel por Rocha Martins” in João Gaspar Simões (Direcção, prefácio e notas bio-bibliográficas de), *Perspectiva da Literatura Portuguesa do séc. XIX*, ob. cit., pág. 204.

⁷⁵ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., págs. 26-27.

modo, são narradas as peripécias anedóticas que envolveram a gula do portuense Pereira Pote⁷⁶ ou, ainda, o olhar observador dos médicos⁷⁷.

Ao denotarmos a preferência que o autor revela pelas anedotas, devemos ter em conta que a sua utilização confere uma eficácia superior na caracterização das figuras retratadas. Esta ideia é referida por Fabienne Bercegol quanto à presença das anedotas no discurso de Chateaubriand: “ S’il choisit très souvent de faire de ses portraits une suite d’anecdotes et bons mots qu’il se garde de commenter, c’est qu’outre leur agrément, il a eu conscience de leur efficacité supérieure dans la caractérisation d’un personnage.”⁷⁸

Por outro lado, pela anedota é possível explorar uma das paixões comuns a todo o memorialista – a paixão pelo detalhe. Tanto as memórias como as anedotas partilham de um mesmo objectivo, revelar os factos da vida privada⁷⁹.

O relato destas anedotas vem sempre a propósito e, por conseguinte, é inserido coerentemente no discurso. Por exemplo, em *Do Portal à Clarabóia*, ao referir o nome do gravador Molarinho, o autor afirma que: “ Não me dispenso de contar duas anedotas a respeito d’este artista.”⁸⁰ Do mesmo modo, em *Através do Passado*, é inserida no discurso uma anedota, precedida da seguinte expressão: “Conta-se a este respeito uma anedota (...)”⁸¹.

Muitas das anedotas relatadas são acompanhadas do diálogo. Veja-se que, na obra *Do Portal à Clarabóia*, a propósito da curiosidade que caracteriza uma das personagens – Manuel Pinto –, o autor narra uma peripécia anedótica que se passou com a mesma, transcrevendo o diálogo entre as individualidades intervenientes⁸².

⁷⁶ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 106.

⁷⁷ Cf. *ibidem*, págs. 118- 120.

⁷⁸ Fabienne Bercegol, ob. cit., pág. 222.

⁷⁹ Veja-se, a propósito, aquilo que é referido por Fabienne Bercegol, que salienta a o facto de que tanto as anedotas como as memórias partilham o mesmo objectivo : “(...) révéler ces petits faits, ces drames de la vie privée, ces facettes d’une personnalité telle qu’elle se dévoile dans l’intimité et que l’Histoire sacrifie dans son désir de ne s’intéresser qu’aux événements importants et à la vie publique des grands hommes.” – cf. Fabienne Bercegol, “Poétique de l’anecdote ” in Jean-Claude Berchet et Philippe Berthier (textes réunis par), *Chateaubriand Mémoires – Colloque du cent cinquantième (1848-1998)*, Genève, Librairie Droz S. A., 2000, pág. 205.

⁸⁰ Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, ob. cit., pág. 21.

⁸¹ Alberto Pimentel, *Através do Passado*, ob. cit., pág. 255.

⁸² Cf. Alberto Pimentel, *Do Portal a Clarabóia*, ob. cit., pág. 57. Sobre a transcrição de diálogos no relato de episódios anedóticos, veja-se também pág. 139.

Na obra *A Praça Nova*, encontramos o relato de um episódio anedótico, envolvendo o caso do Sr. Henrique Gonçalves, recebedor de Vila Nova de Gaia, que não prescindia de ir ao *Café das Hortas*. Este episódio é, igualmente, ilustrado pela transcrição de diálogos:

“O recebedor de Vila Nova de Gaia, que tinha o apelido de Coelho (irmão do arrematante da ponte pensil) e residia naquela Vila, todas as tardes ia ao Porto tomar café no botequim das Hortas, depois de jantar.

Dizia ele que em nenhuma outra parte tomava melhor café, que lhe soubesse tão bem. [...]

A esposa dêste cavalheiro queria demonstra-lhe que não era preciso sair de casa para tomar bom café, e por toda a cidade procurava o de melhor qualidade, sem olhar ao preço. Baldado empenho. Um dia lembrou-se de o mandar buscar em segredo ao Café das Hortas e insistiu com o marido para que ao menos bebesse um golo. Ele transigiu, mas recalcitou logo:

- Nada! Não é a mesma coisa. Nem sequer se parece.

Então sua mulher desatou a rir, a rir.

- Por que te ris tu?

- Porque mandei buscar este café ao botequim das Hortas. É de lá; é o mesmo.

- Pois então dá-se com o café o que se dá com as águas medicinais, que tomadas na origem não perdem nenhuma das suas eficazes virtudes.”⁸³

De facto, é de salientar a preferência evidenciada pelo relato, em tom coloquial, de histórias e historietas anedóticas. Em *A Praça Nova*, denotamos que o autor narra uma história do seu Porto coevo, como se estivesse *in praesentia* do leitor:

“Havia, por isso, na *grisette*, o núcleo de uma dama de sociedade... com mais qualidades talvez. O caso era que fosse parar a boas mãos. E, a este respeito, eu lhes conto...

⁸³ Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 204-205.

Lembro-me muito bem duma costureirita de suspensórios – tal qual a Augusta do romance *Onde está a felicidade?* – que primeiro foi amante e depois esposa dum homem rico, para os lados da rua das Oliveiras.”⁸⁴

Se estas anedotas deliciavam o leitor da época, continuam a ser lidas com prazer pelo leitor do séc. XXI. De facto, de acordo com aquilo que foi dito por Joaquim Ferreira: “O historiador de amanhã, quando o Porto contar um milhão de habitantes e as congostas forem artérias solenes, apalaçadas, os esbocetos anedóticos de Alberto Pimentel hão-de deliciar os nossos tetranetos.”⁸⁵

É pela simplicidade e expressividade da linguagem que Alberto Pimentel narra estes “esbocetos anedóticos”, imprimindo no discurso a espontaneidade do narrado. Júlio César Machado, em *Manhãs e Noites*, salienta a simplicidade da escrita pimenteliana: “Alberto Pimentel escreve com a maior singeleza, não procura deslumbrar pelos esplendores de phrase nem entontecer os leitores com surpresas, conta o seu caso suavemente, como sucedeu e como se deveras se houvesse dado, tão natural, tão sincero é o tom da narrativa.”⁸⁶

Não podemos esquecer que, como temos salientado, as obras que Alberto Pimentel dedicou ao Porto têm como fonte narrativa as suas próprias memórias, por conseguinte, o tom coloquial e espontâneo de maior simplicidade discursiva é o que melhor convém ao género memorialístico.⁸⁷

As descrições etnográficas, para além de implicarem o estudo da vida de um povo, naquilo que ele tem de mais íntimo, também se debruçam sobre a forma como esse povo se considera a si próprio em relação aos outros⁸⁸.

Esta implicação encaminha-nos para a análise da forma como o autor, debruçando-se sobre a especificidade etnográfica do Porto, se posiciona em relação àquilo a que João

⁸⁴ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 211.

⁸⁵ Joaquim Ferreira, *Passos na Areia*, ob. cit., pág. 227.

⁸⁶ Júlio César Machado, *Manhãs e Noites*, ob. cit., pág. 137.

⁸⁷ Cf. Castelo Branco Chaves, *Memorialistas Portugueses*, ob. cit., pág. 34.

⁸⁸ Cf. J. Leite de Vasconcelos, ob. cit., pág. 328.

Leal apelida de «diversidade etnográfica»⁸⁹. Formulamos, por conseguinte, a seguinte hipótese: Não estaremos perante um autor bairrista?

⁸⁹ Cf. João Leal, *ob. cit.*, pág. 56.

3. – Alberto Pimentel: um portuense bairrista?

Alberto Pimentel considera-se um bairrista, no sentido, como é dito, de que “Poucas pessoas terão como eu um tão affectuoso apêgo bairrista. Custa-me realmente sair do meu bairro, tanto me affeição ás arvores e ás pedras que estou costumado a ver.”⁹⁰

Este sentimento bairrista não estaria somente no espírito do escritor, mas na alma de qualquer portuense. Segundo o autor, “não há alma que, em ocasiões diversas, seja mais doce ou mais energética, mais indulgente ou mais severa, mais acessível ou mais orgulhosa, mais razoável ou mais fanática nos affectos de família e na dedicação à terra natal.”⁹¹

Como salienta Alberto Pimentel: “O Porto, na sua bôca [do portuense], não valia menos do que Lisboa. Se Lisboa possuía as Aguas Livres, O Porto possuía a Torre dos Clerigos. Ficava uma coisa pela outra. Mas sob esta apparencia de indifferença pela capital, germinava um certo espirito de rivalidade, que levava o portuense a macaquear o melhor que Lisboa tinha, para não ficar inferior em nada.”⁹²

Os portuenses tinham tal apreço pela sua terra natal que defendiam peremptoriamente qualquer afronta que lhe fosse dirigida. Esta defesa acérrima do bom nome da *Leal Cidade* é confirmada pelas seguintes palavras do autor: “Homens e mulheres não transigem com qualquer afronta dirigida à lial cidade em que nasceram. Discutem,

⁹⁰ Alberto Pimentel, *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., pág. 22.

⁹¹ Alberto Pimentel, *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., pág. 153.

⁹² Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 8. Cf. também a pág. 18 da mesma obra, onde é dito que: “Em 1838 a vereação portuense lembrára-se de imitar... sabem o que? A feira da ladra!”. Para ilustrar este facto, Alberto Pimentel transcreve as palavras do relatório municipal: “Vendo nós que uma cidade como a nossa, a segunda capital do reino, e primeira nas provincias do norte, não tinha como a de Lisboa um centro comum para os vendilhões volantes, para a exposição de objectos que não são novos, estabelecemos todo o local (...) dando-lhe o titulo de Feira da Ladra, applicando a esta o regimento da capital, visto que aquelle terreno nos pertence.”

Cruz Malpique, ao analisar o bairrismo do portuense, salienta a sua manifestação na voz pública: “Se Lisboa tinha isto e mais aquilo e mais aqueloutro, em matéria de monumentos, de ruas, de passeios, de paisagens, de divertimentos, logo os *tripeiros* contrapunham, a todos esses primores, outros primores da sua terra, que pediam meças aos Lisbonenses.” (cf. Cruz Malpique “Perfil moral e cívico do «tripeiro»” in *Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto*, ob. cit., pág. 63).

argumentam «pro patria» com vivacidade e acabam às vezes por despedir o detractor com azedume.”⁹³

Em 1838, Alexandre Herculano realçou aquilo que considerou um defeito do tripeiro – o orgulho evidente na sobrevalorização da Invicta –: “ O Portuense não pode acreditar que haja neste mundo cousa melhor que o Porto: o orgulho nacional (moléstia de todos os povos) apresenta nos habitantes desta cidade as suas mais proeminentes feições: nisto mesmo, porém, mostram serem quem tem conservado mais puras as velhas tradições portuguesas.”⁹⁴

De igual modo, Lady Jackson, que visitou Portugal em 1873, salientou o bairrismo do portuense, daquele tripeiro que diz que, no Porto, se encontram os “Portuguezes de *velha cunha*”, os “*de puro sangue*, a formosa raça, cuja beleza não foi ainda deteriorada pelo cruzamento com as raças pretas e bronzeadas que nossos antepassados conquistaram.”⁹⁵

Muitos estudiosos debruçaram-se sobre os motivos que originaram, no séc. XIX, um exacerbado bairrismo por parte do portuense. Cruz Malpique, num estudo consagrado às figuras literárias do Porto no séc. XIX, explica o motivo que originou o bairrismo tripeiro durante o período do Romantismo. Segundo o autor, “ até à criação da linha férrea que o ligou ao Sul (1864), foi cidade eminentemente fechada, hostil ao forasteiro, bairrista, desdenhosa dos outros, muito senhora do seu nariz (...)”⁹⁶

⁹³ Alberto Pimentel, *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., pág. 153.

⁹⁴ Cf. Alexandre Herculano, «*Cenas de Um Ano da Minha Vida*» e «*Apontamentos de Viagem*», Amadora, Livraria Bertrand, 1973, pág. 126.

⁹⁵ Cf. Lady Jackson, *A Formosa Lusitânia*, trad. de Camilo Castelo Branco, Porto, Livraria Portuense – Editora, 1877, págs. 311-312.

De igual forma, João Chagas, em *Vida Literária (ideias e sensações)*, refere que: “Se o Porto é uma cidade típica, o seu habitante também o é, como nenhum outro em Portugal”. Segundo o autor, a especificidade do cidadão portuense provem do elevado amor patriótico pela sua terra natal: “O cidadão do Porto distingue-se de todos os outros pela afinidade e pela coesão. O Porto é para elle uma segunda patria.” Mais adiante, acrescenta-se: “Os portuenses são tão ciosos da integridade da cidade, como os portugueses em geral da integridade da nação.” – cf. João Chagas, *Vida Literária (ideias e sensações)*, Coimbra, França Amado – Editor, 1906, págs. 317-318.

⁹⁶ Cruz Malpique, “Figuras Literárias do Porto: de Garrett a António Nobre” in *História da Cidade do Porto*, Barcelos, Portucalense Editora, vol. 3, págs. 379-380. Os portuenses, ditos da sua origem, desdenhavam sobretudo tudo ou todo aquele que viesse de Lisboa. De facto, como atesta o lisboeta Henrique Marques, aquando da sua estadia no Porto, entre 1890 e 1894: “ Certo é que os portuenses recebem ou, pelo menos, recebiam dantes com certa relutância e desconfiança as criaturas provenientes de Lisboa (...) ” – cf. Henrique Marques, *Memórias de um Editor (publicação póstuma)*, Lisboa, Livraria Central Editora, 1935, pág. 171.

No entanto, se como afirma Cruz Malpique a ausência de uma linha-férrea que unisse o Porto a Lisboa motivou a eclosão do dito bairrismo, vejamos como, posteriormente, o tripeiro utilizou essa via que lhe permitia a aproximação com o sul.

O próprio Cruz Malpique, num texto escrito em 1974, afirma que, se o tripeiro “estiver em Lisboa, achará que o melhor comboio que existe é o comboio que o reconduza ao Porto...”⁹⁷.

Portanto, podemos dizer, como o disse Cruz Malpique, que o portuense sofria de “bairrite aguda”⁹⁸. De facto, se o bairrismo era típico do carácter do tripeiro, dificilmente o conseguiria modificar, nem mesmo com o evoluir da modernização dos transportes.

Numa outra perspectiva, Sampaio Bruno considera que a rivalidade criada entre o Porto e Lisboa se encontra na origem do sentimento antigo de autonomia sentido por cada uma das terras, avivando-se aquilo que o crítico intitula de “rancor antigo” pela agitação do período constitucional⁹⁹.

Este sentimento bairrista, característico do portuense, é afirmado por Alberto Pimentel, em *Memórias do Tempo de Camilo*, quando é dito: “Em geral, os portuenses apégam-se a um bairro, a uma rua ou a uma casa, e custa-lhes a mudar para longe; não são tão fáceis como os lisboetas em dar grandes saltos de bairro para bairro, do ocidental para o oriental ou vice-versa.”¹⁰⁰

Contudo, veja-se que o bairrismo do portuense não caracteriza apenas o tempo contemporâneo do autor, pois, a propósito de um assunto subordinado a doentes e receitas, Alberto Pimentel salienta que esta rivalidade, existente entre as duas cidades, já é antiga:

⁹⁷ Cruz Malpique, “Perfil moral e cívico do «tripeiro»” in *Boletim da Associação Cultural dos Amigos do Porto*, ob. cit., pág. 64.

⁹⁸ *Ibidem*, pág. 73.

⁹⁹ Sampaio Bruno, *A Geração Nova (ensaio crítico): os novelistas*, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão – Editores, 1984, págs. 110-111. Ressalve-se que, apesar de constarmos a existência de teses que analisam a rivalidade entre as duas cidades, em 1947, Mendes Correia escreve um volume no qual defende uma aproximação entre o Porto e Lisboa, baseando-se nos traços geográfico-históricos que as unem: “Se na sua fisionomia etnográfica e social, se na sua psicologia e em atitudes mais ou menos bairristas, surgem diversidades (nunca diremos antagonismos) entre Lisboa e Porto, muitos são os traços geográfico-históricos que estabelecem fortes afinidades entre as duas nobilíssimas urbes lusitanas, havendo inegáveis paralelismos na sua génese, evolução, características e papel, dentro do quadro nacional. E, nalguns aspectos, elas são complementares.” – cf. A. A. Mendes Correia, *O Porto e a População de Lisboa*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1947, pág. 7.

¹⁰⁰ Alberto Pimentel, *Memórias do Tempo de Camillo* – A. A., Porto, Magalhães & Moniz Lda. – Editora, 1913, págs. 54-55.

“Antigamente, esse espírito de rivalidade tradicional que malquistava o Porto e Lisboa, fazia com que os médicos portuenses não ousassem aconselhar o inverno de Lisboa aos seus clientes que padeciam dos pulmões.”¹⁰¹

É de salientar que o escritor, para além de constatar esta rivalidade entre as duas cidades, se coloca no papel de portuense que valoriza a sua terra natal, comprovando a teoria de que Lisboa não é uma cidade saudável:

“Lisboa, que tem um Inverno mais temperado do que o Porto, é contudo, por outras razões, uma cidade insalubre.

As febres de Lisboa substituem, pelo que respeita á estatística da mortalidade, o clima aspero do Porto. Em Lisboa, quem não tem de que morrer, acaba por encontrar uma febresinha palustre que o victime. Onde é mais facil apanhar essa febresinha não se sabe ao certo. Mas não padece duvida de que ella apparece, até mesmo quando se não procura.”¹⁰²

Devemos ter em conta que na comparação que Alberto Pimentel faz entre o Porto, sua terra natal, e Lisboa, o escritor possui a experiência de quem conheceu de perto as duas cidades. Ou seja, o autor em causa viveu em ambas as cidades – se, no Porto, nasceu e viveu a juventude, em Lisboa passou os anos da maturidade e o fim da vida.

Por conseguinte, pela experiência vivida, teria legitimidade para estabelecer o confronto entre as duas cidades. De facto, verificamos, frequentemente, que na base desse confronto encontramos a própria experiência pessoal. Veja-se, a título de exemplo, que, após exclamar – “Que profunda diferença entre os bairros das saloias do sul e os das lavradeiras do norte!”, o autor fundamenta a sua opinião na experiência e impressão retiradas do vivido:

Nunca esta diferença se accentuou tanto no meu espirito como o anno passado, em Mafra, por occasião do cirio da Nazareth, assistindo ás danças desenxabidas dos saloios,

¹⁰¹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 116.

¹⁰² Cf. *ibidem*, pág. 117.

que rapavam a terra com os pés, n'um marche-marche simulado, e monotono como o rufo brando, prolongado, de um tambor.

Percorrendo recentemente as ruas do Porto, que nos dias de *feira* costumam ser mais frequentadas pelas camponesas dos arredores, eu tive ocasião de reconhecer que, comquanto a cidade esteja materialmente transformada, o aspecto da mulher do povo pouco tem variado no longo curso de trinta annos: pareciam-me ainda as mesmas, do tempo em que eu lá vivia, as lavradeiras da Maia e de S. Cosme, as padeiras de Avintes e de Vallongo, as regateiras do Anjo, as raparigas da Foz e de Mattosinhos, e essas costureiritas de chinelo de trança e capa comprida que, ao meio dia, saiem dos *ateliers* das modistas para ir jantar a casa.”¹⁰³

Portanto, se o autor possui o conhecimento que confere legitimidade às comparações que estabelece entre as duas cidades, é compreensível que muitas descrições do Porto sejam acompanhadas de inevitáveis analogias com Lisboa. Assim, se é dito que, “Dentro de Portugal, a terra que falla mais é Lisboa, e d’esta circumstancia resulta que é Lisboa o ponto do paiz onde ha melhor, mais viva e scintillante conversação”¹⁰⁴, por contraste é dito que “O Porto lê, estuda relativamente muito mais do que Lisboa, mas falla pouco, é, póde dizer-se, uma cidade sem *conversação*.”¹⁰⁵

Atente-se, nomeadamente, na comparação que é feita na obra *O Porto há Trinta Anos*, no momento em que são referidos os toques de Avé-Marias que anunciavam os funerais: “Ainda hoje é depois do toque de Avé-Marias que se realisam no Porto os resposos funebres. Este costume, arreigado pela tradição, entristece as primeiras horas da morte, que são em Lisboa alegres e movimentadas”¹⁰⁶. Nas páginas seguintes, o autor elabora uma comparação pormenorizada entre o Porto e Lisboa quanto aos funerais e seus costumes¹⁰⁷.

Com efeito, constatamos que as comparações entre as duas cidades recaem sobretudo sobre os costumes típicos de cada uma. Em *O Porto na Berlinda: Memórias*

¹⁰³ Cf. *ibidem*, pág. 30.

¹⁰⁴ *Ibidem*, pág. 204.

¹⁰⁵ *Ibidem*, pág. 204.

¹⁰⁶ Pimentel, Alberto, *O Porto ha Trinta Annos, ob. cit.*, pág. 121.

¹⁰⁷ Cf. *ibidem*, págs. 122-123.

duma Família Portuense, é dito que: “Mas verdade verdade, o portuense, menos vadio do que o alfacinha, e também menos lambareiro, não janta bem senão em casa, sabendo o que vae jantar e com quem janta.”¹⁰⁸

No *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, pelos gostos gastronómicos específicos de cada cidade, é explicada a divergência na forma de pensar: “O Porto, que come a tripa e o biscoito não póde pensar exactamente do mesmo modo que Lisboa, que dá uma preferencia habitual á fava, á ervilha, á alface e ao peixe.”¹⁰⁹

Em *O Porto por Fora e por Dentro*, Alberto Pimentel estabelece o paralelo entre o Natal do norte e o do sul, exclamando com ironia:

“Ah! não se imagina nas provincias do sul do reino o que seja o natal das cidades e aldeas do norte! Em Lisboa, ninguém daria tento da vespera d’esse dia tão profundamente solemne para os povos christãos, se, ao bater da meia-noite, não repicassem os sinos d’algumas egrejas convidando a uma immoral patuscada religiosa que se chama – a *missa do gallo*.”¹¹⁰ E, mais adiante, acrescenta: “No Porto, que é para assim dizer a grande capital de todas as provincias do norte, o natal conserva ainda uma solemnidade tradicional (...)”¹¹¹.

Finalmente, o autor conclui que: “E, realmente, parece que as provincias do norte interpretam melhor a solemnidade do natal do que as provincias do sul do reino.”¹¹² Atente-se que o autor não poupa a crítica, utilizando para isso como instrumento retórico a ironia:

“À hora a que em Lisboa vão para a *missa-do-gallo* praticar bregeirices mais ou menos avinhadas, está-se no Porto em derredor da mesa da ceia, rindo docemente,

¹⁰⁸ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 226.

¹⁰⁹ Alberto Pimentel, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, Porto, Livraria Central de J. E. da Costa Mesquita – Editor, 1877, pág. 14.

¹¹⁰ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 43.

¹¹¹ *Ibidem*, pág. 44.

¹¹² *Ibidem*, pág. 46.

intimamente, jogando talvez o *rapa* a pinhões, que é também um dos innocentes entretenimentos d’essa noite.”¹¹³

Não só os costumes das duas cidades sofrem a comparação, mas também a própria conduta moral dos seus habitantes. Após a comparação descritiva dos comportamentos das mulheres das duas cidades, Alberto Pimentel encaminha a conclusão da respectiva comparação para criticar, com subtil ironia, os comportamentos das lisboetas:

“Aos domingos, no Porto, na grande avenida do Palacio de Crystal, as senhoras constituem grupos separados; e os homens, a não serem os maridos ciumentos e os solteirões rheumaticos, passeiam kilometricamente, permitta-se-me o adverbio, d’um lado para o outro, cumprimentando-as sem lhes fallar. Ora em Lisboa, na grande rua do Passeio, é raro o grupo de senhoras em que não conversem dous ou trez homens, e em que não haja uma certa animação garrula.

Seja, porém, dito em honra da verdade, se as senhoras do Porto são menos conversáveis que as de Lisboa, são muito melhores donas de casa, e em geral muito mais delicadas mães.”¹¹⁴

Também, “por amor da verdade”, Alberto Pimentel confronta as características arquitectónicas das casas típicas das duas cidades, afirmando que: “ (...) ha na casa portuense encantos, atracções que faltam em Lisboa, que Lisboa nunca terá.”¹¹⁵ Seguidamente, não poupando a referência a pormenores, assistimos à apresentação de quadros descritivos que diferenciam a casa portuense da lisboeta¹¹⁶.

¹¹³ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 46.

¹¹⁴ *Ibidem*, pág. 121. De igual modo, em *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, o autor salienta o honrado trato social das portuenses que, de acordo com a sua opinião, se impõe pela seriedade e pelo decoro (cf. ob. cit., pág. 153).

Sobre a defesa da dignidade da mulher portuense, que contrastava com a mulher lisboeta, Cruz Malpique refere, com subtil ironia, que: “Durante muito tempo, a Portuense sentia-se no direito de mandar inscrever na sua sepultura: Vita honesta, domus quieta, facultas certa, dona celestia.” (cf. Cruz Malpique, “Perfil moral e cívico do «tripeiro»” in *Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto*, ob. cit., pág. 64).

¹¹⁵ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 212.

¹¹⁶ Cf. *ibidem*, págs. 212-215.

Por outro lado, verificamos que, na obra *Do Portal à Clarabóia*, é estabelecido o cotejo entre o Porto e Lisboa através da diferença do vocabulário regional utilizado. Conhecedor dessa diferença, Alberto Pimentel explica-a, em nota, a um leitor alheio a tal especificidade: “No Porto diz-se chocolateira; em Lisboa cafeteira.”¹¹⁷

Ao analisarmos atentamente a forma como Alberto Pimentel procede, nas suas obras, à comparação entre Lisboa e a Invicta, não podemos ser alheios à tentativa, por vezes implícita, que o autor tem de evidenciar a superioridade da sua terra natal.

Em *A Praça Nova*, ao ser ponderada a comparação que então era feita entre a Praça Nova portuense e o Chiado lisboeta, é acentuada a superioridade do monumento da Invicta:

“Exclusivamente sob o aspecto de centralização exibitiva, a Praça Nova do Porto tem sido comparada, por escritores nacionais e estrangeiros, ao Chiado de Lisboa. Mas tanto uns como outros lhe reconhecem evidente superioridade quanto à beleza da situação.”¹¹⁸

Esta superioridade é comprovada quer pela transcrição das palavras de Lady Jacson, “que visitou Portugal em 1873”¹¹⁹, quer pela reprodução textual da opinião de Pinheiro Chagas que, como salienta Alberto Pimentel, é um “escritor lisbonense mas que não ficou menos agradavelmente impressionado em 1865 (...)”¹²⁰. Por último, assistimos à transcrição das palavras de António Augusto Teixeira de Vasconcelos¹²¹.

O escritor portuense termina a abordagem da questão da aproximação entre a Praça Nova e o Chiado com o respectivo enaltecimento da cidade invicta: “Cidade tão cheia de natural encanto nas ondulações graciosas do seu panorama ribeirinho, tão rica de tradições históricas, tão activa e comercial, tão pungente e florescente.”¹²²

¹¹⁷ Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, ob. cit., pág. 168. De igual modo, no romance *O Arco de Vandoma* –, cujo local da acção é o Porto, surgem algumas notas de rodapé, nas quais o autor realça a especificidade e diversidade do vocabulário portuense – cf. Alberto Pimentel, *O Arco de Vandoma*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, pág. 38, pág. 70 e pág. 88. A 1.ª edição do romance é datada de 1916.

¹¹⁸ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 9.

¹¹⁹ *Ibidem*, pág. 9.

¹²⁰ *Ibidem*, pág. 10.

¹²¹ *Ibidem*, pág. 11.

¹²² *Ibidem*.

Ainda, na mesma obra, Alberto Pimentel salienta e defende, novamente, a superioridade que o Porto possui em relação a Lisboa:

“Dizia-me, certo dia, um alfacinha que esta cidade [o Porto] ocupava com seus jardins e hortejos um espaço, que fazia falta à edificação de muitos prédios e à abertura de muitas ruas.

Respondi-lhe que não quisesse ele privar o Porto daquilo que Lisboa lamentava não possuir em tanta abundância.”¹²³

De igual modo, na obra *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, após a comparação entre o Carnaval portuense e o Carnaval lisboeta, o autor engrandece a Invicta, transcrevendo aquilo que Rangel de Lima, “nado e criado em Lisboa, e conhecedor do carnaval em paizes estrangeiros”, lhe disse: “ – Os bailes do Palacio de Cristal do Porto seriam deslumbrantes em toda a parte.”¹²⁴

Não obstante atestarmos que, ao longo da bibliografia dedicada ao Porto, Alberto Pimentel valoriza a sua terra natal nas comparações que faz com Lisboa, numas palavras escritas em 1874, o autor portuense defende uma perspectiva igualitária na análise das duas cidades.

Assim, ao denotar que, em 1874, “Foram os de Lisboa ao Porto: vieram os do Porto a Lisboa”¹²⁵, Alberto Pimentel exclama: “Ainda bem! Os antigos ciúmes, desarrazoados – vão esquecendo e passando. Cada um tem seu bom e seu mau.” E, por último, acrescenta: “A grande diferença dos hábitos e dos costumes há-de fazer com que divirjam sempre, mas, graças ao progresso, já vão deixando de se guerrear pelo ciúme. Vivam, quanto puderem, amigas e sócias.”¹²⁶

Se “cada um tem o seu bom e seu mau”, ou seja, se cada cidade tem os seus defeitos e as suas qualidades, Alberto Pimentel na descrição que faz do Porto, ora aponta os defeitos, ora elogia as qualidades.

¹²³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 23-24.

¹²⁴ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d'uma Família Portuense*, ob. cit., págs. 77-78.

¹²⁵ Alberto Pimentel justifica este facto – cf. Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., págs. 6-7.

¹²⁶ Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., pág. 7. Em *O Porto por Fóra e por Dentro*, o autor afirma que: “ (...) para nós o Porto é simplesmente a miniatura de Lisboa (...) ” – ob. cit., pág. 192.

4. – Alberto Pimentel: comentador, crítico e analista da realidade portuense

Como dissemos anteriormente, na descrição que elabora do Porto, Alberto Pimentel, ora aponta os defeitos, ora elogia as qualidades. De facto, o relato de determinados acontecimentos serve, por vezes, de pretexto para a crítica, embora subtil.

Não obstante o autor ter sido uma testemunha próxima dos factos e dos homens narrados, soube distanciar-se deles, recorrendo frequentemente ao retrato irónico e à crítica dotada de finura e subtileza. Por exemplo, em *O Porto por Fora e por Dentro*, a propósito da ausência de estátuas que glorifiquem as personalidades ilustres do Porto, o autor critica a falta de reconhecimento que os portuenses evidenciam para com os homens ilustres, seus conterrâneos¹²⁷.

Associada a esta crítica, em *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, Alberto Pimentel denuncia a ausência, no Porto, de um monumento a Almeida Garrett: “ O Porto mandou collocar uma lapide na casa onde elle nasceu; mas verdade verdade, está-lhe devendo ainda uma estátua. Pois erigi-lh’a, que não faz senão o que deve. Já se pensou n’isso, em 1856, como vimos n’outro capitulo: nomeou-se uma comissão, como sempre, e tudo ficou em agua de bacalhau.”¹²⁸ O autor ainda salienta: “ Pois, senhores, este portuense, que assim quiz á sua terra, merecia bem uma estatua, um monumento que dissesse aos pósteros que é próprio da honra portugueza pagar amor com amor.”¹²⁹

¹²⁷ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 83, pág. 94, págs. 88-89 e pág. 92.

¹²⁸ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 205.

¹²⁹ *Ibidem*, pág. 211. Cf. também págs. 212-213 e pág. 216. Veja-se que em outra obra, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, Alberto Pimentel refere, igualmente, a ausência de uma estátua a Garrett (cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, ob. cit., pág. 221). A propósito da problemática associada à criação de um monumento nacional a Almeida Garrett, veja-se a obra do portuense Júlio Brandão, na qual é desenvolvido com maior pormenor a polémica questão – Júlio Brandão, *Galeria de Sombras – Memórias e outras Páginas*, Porto, Livraria Civilização – Editora, págs. 183-184.

Não obstante esta exaltação da construção de monumentos em honra de portuenses ilustres, o escritor revela, em algumas páginas da sua obra, uma postura contra a edificação de monumentos.

Num texto escrito em 12 de Junho de 1874, e reunido no volume *Homens e Datas*, é dito que: “francamente eu detesto os monumentos são eles a menos expressiva representação de um talento brilhante.”¹³⁰ Pois, “que um homem estude, pense, trabalhe, sue, investigue e lute para se volver granito, e ter ao pé de si um soldado da municipal, que parece eternamente o mesmo, porque tem bigode e espingarda, e defronte de si, sentado num banco, o mais charro namoro burguês que pode agremiar uma criada e um calafate, é supinamente aborrecido, cruelmente injusto, e duramente glorioso!”¹³¹.

Todavia, consideramos que esta mudança de opinião atinge todo o homem de espírito e, essencialmente, aquele que contacta com a realidade política, participando nela, como foi o caso do escritor em causa.

A ausência de reconhecimento que o Porto evidencia para com os homens ilustres, essencialmente para com os literatos portuenses, é justificada por Alberto Pimentel pelo facto de os portuenses não verem com bons olhos os literatos.

A sociedade portuense, na boca do autor, é uma terra alheia aos artistas: “Españeja-se em derredor das mesas a sociedade, sempre independente, dos artistas, que esquecidos das costellas, divinizam as costelletes.”¹³²

A este desamor dos portuenses aos literatos é dedicado um capítulo do volume *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*: “ Todo este capítulo [cap. VI] do Porto na berlinda é um câro de clamores, doloridos ou ironicos, contra o desamor com que os portuenses recebem e tratam os seus talentos de melhor agua. E a voz, que n’este câro unisono, sobreleva a todas é a da verdade – prima-donna raras vezes escutada com agrado.”¹³³

Nesta sociedade portuense, alheia aos homens das letras seus conterrâneos, é ao burguês a quem Alberto Pimentel dirige mais especificamente a sua crítica. Para o autor, o

¹³⁰ Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., pág. 88.

¹³¹ *Ibidem*, pág. 89. Cf. também *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., págs. 55-62.

¹³² Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 92.

¹³³ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 124. Vide, também, comentários do autor, ob. cit., págs. 123-126.

burguês tripeiro está “sempre desconfiado de poetas e mal avindo com poesias.”¹³⁴ Em *Memórias do Tempo de Camilo* é dito que: “O burguês do Porto aborrecia os poetas mais que todos os outros «depenados», porque os tinha na conta de visionários incapazes de uma iniciação útil na vida prática.”¹³⁵

Em *A Praça Nova*, o autor exemplifica a falta de reconhecimento e de prestígio que a dedicação às letras adquiria junto dos negociantes portuenses: “ Na minha mocidade conheci Joaquim Pinto Ribeiro Junior e José Dias de Oliveira, filhos de negociantes. Nunca seus pais consentiram que os felicitasse alguém pelo talento literário dos filhos, conquanto ambos fossem poetas distintos.”¹³⁶

Magalhães Basto, ao analisar o Porto do Romantismo, salienta as relações antagónicas que existiam entre literatos e burgueses: “ O burguês era demasiado severo para com a geração nova; esta não o era menos para com o burguês.” O autor explica este antagonismo pela divergência de interesses. Por conseguinte, os literatos “representavam o ideal, o sonho, a *Poesia*”, ao passo que os burgueses simbolizavam “o prosaísmo das realidades da vida, a *Matéria*”. Daí que, Magalhães Basto conclua que, no Porto do Romantismo, literatos e burgueses nunca se poderiam compreender¹³⁷.

Jacinto do Prado Coelho justifica o crescimento duma literatura panfletária dirigida ao comerciante enriquecido: “No meio portuense, essencialmente mercantil, a hegemonia dos barões era ainda mais tirânica, daí o florescimento duma literatura panfletária, que visava o comerciante, enriquecido muitas vezes por meios ilícitos, e galardoado com baronatos e comendas”¹³⁸. O burguesismo era o maior inimigo do romântico, daí que a literatura portuense oitocentista estivesse “assanhada contra o burguês”¹³⁹.

¹³⁴ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 188.

¹³⁵ Alberto Pimentel, *Memórias do Tempo de Camilo*, ob. cit., pág.40.

¹³⁶ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 177.

¹³⁷ Artur de Magalhães Basto, *O Porto do Romantismo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, pág. 73. Note-se que este binómio antinómico literatura (espírito) /sociedade (matéria) já foi observado por Almeida Garrett: “A sociedade é materialista; e a literatura, que é a expressão da sociedade, é toda excessivamente e a absurdamente e desproporcionalmente espiritualista!”. – cf. Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Porto, Porto Editora, 2.^a edição, 1977, pág. 28.

¹³⁸ Jacinto do Prado Coelho, *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, s/l, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, 3.^a edição, pág. 193.

¹³⁹ Cf. *ibidem*, págs.192-193.

Esta proeminência comercial da Invicta é realçada por Alberto Pimentel no romance *O Anel Misterioso*. Segundo o autor, o seu burgo natal é uma “terra essencialmente comercial, avêssa a idealidades romanescas e ao convívio e aprêço de escritores, bons ou simplesmente toleráveis.”¹⁴⁰

Assim, devido ao mau agrado com que a sociedade burguesa do Porto via os literatos, o autor afirma que todos os escritores portuenses da época “Viviam pobres e morriam pobríssimos, quase esquecidos”.¹⁴¹

Os poetas, qualificados pelo autor como “coitados”, “não chegaram a conseguir nunca navegar desembaraçadamente nos mares aparcclados da opinião publica. Estavam sempre de pé atraz com eles.”¹⁴²

Como sabemos, Alberto Pimentel já tinha estado no grupo dos poetas portuenses, pois, foi pela poesia, que o escritor viu as suas primeiras obras publicadas. Por isso, provavelmente, também terá sido atingido pela incompreensão por parte da opinião pública, como podemos depreender das suas palavras incluídas na obra *Mistérios da Minha Rua*. Neste volume, ao encerrar um capítulo dedicado a Simões Dias¹⁴³, é dito o seguinte:

“Agora, Simões Dias, me lembra a mim uma coisa. O que é a poesia senão este pensamento constante que nos domina e com o qual morremos felizes? Os outros não nos compreendem, pasmam de mysterio, mas nós vivemos a nossa ideia como Clarice para a sua rozeira.”¹⁴⁴

¹⁴⁰ Alberto Pimentel, Prólogo à 3.^a edição de *O Anel Misterioso*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, pág. 1. Confronte-se aquilo que é dito pelo autor com as seguintes palavras de Alexandre Herculano, escritas em 1838: “Também observaremos que as letras e as boas artes são pouco cultivadas no Porto. Não que os Portuenses sejam rudes: do meio deles têm saído homens notáveis por talento e bons estudos, e ainda hoje os dois primeiros jurisconsultos portugueses são dois filhos da cidade eterna: mas o comércio absorve tudo, e deixa pouco espaço para medrarem os engenhos felizes.” – cf. Alexandre Herculano, *ob. cit.*, pág. 126.

¹⁴¹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, pág. 134.

¹⁴² *Ibidem*, pág. 135. Veja-se que, ao longo da intriga do romance *O Arco de Vandoma*, Alberto Pimentel salienta os preconceitos que a opinião pública portuense evidenciava para com os poetas – cf. Alberto Pimentel, *O Arco de Vandoma*, *ob. cit.*, págs. 198-201 e pág. 214.

¹⁴³ José Simões Dias (1844-1899) notibilizou-se como poeta e contista.

¹⁴⁴ Alberto Pimentel, *Mystérios da Minha Rua*, Porto, Tipografia Pereira da Silva, 1871, pág. 27.

Na obra *Vinte Anos de Vida Literária*, a pobreza dos escritores portuenses é especificada e exemplificada: “Camilo trabalhava como um moiro para sustentar-se. Arnaldo Gama vivia com dificuldades. Evaristo Basto, o brilhante folhetinista portuense, mendigára um lugar publico.”¹⁴⁵

De acordo com o testemunho de Alberto Pimentel, verificamos que a pobreza dos literatos não se tratou apenas de um mal portuense, mas atingiu o país da época. Num dos capítulos da obra *Esboços e Episódios*, intitulado “Um escritor português ... santo”, dedicado ao poeta bracarense João Joaquim de Almeida Braga, é dito que:

“Não são por via da regra felizes os escriptores portugueses. Muitos d’elles choraram nas plagas do exílio e na solidão do cárcere; outros agonizaram carecidos de pão e de leite, entre quatro paredes negras e húmidas.”¹⁴⁶

Portanto, devido à pobreza que os atingia, muitos escritores, na tentativa de subsistirem, eram obrigados a recorrer a cargos públicos, dividindo o tempo entre as funções burocráticas e as lides literárias. Como é dito pelo autor: “Felizmente, depois que se abriram em Portugal as secretarias d’estado e as repartições publicas, os litteratos puderam fazer rosto á miséria, dividindo o tempo de modo que as funções burocráticas não prejudicassem os trabalhos de gabinete.”¹⁴⁷

¹⁴⁵ Alberto Pimentel, *Vinte Annos de Vida Litteraria*, *ob. cit.*, pág. 117. A respeito de Camilo, João Chagas ilustra a sua situação por meio da expressividade da seguinte imagem: “Camillo preparava na vespera, com as suas numerosas novellas, o almoço do dia seguinte.” – cf. João Chagas, *Homens e Factos*, Coimbra, França Amado – Editor, 1905, pág. 160. No mesmo volume, elaborado entre 1902-1904, João Chagas, a respeito de Pinheiro Chagas, conclui sobre o insucesso e a desmotivação que a dedicação às letras ocasionam em Portugal: “O insucesso de Pinheiro Chagas, morrendo pobre depois de um tão arduo trabalho intellectual, fecha a porta a todas as nossas ambições de emancipação pelas letras.” – cf. João Chagas, *ob. cit.*, pág. 55.

¹⁴⁶ Alberto Pimentel, “Esboços e Episódios” in *Seara em Flor*, vol. II, Lisboa, Livraria Editora, 1905, pág. 253. Como sabemos, o infortúnio dos escritores portugueses não foi só um mal da época pois, já em pleno século XX, João Chagas afirma que: “O homem que vive das letras em Portugal e se reputa feliz, é uma natureza privilegiada, só explicável por uma infinita bondade, ou por uma infinita devoção.” – cf. João Chagas, *Homens e Factos*, *ob. cit.*, pág. 57.

¹⁴⁷ *Ibidem*, pág. 253. Como sabemos, o autor que profere estas palavras apercebeu-se que não poderia viver exclusivamente das letras, por isso, vai para Lisboa e ingressa pela carreira política. No entanto, não abandona a produção literária. (cf. Gonçalves Crespo, “Biografia de Alberto Pimentel” in *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, *ob. cit.*, págs. 7-15.)

A mesma ideia é salientada, em 1873, por Júlio César Machado que, ao referir-se ao literato Eduardo Vidal¹⁴⁸, afirma que: “São-lhe familiares os poetas da antiguidade, e conhece tanto os thesouros dos mortos como a riqueza que vae por esse mundo nas obras dos contemporâneos. Não é isso porém o que lhe tem vallido, a não ser para trabalhar, e para soffrer, a troco de deliciar tantas vezes os leitores com os seus versos formosissimos. O que lhe tem valido – e n’isto está o paiz – é ser empregado na alfandega.”¹⁴⁹

De facto, não obstante a falta de reconhecimento perante os homens de letras caracterizasse o Portugal oitocentista, Alberto Pimentel utiliza como exemplo o caso portuense, realçando-o como um dos defeitos da Invicta. No entanto, note-se que, simultaneamente, o autor não esquece de exaltar as qualidades da cidade.

Num parágrafo incluído na obra *Através do Passado*, são descritos os prós e os contra das praias do norte de Portugal: “São realmente formosas as praias do norte, bello mar, bello ceu, bello panorama, mas... pouca animação, pouca convivencia, digamos tudo, poucas idéas, poucos pensam em divertir-se a si proprios e a pouquissimos ocorre o pensamento de que, de vez em quando, convém tambem divertir os outros.”¹⁵⁰

Se, no excerto acima transcrito, é criticada, subtilmente, a falta de conversação no Porto, em *O Porto por Fora e por Dentro*, são exemplificadas ao pormenor as manifestações e consequências das “tendências negativas do Porto para a conversação”¹⁵¹.

É, também, criticando que o autor se refere à imprensa portuense da qual já participou¹⁵². De igual modo, não é poupada a tradição crítica portuense, assemelhada a uma “matilha”, na qual os seus intervenientes são nomeados de “rafeiros”¹⁵³.

Podemos dizer que, nas obras de Alberto Pimentel que versam o Porto, tanto a comparação que é feita entre o Porto e Lisboa, como as descrições da alma do Porto e do

¹⁴⁸ Eduardo Augusto Vidal (1841-1907) – para além de poeta lírico e jornalista, foi inspector-geral das alfândegas de Lisboa.

¹⁴⁹ Júlio César Machado, *Manhãs e Noites*, Lisboa, Livraria Moderna – Editora, 1873, pág. 159. O facto de que os homens de letras não viverem exclusivamente daquilo que escrevem é salientado e referido por vários autores. João Chagas afirma o facto, ilustrando-o: “Eça de Queirós foi funcionario publico, Ramalho Ortigão é outro, Theophilo Braga é professor, Guerra Junqueiro agricultor.” – cf. João Chagas, *Homens e Factos*, ob. cit., pág. 160.

¹⁵⁰ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 183.

¹⁵¹ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 210-211.

¹⁵² Cf. *ibidem*, pág. 208.

¹⁵³ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit., págs. 1-2, pág. 5, págs. 18-19 e págs. 21-22.

perfil do tripeiro permitem destacar o carácter específico dos portuenses e da Cidade da Virgem. Revelando, por conseguinte, a vontade de salientar uma identidade tripeira.

Veja-se a quantidade de guias e roteiros que, no séc. XIX, sobre a Invicta foram elaborados. Entre eles, podemos referir *O Minho Pitoresco* (1886) de José Augusto Vieira ou o *Elucidário do Viajante no Porto* (1864) de Ferreira Barbosa.

Refira-se, ainda, os romances que tiveram o Porto como cenário da acção. Obras como *Uma Família Inglesa* (1868) de Júlio Dinis, *Os Tripeiros* (1859) e *A Rua Escura* (1853) de Coelho Lousada, ou muitos dos numerosos volumes de Arnaldo Gama que apresentam uma temática portuense.

Por outro lado, não podemos esquecer que a crítica ao Porto e seus naturais, revelando cunho didáctico, pretenderão ter repercussões na moralização do povo portuense. Baseamos a nossa dedução na análise de determinados comentários do autor, nos quais encontramos um intuito pedagógico.

Alberto Pimentel não se limita a observar a sociedade portuense do seu tempo mas exprime impressões e sentimentos que lhe provocaram os factos observados. Com efeito, em muitos comentários, observamos a emotividade do autor. A título ilustrativo, atente-se no comentário elaborado em torno do facto de as damas portuenses de há trinta anos apresentarem uma dedicação extrema ao lar e à família: “ Que santa tranquilidade patriarchal a d’esse tempo! Que ingenuidade de costumes!”.¹⁵⁴ Como é dado constatar, este comentário, apesar da aparente simplicidade emotiva, salienta a degeneração da moral.

Num outro momento de *O Porto há Trinta Anos*, ao referir a mudança de local que a feira portuense de S. Miguel sofreu, o autor prescinde de uma linguagem *floreada*, mas não isenta de emotividade, e transmite a sua opinião de forma directa: “Aquillo hoje já não é feira que preste para nada: está agonisante, moribunda, é uma tradição que vai esconder-se na sepultura.”¹⁵⁵

Na obra *Através do Passado*, o autor coloca em texto a sua opinião pessoal, revelando, com ironia, a expressividade da sua indignação perante a realidade: “ No *juncal de cima*, o Chiado da terra [Matosinhos], ha, durante a noite, dois renques de luzes de

¹⁵⁴ Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Anos*, ob. cit., pág. 130.

¹⁵⁵ *Ibidem*, pág. 36.

petroleo, e já não é mau, dizem os poucos banhistas. Não é mau! Para que servem as luzes, se não allumiam ninguém? Ha dois annos, havia menos luz e mais animação. Era bem preferível, acho eu.”¹⁵⁶

Não podemos esquecer que, no séc. XIX, é valorizada a função educativa da literatura, por isso, o uso da ironia afirmava-se como um meio subtil e indirecto para atingir o objectivo pedagógico.

Maria de Lourdes Ferraz, ao analisar a ironia romântica, salienta este aspecto, remetendo-o para a sua expressão na ficção portuguesa oitocentista: “Em Portugal, concretamente, a função educativa da literatura, com que não podiam deixar de estar preocupados os herdeiros da revolução liberal de 1820, apresenta-se, na ficção, de um modo indirecto: é crítica de uma leitura superficial, é convite a um ver mais além, é um auto-exame crítico.”¹⁵⁷

Por outro lado, é de salientar que, no discurso que o autor elabora sobre o Porto, o parecer pessoal e subjectivo se cruza com a História. Assim, Em *A Praça Nova*, verificamos que os comentários do autor estão intercalados com as descrições históricas. Atente-se no seguinte excerto, no qual os comentários são destacados e isolados do restante discurso através do travessão: “Manuel Garções traçou o frontispício da Fonte, sem pompa – *porque certamente os recursos da subscrição não permitiam outra coisa* – mas alindou-o com três carrancas, a que deu um tal ou qual burlêso.”¹⁵⁸

De igual modo, em *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, os comentários do autor são separados graficamente por um travessão, delimitando, assim, a fronteira entre as compilações e o texto autoral.

Estes comentários, se por um lado, esclarecem determinados conteúdos incluídos nos textos reunidos em compilação¹⁵⁹, por outro, evidenciam a concordância, ou não, do autor, com os excertos transcritos. Por exemplo, após transcrever um excerto retirado da

¹⁵⁶ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 50.

¹⁵⁷ Maria de Lourdes A. Ferraz, *A Ironia Romântica – Estudo de um Processo Comunicativo*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, págs. 43-44.

¹⁵⁸ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 20. Itálico nosso.

¹⁵⁹ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 14, pág. 97 e págs. 194-195.

obra *Génio do Mal*, no qual Arnaldo Gama descreve a rua dos Gatos, Alberto Pimentel afirma: “O texto de Arnaldo Gama diz tudo.”¹⁶⁰

Nesta obra, não passa igualmente despercebido o diálogo intertextual que o escritor elabora com os textos transcritos. Por conseguinte, se o excerto extraído da obra de Júlio César Machado, *Contos ao Luar*, refere que o exemplar que relata a biografia do Senhor de Matosinhos só existe na igreja com o mesmo nome do Santo, Alberto Pimentel contesta esta afirmação, como se estivesse num diálogo *in praesentia* do dito escritor. Logo, afirma expressivamente em tom familiar:

“ Não, querido Julio, cujo brilhante espirito se não podia comprazer com minudencias bibliographicas, não!”. Pois, “o livro é vulgar, encontra-se facilmente no mercado, por baixo preço.” E, termina, dizendo: “Possuo ha vinte annos um exemplar que me custou doze vintens. Intitula-se (....)”¹⁶¹.

Por outro lado, constatamos que a autor se posiciona como comentador da História, tecendo comentários relativamente aos factos históricos:

“Há momentos de ingratidão irritante na vida dos reis, momentos cuja memória eles não conseguem apagar por quaisquer actos de benevolência ou estima praticados depois.

E os ministros, por sua parte, poucas vezes se lembram de que, em certos actos políticos, uma palavra a mais ou uma palavra a menos pode comprometer os reis, embora no regime constitucional a responsabilidade seja deles ministros.”¹⁶²

Portanto, após longas descrições sobre o Porto, o leitor virtual das obras de Alberto Pimentel usufrui de momentos de leitura, nos quais se evidenciam as opiniões do autor¹⁶³.

¹⁶⁰ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d'uma Família Portuense*, ob. cit., págs. 64-65.

¹⁶¹ *Ibidem*, págs. 185-186.

¹⁶² Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 133-134.

¹⁶³ Se o assunto, que de momento nos ocupa, é a presença do discurso opinativo nas obras que Alberto Pimentel dedica ao Porto, não podemos deixar de referir, nem que seja em nota, aquilo que é dito, pelo próprio, num artigo escrito para *O Tripeiro*. Neste artigo, Alberto Pimentel refere que o “espírito opinativo” é próprio de todos os portuenses (cf. Alberto Pimentel, “A Campanha do Chá” in *O Tripeiro*, Porto, n.º 3 de 20 de Julho de 1908, pág. 46).

Veja-se a este respeito o discurso opinativo que encerra o capítulo VII da obra *O Porto há Trinta Anos* e que apresenta por assunto o Palácio de Cristal:

“A meu vêr, o Palacio de Crystal do Porto concorreu, com a impudicicia dos seus bailes de mascaras, para destragar os austeros costumes portuenses, porque os filhos familias (sic), uma vez cahidos n’aquelle abysmo de prazer, tomaram gosto á pandega ...e ao dinheiro dos pais.”¹⁶⁴

Como referiu o neto do autor, “Em vez de grossos tomos, peçados de transcrições, crivados de notas, Alberto Pimentel deixou-nos animadas monografias históricas, em que a investigação e o comentário crítico são sempre rigorosos, sem contudo produzirem o enfado ou o cansaço dos grandes documentários”¹⁶⁵.

Na obra *O Porto há Trinta Anos*, o autor portuense transmite a sua opinião sobre os miguelistas do seu tempo e os de outrora. Este discurso é marcado tanto pelas expressões: “eu acho”, “Para mim”, bem como pela ironia: “D. Miguel II poderia vir ainda, mas só por milagre, pouco mais ou menos como D. Sebastião, montado n’um cavallo branco, n’uma manhã de nevoeiro.”. Alberto Pimentel chega ao ponto de apelidar os miguelistas “de outrora” de “apostolos de uma causa perdida”¹⁶⁶.

O testemunho histórico que Alberto Pimentel transmite sobre o Porto do seu tempo é um testemunho heterógeneo, ou seja, se, por um lado, aglomera variados e diferentes materiais que o documentam, por outro, o autor ora comenta criticamente a realidade portuense, ora a descreve, simplesmente, ao pormenor.

De facto, a captação do pormenor e respectiva transmissão ao leitor não é ignorada nas obras que Alberto Pimentel dedica ao Porto. Assim, é transcrita no texto uma “cópia fiel” dos *menus* que fizeram parte dos principais acontecimentos portuenses, ou, ainda, é feita a transcrição de um hino que foi composto em honra dos amadores que representaram um auto no Teatro Circo¹⁶⁷.

¹⁶⁴ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 79.

¹⁶⁵ Fernando Alberto Pimentel, “A obra de um grande escritor” in Alberto Pimentel, *O Anel Misterioso*, Queluz, Livraria Figueirinhas, 1943, pág. XXIV.

¹⁶⁶ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., págs. 256-257.

¹⁶⁷ Cf. *ibidem*, págs. 106-109.

Por conseguinte, existe a preocupação por parte do autor em transmitir aos leitores das suas obras um conhecimento pormenorizado sobre o seu Porto. Se o frontispício da *Fonte d'Arca* tem gravados alguns versos em latim, o autor, não pretendendo que *nenhum* leitor ignore a informação ali inscrita, afirma: “Para que nenhum leitor possa ficar desconhecendo o teor da altissonante legenda, vamos dar uma tradução excelente, feita pelo sr. Visconde de Castilho (Júlio) (...)”¹⁶⁸.

Esta preocupação pela descrição pormenorizada surge de outra evidenciada pelo autor – a preocupação de dotar o discurso de verosimilhança. Em *A Praça Nova*, salienta-se, ao leitor, a *autenticidade* do relato descritivo: “Conheci durante muitos anos o tanque da Praça Nova. Não sei que destino teve depois que foi retirado dali; sem embargo, vou repô-lo no antigo local, ante os olhos do leitor, graças a um *desenho autêntico*.”¹⁶⁹

Do mesmo modo, não é esquecida a *côr da época*: “Archatado é que eu devia ter dito para lhe dar a côr e o pavio da época.”¹⁷⁰. Daí que, ao transcrever no texto um documento antigo, o autor não poupa a advertência ao leitor: “E para lhe respeitar toda a côr da época, conservar-lhe hei a sua mesma ortografia.”¹⁷¹

Observe-se, ainda, como a experiência pessoal do autor, serve também para salientar a verosimilhança e a legitimidade do narrado. Em *Através do Passado*, a realidade presenciada pelo autor, e que é posteriormente descrita no texto, surge como prova perante os factos:

“Tambem os banhistas da Foz se queixam de falta de animação n’aquella praia.

Para me desenganar, fiz hontem de tarde uma visita à Foz.”¹⁷²

Com efeito, não passa despercebida a faceta que o autor assume como analista da realidade portuense. Na obra *Do Portal à Clarabóia*, após a descrição da sociedade portuense, sua contemporânea, o autor apresenta a postura de analista perante aquilo que é

¹⁶⁸ Pimentel, Alberto, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 37.

¹⁶⁹ *Ibidem*, pág. 56. Itálico nosso.

¹⁷⁰ *Ibidem*, pág. 73.

¹⁷¹ *Ibidem*, pág. 137.

¹⁷² Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 50.

observado: “ Eu estudo simplesmente, anatomizo; a arte moderna tem tomado um caracter profundamente analítico, e eu quero ser do meu tempo.”¹⁷³

Mais adiante, na mesma obra, Alberto Pimentel desabafa com o leitor as maleitas do seu tempo: “Assim é que vamos de cada vez a peor, porque nos põem medo a valsa, o *cancan*, a esgrima, a natação, a equitação, as tripas e a orelheira. Horror! Estamos cada vez mais melancolicos e, se julgam que ha da minha parte uma intenção menos benevola neste livro, remetto-os para Camilo Castello-Branco que está ha vinte e dois anos estudando a nossa sociedade e que já lhe toma o pulso com o castão da bengala.”¹⁷⁴ E, conclui, dizendo que é em Camilo Castelo Branco, ou seja, “é no primeiro romancista d’um pais que esse pais so (sic) póde estudar”¹⁷⁵.

No último capítulo da obra *Do Portal à Clarabóia*, são denunciadas as desgraças morais do tempo coevo do autor. Neste capítulo, bem como já tinha feito em capítulos anteriores, Alberto Pimentel evidencia o triunfo do animal sobre o Homem. Se, nos capítulos XI e XII, é salientada a superioridade do cão, do gato, do galo, do percevejo, do rato e da pulga; no último capítulo (cap. XVI), aborda-se a superioridade da aranha em relação ao Homem.

No dito último capítulo é dito: “ Invadiram os estados do pequeno animal? Não se incomodou. Trabalhou dois dias, e teceu de novo a sua téa. Quem a atacou? Foi o homem. Elle suou, esbofou-se, mandou cortar uma arvore, que representava certo rendimento, e fazer d’elle uma vara, mas a aranha triumphou.”¹⁷⁶ Assim, a propósito da aranha, é elaborada uma crítica ao Homem: “O egoísmo do homem, que nasceu pobre e morre ordinariamente, teve inveja da riqueza da aranha. Tratou de lhe roubar os thesouros (...). O homem tira-lhe tudo, para se allumiar e banquetear.”¹⁷⁷

Referindo-se à juventude do seu tempo, Alberto Pimentel utiliza como instrumento retórico a ironia e elabora uma longa crítica dirigida à mocidade portuense. Esta crítica é finalizada do seguinte modo:

¹⁷³ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 14.

¹⁷⁴ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 27.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

¹⁷⁶ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 171.

¹⁷⁷ *Ibidem*, pág. 173.

“Demorei-me a falar da mocidade portuense, porque é d’este ôvo que há de saír amanhã a geração do futuro.

Bom proveito.”¹⁷⁸

Neste sentido, devido ao forte pendor crítico presente no volume *Do Portal à Clarabóia*, numa carta-folhetim de Guilherme Braga a Alberto Pimentel, o poeta faz referência às malquerenças que a dita obra poderia suscitar na sociedade portuense.

Como é dito por Guilherme Braga: “ O teu livro tem dezasseis capítulos apreciáveis, resume uma bella photographia á penna d’um grupo admiravelmente escolhido para caracterisar parte da sociedade que nos rodeia, esta bem escripto, foi bem pensado, mostra-nos uma nova phase do teu muito talento, mas a par de tudo isto, que lhe dá realce, que o torna sympathico, tem um grande defeito para ti, o de te malquistar com muita gente, cujo odio é perigoso, cuja inimizade é traiçoeira.”¹⁷⁹

Na obra *Através do Passado*, de igual modo, Alberto Pimentel utiliza como pretexto a descrição da estátua de Passos Manuel na Alameda de Matosinhos para criticar a facilidade com que o país esquece os seus homens ilustres¹⁸⁰.

Note-se que apesar de um Guia do Viajante privilegiar, pela especificidade da tipologia textual, a descrição das principais atracções para os visitantes, Alberto Pimentel no seu *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, introduz uma pausa no seu discurso descritivo e comenta, criticamente, as tabuletas colocadas no Palácio de Cristal:

“Ah! srs. Directores do Palacio de Crystal Portuense, temos que conversar a respeito d’estas malfadadas taboletas, mais da sua collocação. Que a primeira das citadas taboletas, como diria o sr. Jayme José Ribeiro de Carvalho, estivesse pelo lado de fóra da porta de entrada, comprehendia-se, porque n’esse caso as damas que, ignorantes da vossa

¹⁷⁸ *Ibidem*, págs. 15-16.

¹⁷⁹ Guilherme Braga, “Carta- folhetim a Alberto Pimentel” in *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 5.º ano, n.º 3, de Sábado 4 de Janeiro de 1873.

¹⁸⁰ Cf. Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, *ob. cit.*, pág. 45.

determinação, conduzissem consigo as suas cadelinhas de Itália, os seus cachorrinhos de pello branco, depois de lerem o distico, que diz textualmente assim:

NÃO É PERMITIDO CALCAR
OS
ALEGRETES DE FLORES OU PLANTAS
OS CÃES SÓ PODERÃO TER ENTRADA NOS
JARDINS
SENDO CONDUZIDOS COM UMA CADÊA OU CORDÃO

iriam á primeira loja de capellista comprar o cordão exigido ou ao primeiro estabelecimento de latoeiro comprar a cadêa reclamada por essa terrivel alternativa em que vós, na mesma epocha em que se generalisa a protecção aos animaes, collocaes os cães abastados que podem concorrer aos divertimentos publicos.

Mas affixada dentro da porta de entrada, a vossa primeira taboleta, ó srs. Directores, demonstra simplesmente que vós quereis armar um laço ás pessoas que conduzem cães sem cadêa ou cordão, porque depois dos vossos empregados os haverem deixado entrar, a vossa taboleta, ex.mos srs., exige a essas desprevenidas pessoas que vão prender os seus cães – com uma cadêa ou cordão.”¹⁸¹

E, se, como vimos nas obras de Alberto Pimentel dedicadas ao Porto, encontramos a crítica de carácter geral, também é possível apontar alguns momentos onde é elaborada crítica social. Contudo, verificamos que, optando pela crítica social velada, o autor encobre a referência explícita das pessoas implicadas, utilizando, por conseguinte, a identificação pela inicial do nome da pessoa ou pessoas que constituem o alvo da crítica.

Este método é frequentemente utilizado no relato caricatural de histórias célebres ou episódios caricatos acontecidos no Porto. Para ilustrarmos aquilo que dizemos, passamos a recolher alguns exemplos retirados de diferentes obras do autor.

¹⁸¹ Alberto Pimentel, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, ob. cit., págs. 112-113.

Na obra *A Praça Nova*, relatando um episódio portuense que envolveu uma *grisette*, o autor opta pela identificação da mesma por “Sr.^a Dona L...”¹⁸². Igualmente, na obra *O Porto por Fora e por Dentro*, ao fazer referência a algumas peripécias que envolveram uma figura típica do Porto – João da Cósta Fajardo –, Alberto Pimentel encobre os intervenientes destes episódios. Por conseguinte, a amada do “fajardo” portuense é referida apenas como uma “formosa menina, que vivia com sua mãe, opulenta viuva do barão de C.....”¹⁸³.

Se pretendermos explicar o motivo de tal procedimento, podemos recorrer ao que é dito pelo autor, quando inicia determinados relatos: “Disfarço os nomes, é claro, o que pouco importa para o caso.”¹⁸⁴, ou ainda, “Miss Adelina (*que importa não ser este o nome?*) era rica, o que de certo lhe teria permitido não ser formosa.”¹⁸⁵

De facto, muitas das histórias contadas, e que tiveram lugar no Porto, são histórias que servem para ilustrar o assunto do momento. São, por conseguinte, ou histórias exemplares ou funcionam como anedotas que pretendem distrair o leitor e amenizar o discurso. Daí que, o que importa é a história e não os nomes dos intervenientes¹⁸⁶.

Não obstante considerarmos esta perspectiva de reflexão ao analisarmos o motivo que origina a identificação velada, encontramos, nas obras do autor o uso da inicial do nome, em momentos nos quais não são relatadas histórias e/ou peripécias, mas em simples referências nominais, incluídas nas descrições do Porto.

Em *O Porto há Trinta Anos*, é dito que a sociedade portuense, de seu nome *Graciosa*, foi fundada pelo “snr M. F.”¹⁸⁷. Na mesma obra, aquando da descrição da sociedade que, há trinta anos, frequentava as missas portuenses, é referida a beleza das damas. No entanto, as ditas damas não são nomeadas directamente, mas sobre a sua

¹⁸² Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 211.

¹⁸³ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto por Fora e por Dentro*, ob. cit., pág. 126. Veja-se, ainda, que a mesma técnica – ocultar os intervenientes na acção – é utilizada no relato de um episódio que envolveu o próprio autor – cf. Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., págs. 16-17.

¹⁸⁴ Cf. Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., pág. 167.

¹⁸⁵ Cf. Alberto Pimentel, *Esboços e Episódios*, ob. cit., pág. 220, itálico nosso.

¹⁸⁶ Veja-se que o uso de iniciais na identificação dos nomes é um recurso frequentemente utilizado pelo autor. No início do Cap. VI de *Esboços e Episódios*, surge a seguinte frase: “Perto do mosteiro encontramos o snr. T.G. negociante britânico no Porto.” (cf. ob. cit., pág. 219, itálico nosso). Mais adiante, ainda na mesma obra, encontramos outro exemplo: “O snr. T. G. tinha ido ao Bussaco para acompanhar o seu amigo R. W. pai da mesma Fada.” (Cf. ob. cit., pág. 219, itálicos nossos).

¹⁸⁷ Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Anos*, ob. cit., pág. 105.

identidade é lançado o véu da incógnita. São referidas como “As irmãs B...”¹⁸⁸, “As filhas do capitalista da S...”¹⁸⁹, ou, ainda, “As duas irmãs P...”¹⁹⁰.

Podemos salientar ainda outro exemplo, retirado de *O Porto há Trinta Anos*, que ilustra a preferência que o autor demonstra pela nomeação por siglas: “ À porta da livraria Moré estacionavam, de preferências, os elegantes de maior idade, que viviam dos seus rendimentos: entre outros, os irmãos A....., da Picaria, e os irmãos B....., de Sant’Anna.”¹⁹¹

Na análise crítica que o autor tece em torno da sociedade portuense, o burguês assume especial destaque. Em *A Praça Nova*, é apontado o prazer que o burguês tem pela ostentação e pela opulência. Atente-se na seguinte descrição caricatural da postura do burguês portuense nas procissões:

“O burguês, lustrado pelo dinheiro ou por um título, gostava de expôr-se nas ruas da cidade, com o habito da sua *Ordem*, commenda de Christo ao peito e véla de cêra na mão. De mais a mais, como isto ia de accôrdo com os sentimentos religiosos, tinha tudo a ganhar e nada a perder.”¹⁹²

Na mesma obra, o autor caracteriza os burgueses, camuflando, pelo humor, o seu intuito crítico: “Homens de costumes inveterados e egoistas, os burgueses gostam de que ninguém os perturbe no comodismo das suas regalias. Nisto se parecem com os fidalgos e os...gatos.”¹⁹³

Encontramos, igualmente, críticas dirigidas a outros estratos e tipos sociais do Porto. O negociante enriquecido no Brasil, o chamado «brasileiro» de *torna-viagem*, tão criticado por Camilo, não escapa igualmente ao olhar crítico de Alberto Pimentel.

¹⁸⁸ *Ibidem*, pág. 60.

¹⁸⁹ *Ibidem*, pág. 61.

¹⁹⁰ *Ibidem*, pág. 61.

¹⁹¹ *Ibidem*, pág. 228.

¹⁹² *Ibidem*, pág. 159.

¹⁹³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 45-46.

Em tom de ironia, os «brasileiros» são adjectivados de “espavonados”, “que só eram pessoas conversáveis nos Bancos e nos cambistas.” E, por isso, com humor, o autor afirma que: “Nunca lhes ouvi a prosa financeira.”¹⁹⁴

Esta associação do «brasileiro» ao dinheiro encontramos em outra obra de Alberto Pimentel, onde, de igual forma, não se prescinde do humor: “ “Em se reunindo seis *brazileiros*, podia calcular-se, sem perigo de errar, que sommavam, collectivamente dois mil contos de reis.”¹⁹⁵

Perante a proeminência que o «brasileiro», assim como o burguês, assumem nas obras do autor em análise, não podemos esquecer o relevo que as duas figuras adquiriam no Porto oitocentista. Note-se que Henrique Marques, o já aqui sobejamente citado investigador que reuniu a bibliografia de Alberto Pimentel, recordando nas suas memórias a estadia na Invicta, entre 1890 e 1894, afirma que: “ Quem dominara quási durante um século, aquele grande centro de trabalho [o Porto], era o burguês e o brasileiro de torna -
-viagem.”¹⁹⁶

Perante a utilização do humor, convém, igualmente salientar que, se por um lado, existia uma tradição do humor português que vinha desde Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, por outro, no Romantismo, houve a voga do folhetim humorístico. Assim, não se alheando nem à tradição nem às tendências do seu tempo, o escritor utiliza o humor como instrumento retórico para comentar os factos portuenses.

A respeito do estudante portuense Ferrer Farol que, em 1865, escreveu uma dissertação com o objectivo de preconizar o matrimónio, o autor escreve as seguintes palavras: “ Pois bem! este preconizador do casamento em 1865, ainda hoje, 1892, está solteiro.”¹⁹⁷

É de salientar a exploração do humor de uma determinada situação. O último capítulo da obra *Do Portal à Clarabóia* é dedicado justamente ao inquilino da clarabóia, a

¹⁹⁴ *Ibidem*, pág. 198.

¹⁹⁵ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d'uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 100.

¹⁹⁶ Henrique Marques, *Memórias de um Editor (publicação póstuma)*, ob. cit., págs. 169-170. Magalhães Basto, na obra *O Porto do Romantismo*, refere que: “Naquele tempo, minhoto emigrado para o Brasil e que tivesse conseguido encontrar a célebre *árvore das patacas*, não queria morrer sem regressar à Pátria e construir um palacete no Pôrto. Eram essas as suas últimas aspirações.” (cf. Artur de Magalhães Basto, *O Porto do Romantismo*, ob. cit., pág. 39.

¹⁹⁷ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 98.

aranha. Veja-se a forma humorística como o autor retrata a perseguição dos restantes inquilinos à aranha:

“A enorme aranha da clarabóia subiu ao friso, aninhou-se a zombar da perseguição. O Prata contentou-se com um trophéu: - um fragmento da extensa téa que veio pendurado na extremidade da vara. Passados dias, tinha a aranha fabricado uma nova rede em que se bamboleava.

Victoria do pygmeu sobre o gigante!”¹⁹⁸.

Em *O Porto há Trinta Anos*, Alberto Pimentel, lançando mão do humor, elabora um comentário do tipo: “E o clima do Porto lá estava para, na sua obra de devastação, fazer cantar os pintos na gaveta dos boticários.” E, mais adiante, conclui-se com ironia: “Finalmente, gastando mais pinto, menos pinto, morria-se – como sempre acontece.”¹⁹⁹

Com efeito, a utilização do humor é um recurso constante nas obras de Alberto Pimentel. Observe-se como o autor, construindo um trocadilho com a expressão “fidalgo da velha rocha”, comenta a tentativa de suicídio de um desses fidalgos portuenses: “(...) a sua velha rocha era tão dura, que elle, apesar de cahir sobre um barco carregado de batatas, resistiu ao trambolhão.”²⁰⁰

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, identificamos o recurso ao trocadilho, conjugado com a apresentação gráfica, como instrumento para criar uma impressão humorística da situação. Referindo-se ao medo que Cândido da Cunha, uma das personagens da obra, sentia pelas pretas, o autor afirma: “Candido da Cunha arreceava-se das pretas provavelmente por ser...branco. As mucambas teem profunda inclinação pelas antitheses...de côr.” Logo de seguida, é recomposta a seriedade do discurso: “falemos serio. A repugnancia de Candido explica-se em breves palavras.”²⁰¹

¹⁹⁸ Alberto Pimentel, *Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 170. Veja-se, ainda, relativamente à exploração do humor de uma situação, a alusão ao transporte de estrume nos carros dos lavradores – cf. *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 176.

¹⁹⁹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 121.

²⁰⁰ *Ibidem*, pág. 235.

²⁰¹ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 67.

De igual modo, no *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, encontramos outro exemplo do uso de reticências, utilizado para enfatizar com humor a ironia:

“No tempo da guerra civil (16 d’Agosto de 1833), os armazens de Gaya foram incendiados por uma divisão miguelista, e os preciosos vinhos rolaram á corrente do Douro. Consta que a atrocidade aproveitára siquer aos peixes, os quaes gostaram extraordinariamente do vinho, apesar de o beberem com...agua.”²⁰²

Alberto Pimentel revela o gosto para brincar com as palavras. Daí que, brincando com o nome de uma rua portuense, a Rua dos Gatos, o autor diz que não se propõe investigar o nome da dita rua, “porque o assumpto é esse que deve interessar particularmente...aos ratos.”²⁰³

Da mesma forma, explorando e brincando com o significado das palavras, o autor utiliza o nome de um botequim portuense – o *Pepino* – e elabora um raciocínio, dotado de um humor e uma ironia intemporais. Utilizamos a expressão intemporal porque o humor e a ironia utilizados permitem que o leitor esboce um sorriso, independentemente da distância temporal que o afaste do texto escrito²⁰⁴.

Atente-se, portanto, no seguinte excerto, retirado da obra *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*:

²⁰² Alberto Pimentel, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, ob. cit., pág. 39. Relativamente à importância da tipografia para o efeito irónico que pretende criar, atente-se naquilo que foi dito por Philippe Hamon: “Au lieu d’être concentrés sur les points stratégiques du texte, sur son cadre, ou de se signaler sous le procédé de l’auto-représentation, les signaux de l’ironie peuvent se disséminer dans l’ensemble de l’oeuvre. Organisation du visible du texte écrit, la typographie est particulièrement apte à prendre en charge des signaux visibles de l’ironie, et donc à compenser l’absence du corps sémaphorique de l’ironisant, présent seulement en régime oral.” – cf. Philippe Hamon, *L’Ironie littéraire : Essai sur les formes de l’écriture oblique*, Paris, Hachette Livre, 1996.

²⁰³ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, ob. cit., págs. 64-65.

²⁰⁴ Note-se como Maria de Lourdes Ferraz refere a especificidade e, simultaneamente, a globalidade que caracterizam a ironia: “se se considera que o conceito de ironia tem evoluído, se se considera que a ironia enquanto modo peculiar de criticar o mundo (enquanto expressão de arte) é diferente em Platão e em Mann, em Fielding, e em Sterne, em Diderot e em Stendhal, em Gil Vicente e em Camilo, não se pode deixar de reconhecer também que há uma tal ou qual permanência no jogo de contradições compatíveis da ironia e no efeito que esse jogo provoca em quem o aprecia.” – cf. Maria de Lourdes A. Ferraz, *A Ironia Romântica – Estudo de um Processo Comunicativo*, ob. cit., pág. 18.

“ O proprietário deu o nome ao estabelecimento, mas quero crêr que da gentilha que o frequentava e da reles camaradagem d’elles e d’ellas viria o calão- *Pepino*, *Pepineira*, *Apepinar*.” Pois, como é dito, “Se isto é assim, o Porto póde gabar-se de ter fornecido a etymologia de dois derivados bordalengos: de *Fajardo*, *fajardice*; de *Pepino*, *pepineira*. ”²⁰⁵

Ainda, na mesma obra, aquando da referência à mudança de nome da praia de Foz, ou seja, da mudança de S. João de Furado para S. João da Foz, o escritor portuense afirma a apreciação dessa mudança, com um humor que, podemos dizer um tanto ou quanto malicioso:

“Foi bem mudado o nome, em atenção ao muito sexo feminino que frequenta a Foz, especialmente na época de banhos.

A palavra *Furado* não é das mais convenientes quando se trata do sexo feminino.”²⁰⁶

Não obstante, identificarmos exemplos da utilização de um humor mais *brejeiro*, denotamos a presença de um humor refinado. Em *Através do Passado*, descrevendo os passeios portuenses, é dito que os *Char-à-bancs* “traziam gente do Porto, a 80 ou 120 réis por cabeça, não segundo o tamanho e o peso da cabeça, mas segundo partiam da estação do Carmo ou da Praça Nova.”²⁰⁷

Em *O Porto há Trinta Anos*, é dito que: “ Só as mulheres inscriptas nos registos da policia é que se excediam em perfumes, o *pat-chouli* principalmente, cousa que á força de cheirar bem...cheirava mal.”²⁰⁸

Não podemos deixar de referir que o autor não dispensa o humor negro. A título de exemplo, ressalve-se o seguinte comentário relativo aos banhos no rio Douro:

²⁰⁵ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 146.

²⁰⁶ *Ibidem*, pág. 172.

²⁰⁷ Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 41.

²⁰⁸ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 154.

“Succede que muitas vezes o portuense vai tomar banho e não volta, porque, sendo a banheira grande de mais, corre a gente o perigo de perder-se lá dentro. D’ahi a dias fluctua á tona d’agua um cadáver. Vem sufficientemente banhado, e por esse motivo o enterram.”²⁰⁹

Como se vê, as impressões visuais, retiradas do vivido e recolhidas em lembranças, intercalam-se com o humor irónico do autor. O que justifica a noção de ironia defendida por Bourgeois – a ironia demonstra essencialmente a forma crítica como é percebido o real²¹⁰.

Alberto Pimentel, reconstituindo as suas impressões sobre os banhos na Foz, esboça o seguinte quadro descritivo, revelando, simultaneamente, a visão crítica perante a realidade observada:

“As damas sahem da agua arrastando uma imponente *traine* roçante, que contrasta com o escorrido das fôrmas, severamente desenhadas pela verdade da natureza, – a unica cousa verdadeira que eu conheço.” E, mais adiante, acrescenta: “ nas praias do norte do paiz, á sahida do banho, é muito melhor vêr as damas pelas costas que de frente.”²¹¹

No *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, atente-se na forma como, intercalado com a descrição do Convento de freiras dominicanas, denominado de *Corpus Christi*, encontramos o seguinte comentário adornado de humor e ironia: “Foi fundado em 1345 pela viuva de Estevam Coelho, mãe de um dos famosos assassinos da loira Ignez de Castro, Pedro Coelho, d’onde se vê que a mãe fez melhores obras que o filho.”²¹²

²⁰⁹ Alberto Pimentel, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, ob. cit., pág. 147.

²¹⁰ R. Bougeois, , *L'Ironie Romantique, Spectacle et Jeu de M.me de Stael à Gérard de Nerval*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1974, pág. 45 *apud* Maria de Lourdes A. Ferraz, *A Ironia Romântica – Estudo de um Processo Comunicativo*, ob. cit., pág. 221.

²¹¹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., págs. 248-249.

²¹² Alberto Pimentel, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, ob. cit., pág. 38.

Se a ironia é um termo que se encontra paredes meias com o humor e a sátira²¹³, no texto literário estes aparecem, frequentemente, combinados. De facto, como podemos constatar, nas referências que Alberto Pimentel elabora sobre o Porto, encontramos a combinação da ironia, da crítica e do humor.

Nestas obras, os comentários, divagações ou reflexões do autor são intercaladas com a descrição da Invicta formando, por conseguinte, um todo coerente. A relação afectiva com o assunto narrado²¹⁴ favorece, na organização do discurso, o predomínio da lógica afectiva, de associação analógica, e não racional.

Se pretendermos atestar a heterogeneidade dos materiais que Alberto Pimentel utiliza para falar do Porto, podemos referir o intuito do autor em elaborar uma obra como *A Praça Nova*. Nesta obra, Alberto Pimentel pretendeu dar o testemunho histórico do Porto em vários aspectos, históricos, literários, políticos ou sociais.

Devido a esta finalidade de atingir a pluralidade de temáticas abordadas, o autor justifica a escolha do assunto, implícito no título: “ (...) A Praça Nova é o termómetro onde o observador lerá com segurança a graduação quotidiana da vida elegante, da vida política, da vida literária ou da vida boémia.”²¹⁵

Por isso, devido à amplidão multifacetada das obras que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto, podemos juntar a nossa voz à de Mário Portocarrero Cassimiro quando afirma: “Quem quiser ler o Pôrto do seu tempo [de Alberto Pimentel] tem de o ler (...)”²¹⁶.

Mas, voltando à obra *A Praça Nova*, como é realçado pelo autor, este foi o palco onde se concentraram a pluralidade e variedade dos principais acontecimentos e manifestações da vida portuense. E, recorrente dessa pluralidade, Alberto Pimentel assume a heterogeneidade dos recursos utilizados: “ (...) eu quis fazer ainda mais um livro que fosse do Porto, e só do Porto, a começar na Praça Nova, por um esboço da sua mesma história e a acabar em lembranças, casos, memórias truncadas, que não desdizem do título

²¹³ Esta ideia, e consequente imagem traduzida – o termo ironia surge em paredes meias com o humor, o sarcasmo e a sátira – é referida por Maria de Lourdes Ferraz, aquando a autora reflecte sobre a noção de ironia. Cf. Maria de Lourdes A. Ferraz, *A Ironia Romântica – Estudo de um Processo Comunicativo*, ob. cit., pág. 15.

²¹⁴ Cf. aquilo que foi dito no capítulo I.

²¹⁵ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 12.

²¹⁶ Mário Portocarrero Casimiro, *Tripeiros da Gema*, ob. cit., pág. 75.

geral, porque sendo a Praça Nova o Porto, qualquer assunto por ali passou ou ali teve éco.”²¹⁷

Portanto, cabe-nos agora interrogar de que forma o autor consegue organizar um discurso tão heterogéneo num todo que transmite ao leitor a ideia de unidade e coerência. Pretendemos, nomeadamente, analisar a forma como o autor procede à fusão entre o memorialista, que descreve o Porto, e o intelectual portuense, que reflecte perante a realidade vivida ou lembrada.

Não podemos esquecer que o género memorialístico privilegia a reflexão sobre acções em detrimento das acções propriamente ditas²¹⁸. Por isso, nas memórias do Porto de Alberto Pimentel, evidenciamos que o autor interrompe a narração para inserir no discurso divagações e opiniões que venham a propósito.

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, a propósito de Benito, um comediante portuense, o autor dedica algumas páginas da obra à divagação sobre a importância e a função dos comediantes. No entanto, não descurando o fio lógico que conduz o discurso, volta ao assunto principal: “ Voltemos a Benito, para nos despedirmos d’ele.”²¹⁹

O mesmo acontece na transição dos capítulos XI e XII, inteiramente dedicados a divagações filosóficas sobre o Homem, para o capítulo XIII, no qual é retomado o assunto principal da obra – a descrição de um prédio portuense desde o portal até à clarabóia.

Assim, no fim do capítulo XII, o autor revela a preocupação com a coerência do discurso e retoma a narração: “ Cortemos as divagações, guardemos a caixa dos phosphoros, e batamos à porta dos estudantes, que moram no terceiro andar.”²²⁰

E, se no capítulo XV, a descrição do espaço do último andar impulsiona uma divagação metafórico-filosófica, no entanto, Alberto Pimentel suspende esse desvio no discurso e afirma: “ Não é porém o lance para tantas philosophias.”²²¹

Por conseguinte, como nos é dado constatar, o autor delimita no seu discurso os apartes ao assunto principal através do uso de determinadas expressões. O início do aparte

²¹⁷ Mário Portocarrero Casimiro, *ob. cit.*, págs. 13-14.

²¹⁸ Cf. Maria Aurélia da Rocha Couto, *Contar (a) História(s)*, Dissertação de Mestrado, Porto, inédita, 1996, pág. 40.

²¹⁹ Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, *ob. cit.*, pág. 53.

²²⁰ *Ibidem*, pág. 135.

²²¹ Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, *ob. cit.*, pág. 160.

é identificado com a expressão – “ A propósito uma breve digressão”²²² – e termina quando é dito que: “Está fechado o parêntesis.”²²³ Posteriormente, é continuada a descrição paisagística e histórica do Porto de então.

Note-se que, numa obra que pretende falar sobre a Praça Nova, as divagações são disciplinadas com humor e espontaneidade. Posicionando-se longe da Praça Nova, o autor divaga sobre o amor dos portuenses por D. Pedro: “ Era que D. Pedro possui duas qualidades de carácter para agradar os portuenses: a coragem e a actividade que eles também possuem em alto grau.” ²²⁴

No entanto, consciente de que este tipo de divagação altera a orientação discursiva pré-definida, Alberto Pimentel disciplina a escrita ao correr da pena e afirma com espontâneo humor: “ Mas nós estamos na Praça Nova, e para lá temos de voltar.”²²⁵

Ainda, na obra *A Praça Nova*, ao fazer referência ao poeta António Aires, Alberto Pimentel não consegue esconder a sua afeição à literatura e encaminha a sua atenção pelos meandros da poesia: “ Quero deixar arquivado neste livro ao menos um trecho da sua obra poética.”²²⁶

Não obstante estas incursões pelos caminhos da poesia portuense, na página seguinte, o discurso é reencaminhado para o centro da questão – a Praça Nova –: “Recordarei também um trecho de prosa sua, que são memórias de família, da casa onde o autor nasceu e das tragédias políticas da Praça Nova.”²²⁷

Por outro lado, verificamos que o autor se justifica perante o leitor de um ou outro desvio discursivo que ocorra em *A Praça Nova*. Após uma longa divagação em torno da autenticidade ou não de uma lenda portuense, surge a justificação: “ Foi a procura incidental da documentação histórica, procura mal sucedida, que me levou involuntariamente a tocar um assunto matemático.”²²⁸

²²² Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova, ob. cit.*, pág. 24.

²²³ Cf. *Ibidem*, pág. 27.

²²⁴ Cf. *ibidem*, pág. 125.

²²⁵ Cf. *Ibidem*.

²²⁶ *Ibidem*, pág. 184.

²²⁷ *Ibidem*, pág. 185.

²²⁸ Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova, ob. cit.*, pág. 277.

Por conseguinte, o discurso é formado por um conjunto mesclado de divagações, reflexões, comentários, análises, sentimentos e sensações. Com efeito, podemos dizer que todas essas ramificações ao assunto principal se assemelham a afluentes que vão desaguar ao mesmo rio, ou seja, ao mesmo assunto: o Porto.

Capítulo III

A Reconstituição Histórica do Porto

por Alberto Pimentel

1. – O Porto entre a Memória e a História

Alberto Pimentel, no testemunho histórico que escreve sobre o Porto, preocupa-se em comprovar e fundamentar aquilo que diz. Para isso, recorre não só à Memória mas também à História e à Literatura.

Na obra *O Porto há Trinta Anos*, ao referir os acontecimentos de maior importância que caracterizaram o Miguelismo no Porto, o autor salienta o nome de Pitta Bezerra. No relato dos factos que envolveram esta individualidade portuense e o partido miguelista, são realçadas as fontes utilizadas, atestando-se, por conseguinte, a veracidade da narração.

Veja-se como o autor insere no discurso a informação que dá relativamente às fontes consultadas. Primeiramente, o autor diz que: “Procurei no archivo das Cadeias da Relação o registo relativo a Pitta Bezerra.”¹, o qual, seguidamente, é transcrito no texto. Posteriormente, é referida uma segunda fonte, de natureza oral – “Pedi informações, a pessoas que podiam dal-as sobre a vida e façanhas de Pitta Bezerra no Porto.”. E, na medida em que se pretende que o leitor conheça, palavra a palavra, essas informações, acrescenta-se: “Uma d’essas pessoas, contemporanea dos acontecimentos, respondeu-me o seguinte (...)”².

No volume *A Praça Nova*, após referir, ao pormenor, a humidade existente na dita Praça portuense, o autor comprova o fenómeno, inserindo no texto os dados retirados do *Boletim Mensal de Estatística Sanitária*. De igual modo, são reunidas algumas das conclusões do Dr. Arantes, incluídas na obra *Análise Microbiológica do Ar, Contribuição para a Higiene do Porto*³.

Na obra em questão – *A Praça Nova* –, verificamos, pelas próprias palavras do autor, que os excertos transcritos são utilizados como *prova* do relatado. Por conseguinte,

¹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 258.

² *Ibidem*, pág. 259.

³ Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 12-13. Aliás, nesta obra de Alberto Pimentel, são utilizados como fontes inúmeros excertos transcritos de variados documentos oficiais, como sejam, o *Livro das Vereações* de 1453 (vide ob. cit., pág. 18), o *Livro das Pensões da Cidade* de 1464 (vide ob. cit., pág. 18), ou ainda, *Cartas Régias* (vide ob. cit., págs. 24-25).

depois de transcrever um excerto retirado da obra de Teixeira de Vasconcelos, intitulada *Roberto Valença* (1848), diz-se: “ Aqui está a prova evidente de que o *pasmatório dos loios* não tem mudado de carácter e destino, o que nos leva a crêr que não mudará nunca”⁴.

E, se por um lado, o autor identifica com precisão as fontes consultadas, nas quais é baseada a narração sobre a Invicta, por outro, encontramos imprecisão na documentação do relatado. A título ilustrativo, podemos referir a forma como é elaborada a descrição das procissões portuenses: “Contam documentos antigos (...)”⁵. A esta imprecisão, Alberto Pimentel acrescenta as lembranças da sua infância⁶.

A dado momento da obra *O Porto há Trinta Anos*, o autor, pretendendo ilustrar a popularidade que a Cavallhada, que representava o regresso d’el-rei D. Sebastião, obteve no Porto, transcreve alguns excertos retirados de um jornal da época – *O Periódico dos Pobres* –, que faz referência à dita “algazarra”⁷. No entanto, estes testemunhos escritos são intercalados com a experiência pessoal e as recordações da infância do autor: “Eu tinha oito annos então, mas conservo muito viva a impressão da curiosidade e do enthusiasmo com que era esperada a passagem da cavallhada.”⁸

Na escrita memorialística, para ilustrar o testemunho histórico que se pretende dar, é frequente a inclusão da experiência e vivência pessoal no discurso. Esta ideia é salientada por Georges Gusdorf, um estudioso que se tem debruçado sobre a análise dos géneros literários onde o «eu» adquire maior proeminência. Segundo este autor, nas memórias, “Les choses vues ont le pas sur la consultation des sources et archives, sur les témoignages indirects ; la première personne prend la direction du récit, organisé selon la perspective d’un individu particulier.”⁹

Como temos vindo a examinar, as memórias ocupam um espaço privilegiado na reconstituição histórica que Alberto Pimentel elaborou sobre o Porto, daí que o autor, enquanto memorialista, sobreleva a mera função de um historiador. Como realça Georges

⁴ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 163.

⁵ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 161.

⁶ *Ibidem*, pág. 162.

⁷ *Ibidem*, pág. 178.

⁸ *Ibidem*, pág. 179.

⁹ Georges Gusdorf, “Autobiographie et mémoires: le moi et le monde” in *Les Écritures du Moi – Lignes de Vie I*, Paris, Éditions Odile Jacob, 1991, pág. 251.

Gusdorf: “Le mémorialiste n’est pas un historien, mais un témoin de l’histoire; son témoignage se limite à cette part des événements dont il fut le spectateur ou l’acteur.”¹⁰

Ao nível da organização gráfica do discurso, atente-se no facto de encontrarmos a utilização de notas de rodapé, quer para formalizar informações paralelas ao corpo do texto, quer para esclarecer determinadas referências inscritas no texto principal. Sirva de exemplo aquilo que é dito na obra *Do Portal à Clarabóia*: “esta e outras notas tornam-se agora precisas para esclarecer algumas referências antiquadas.”¹¹

Com efeito, o autor pretende dar ao leitor a *verdade* dos acontecimentos relatados. Examinemos, antes de mais, uma referência que, embora não seja ao Porto, poderá ilustrar melhor o processo utilizado por Alberto Pimentel, no âmbito da reconstituição histórica.

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, ao ter por objectivo reconstituir a entrada em Viseu dos comediantes, o autor portuense serve-se das palavras de Scarron, no relato de um caso similar. Porém, “por amor da verdade”, salienta a especificidade da situação portuguesa: “Foi quase assim, como descreve Scarron, que elles entraram em Viseu. Por amor da verdade, faça-se notar uma variante. Não se lhes aproximou, a inquirir de nascimento e profissões, nenhum magistrado.”¹²

Assim, “por amor da verdade”, o autor complementa o testemunho histórico que dá sobre o Porto com a sua faceta de investigador literário¹³. Ao referir o nome do estudante portuense Rezende Junior, é dito que: “Camillo escreveu na cadeia um prologo ao drama *A ultima libra* de Rezende Junior”¹⁴. No entanto, ultrapassando a fronteira da simples

¹⁰ Georges Gusdorf, “Autobiographie et mémoires: le moi et le monde” in *ob. cit.*, pág. 251. A propósito da relação existente entre o testemunho, a memória e a História, Paul Ricoeur considera que « le témoignage constitue la structure de transition entre la mémoire et l’histoire » – cf. Paul Ricoeur, *La Mémoire, L’Histoire, L’Oubli*, «L’Ordre philosophique», Paris, Éditions du Seuil, 2000, pág. 26.

¹¹ Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, *ob. cit.*, pág. 12. Note-se que, na obra *A Praça Nova*, o autor coloca em nota ou as fontes históricas daquilo que vai referindo, ou os esclarecimentos complementares – quer sejam eles, biográficos, históricos, geográficos, entre outros.

¹² Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, *ob. cit.*, págs. 40-41.

¹³ Camilo Castelo Branco, num artigo reunido em *Narcóticos*, realça e valoriza “os dotes investigadores do sr. Alberto Pimentel”. Constatando a inexistência de um estudo topográfico sobre o Porto, Camilo Castelo Branco salienta a necessidade de uma tal tarefa ser levada a cabo por Alberto Pimentel, pois, “A fallar verdade, bom é que não o intente algum curioso sem os dotes investigadores do sr. Alberto Pimentel.” – cf. Camilo Castelo Branco, *Narcóticos*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1920, vol. II, pág. 179.

De igual forma, Henrique Marques realça a singularidade das capacidades de investigação do autor, qualificando-as de “invulgares faculdades de investigação” – cf. Henrique Marques, “Bibliografia Pimenteliana” in *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, *ob. cit.*, pág. 285.

¹⁴ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, *ob. cit.*, pág. 98.

transmissão de informação, o autor interroga-se: “Quem era este dramaturgo, que Camillo distinguiu amavelmente n’uma situação tão dolorosa da sua vida, e cujo nome nunca mais tornou a aparecer nos catalogos das livrarias?”¹⁵.

Em seguida, atesta o seu papel de investigador e, a título de resposta, desvenda a identidade de Rezende Junior, afirmando, com base na sua experiência: “D’esse lembro-me perfeitissimamente.”¹⁶

Em *A Praça Nova*, ao atentar numa lenda portuense do seu tempo, constatamos que esta origina, no autor, o despertar da “curiosidade de investigador”¹⁷. O autor propõe-se investigar com o objectivo de “trazer a lume” documentos que permitam autenticar a lenda em questão¹⁸.

Ao longo da descrição do dito processo de investigação, vão sendo transmitidas ao leitor as informações e dados encontrados, optando-se, por vezes, pela sua transcrição textual. Simultaneamente, são referidas as questões que a evolução da investigação vai suscitando: “Onde está aqui a menor alusão ao suposto facto de ter Amorim Viana resolvido, quando estudante, o problema que a Academia das Ciências de Paris, ou qualquer outra, julgara de uma dificuldade transcendente? Onde está aqui a base da lenda académica?”¹⁹.

Por outro lado, o leitor tem ainda acesso à informação das fontes consultadas, nomeadamente quando estas têm por base o testemunho oral: “Assim, um eminente matemático da actualidade crê – segundo me informa – que a resolução do célebre problema é uma lenda, como muitas outras que andam ligadas ao nome de Amorim Viana.”²⁰

Do mesmo modo, na obra *Através do Passado*, é salientada a faceta de investigador assumida pelo autor. Assim, ao defender a tese – “(...) o hymno chamado *da restauração* não era tal da restauração, mas sim do sr. Monteiro de Almeida, illustre professor do conservatório.” –, o autor comprova-a com alguns documentos retirados da investigação

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 216.

¹⁸ Cf. *ibidem*, pág. 216.

¹⁹ *Ibidem*, pág. 217.

²⁰ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 220.

que empreendeu. Entre eles, a transcrição de algumas palavras, quer da autoria do próprio Monteiro de Almeida, “que em poucas linhas compendia a historia do hymno”, quer da autoria de Rebelo da Silva, que sobre o assunto expressou a sua opinião.

Por conseguinte, analisando criticamente as fontes consultadas, o autor não se esquece de documentar as suas opiniões e comentários. Atente-se, ainda, a este respeito, aquilo que é dito em *A Praça Nova*:

“Rebelo da Costa nem sempre foi imparcial e muitas vezes é deficiente.

Quanto à falta de imparcialidade, vejam-se as justas acusações que lhe fez Tomás de Modessan na carta dirigida ao editor do *Jornal Encyclopedico* e reproduzida, com sensíveis incorrecções, nas *Antiguidades curiosas* de Monteiro.”²¹

Neste sentido, o autor, investigador sedento de precisão e rigor, conclui: “Tivemos, portanto, de procurar melhores informações.”²²

De igual modo, em *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense*, são criticamente examinadas as fontes consultadas sobre o assunto em questão – o Porto. Nesta obra, verificamos como o autor discorda de Júlio César Machado, quando este refere que as casas portuenses não tinham comodidade. Alegando o contrário, Alberto Pimentel compara as casas portuenses com as lisboetas:

“Julio Cesar Machado foi menos feliz quando suppoz que aos esguios predios do Porto faltavam interiormente commodidades. Bastará dizer que, ao contrario do que acontece vulgarmente em Lisboa, raro era o quarto de cama que não tivesse janella, isto é, que não recebesse ar e luz. Os leitos não eram estreitos; bem pelo contrario, tinham a vastidão e a altura d’uma nau, em cujo tombadilho dois casados apenas se encontravam quando queriam.”²³

²¹ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 36. Cf. ainda pág. 38, na qual o autor aponta mais algumas críticas ao padre Rebelo da Costa.

²² *Ibidem*, pág. 38.

²³ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., págs. 42.

O autor revela o intuito de defender a legitimidade daquilo que escreve sobre o Porto. O sentido desta afirmação tornar-se-á mais evidente se tivermos em conta o facto de no prólogo da obra *O Porto na Berlinda: Memórias duma Família Portuense* (1894) serem debatidas as críticas que foram feitas à obra, publicada um ano antes, *O Porto há Trinta Anos* (1893).

No prólogo da obra publicada em 1894, o autor refere ter sido alvo da crítica portuense, quando publicou *O Porto há Trinta Anos*: “Eu mesmo, ao cabo de vinte annos de ausência²⁴, acabo de o sentir em repouso fétido sobre um livro, que tinha o innocente defeito de tratar assumptos do Porto sem magoar um único portuense.”²⁵ No entanto, não obstante a crítica lhe cravasse os seus dentes, como é referido, “Foi raro o portuense illustrado que não comprou o livro.”²⁶

É, ainda, referido o principal motivo que suscitou as críticas que foram dirigidas ao dito volume – o ter dado por destruída a Rua da Reboleira²⁷. Seguidamente, verificamos que o escritor portuense se defende de tal acusação e contra-argumenta²⁸. O mesmo acontece após a nomeação de outras acusações que lhe foram apontadas:

“Algumas outras passagens do *Porto há trinta annos* foram atacadas a pretexto de inexactidão.

Uma me lembra agora: a que se refere aos presentes de virtualhas feitos, por ocasião do fallecimento de uma pessoa amiga, á familia do fallecido. Mantenho intacta esta asserção. Quem a contestou deve ser uma pessoa tão infeliz, que vive isolada no meio da sociedade portuense, sem relações e sem amigos.”²⁹

²⁴ Recorde-se o facto, já referido anteriormente, de que Alberto Pimentel, em 1873, se ausentou do Porto para se instalar em Lisboa.

²⁵ Alberto Pimentel, “Prólogo” in *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 7.

²⁶ *Ibidem*. Veja-se que, em 1910, no prefácio à 2.^a edição da obra *Do Portal á Claraboia*, encontramos a expressão “espinhos crueis”, como uma alusão indirecta a essa crítica portuense – cf. ob. cit., pág. 5.

²⁷ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 7. A informação sobre a destruição da dita rua portuense é apresentada na obra *O Porto há Trinta Anos* – cf. ob. cit., pág. 39.

²⁸ Cf. Alberto Pimentel *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., págs. 7-18.

²⁹ Cf. *ibidem*, págs. 19-20.

Assim, como podemos constatar, o autor recorre à História para defender a legitimidade do relato que escreve sobre o Porto. No entanto, é de salientar que selecciona dos processos da História aqueles que poderão ser potencialmente mais atractivos para o público leitor.

Por isso, se “ (...) a biografia é o processo mais agradável de escrever a história (...) ”³⁰, logo, encontramos, nos escritos que Alberto Pimentel nos deixou sobre o Porto, biografias de portuenses ilustres.

Num capítulo do volume *Esboços e Episódios*, intitulado “Excertos de uma biografia”, o biografado é Augusto Marques Pinto, um violinista portuense, o primeiro artista com o qual o autor manteve uma relação de amizade³¹. De igual modo, na obra *Vinte Anos de Vida Literária* surge uma curta biografia de José Gomes Monteiro³².

Em 1872, Alberto Pimentel publicara uma obra dedicada inteiramente ao escritor portuense, de seu nome Júlio Dinis³³. No volume *Homens e Datas*, o autor justifica este interesse pela biografia de Júlio Dinis, pois este é um escritor que “além de ser do meu tempo era da minha terra”³⁴.

Outros portuenses ilustres são referidos pelo autor, entre eles, ressalve-se o escritor Vieira de Castro³⁵, Pedro d’Amorim Viana³⁶, o professor e pintor Manuel José Carneiro³⁷ e os pintores João António Correia³⁸ e Francisco José Resende³⁹.

³⁰ Alberto Pimentel, *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., pág. 7.

³¹ Cf. Alberto Pimentel, “Excertos de uma biografia” in *Esboços e Episódios*, ob. cit., pág. 319.

³² Alberto Pimentel, *Vinte Annos de Vida Litteraria*, ob. cit., pág. 109. José Gomes Monteiro nasceu no Porto em 1807, falecendo em 1879.

³³ Alberto Pimentel, *Julio Diniz*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1872.

³⁴ Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., pág. 192.

³⁵ Cf. Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., pág. 195. Sobre o primeiro contacto do autor com Vieira de Castro veja-se aquilo que é dito em *Memorias do Tempo de Camillo*, ob. cit., pág. 75.

³⁶ Cf. Alberto Pimentel, *Fitas de Animatógrapho*, ob. cit., pág. 185.

³⁷ Cf. *ibidem*, pág. 188.

³⁸ Cf. *ibidem*, pág. 189.

³⁹ Cf. *ibidem*, pág. 188.

2. - O Porto nos meandros da Literatura

Outro aspecto digno de nota, na reconstituição histórica que Alberto Pimentel elabora sobre o Porto, é o facto de evidenciarmos o perfil literário do autor. Queremos com isto dizer que não é possível ignorar que estamos perante um Porto percepcionado por um escritor portuense, que vai além do historiador e do repórter e deixa, pelo instinto literário, que as palavras embelezem a História.

Isto é contrariado por Joaquim Ferreira, na sua obra *Passos na Areia*, quando elabora a caracterização estilística dos escritos de Alberto Pimentel que versam o Porto: “Ninguém rebusque neste género de escritos a elegância do estilo. O escritor é aqui um repórter, não um lírico nos êxtases de Orfeu. Ele trairia os seus objectivos e burlaria os seus leitores, se vasasse as informações em frases alinhadas para nos encantar os ouvidos com o que escreve.”⁴⁰

Não obstante a opinião evidenciada por Joaquim Ferreira, não podemos ignorar que encontramos, nas obras de Alberto Pimentel que versam o Porto, descrições da cidade que se poderiam reunir num romance dedicado à Invicta. A título ilustrativo, transcrevemos o parágrafo em que assistimos à descrição da Muralha Fernandina: “E a muralha da cidade, despida do mercado volante, negrejava em todo o vulto da sua extensa assatura de granito encarvoado de patina secular.”⁴¹

Em *Através do Passado*, é traçado um belo quadro impressionista de Matosinhos, onde cada palavra é uma pincelada certa que transmite ao leitor um bálsamo de sensações:

“A noite vai cahindo suavemente, lentamente, – sem testemunhas. Os pinheiraes esbatem-se melancolicamente n’um fundo longinquo; os barcos immobilisam-se sobre a

⁴⁰ Joaquim Ferreira, *Passos na Areia*, ob. cit., pág. 229.

⁴¹ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 35.

superfície dormente do rio; a ponte de pedra desenha-se, com uma grande dureza de tons, em toda a linha dos seus dezenove arcos de granito; no poente, apenas purpurejam os últimos rubins do largo diadema phosphorescente do sol (...); só uma rara luz aparece em qualquer janella de Leça como a dizer para Mattosinhos – *Boa noite*; só outra rara luz aparece em qualquer janella de Mattosinhos como a dizer para Leça – *Boa noite!*⁴².

Por conseguinte, não obstante a atenção descritiva que Alberto Pimentel dedica ao pormenor e ao prosaico da realidade portuense, que poderá conferir ao seu discurso um carácter próprio da reportagem⁴³, não passam despercebidos os momentos nos quais a memória fotográfica dá lugar à memória poética.

Queremos com isto dizer que, nas obras que escreveu sobre o Porto, o autor vai além da reprodução, tal e qual, da realidade, e opta por moldá-la consoante a forma como a percepção e absorve as impressões extraídas do real observado.

Note-se que estamos perante um literato que evidencia não estar alheio à beleza que as metáforas poderão traduzir. Só assim, podemos compreender que a produção literária das damas portuenses de há trinta anos seja descrita por uma metáfora, que tão bem soa aos ouvidos do leitor: “ O que as mãos femininas escreviam n’aquelle tempo eram devaneios de uma grande simplicidade romantica (...) como se estivessem fazendo *meia* com o plecto ou enfiando versos com a agulha.”⁴⁴

Por outro lado, o autor ora revela ter investigado alguns documentos históricos, ora evidencia a sua cultura literária, transcrevendo nas suas obras sobre o Porto excertos recolhidos de obras de vários escritores portugueses⁴⁵.

De facto, recorrentemente, são utilizados excertos de textos literários, para ilustrar e comprovar as descrições e referências que o autor elabora sobre o Porto. Na obra *O Porto*

⁴² Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 49.

⁴³ Recorde-se que foi pela actividade jornalística que o autor iniciou a carreira literária.

⁴⁴ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 132-133.

⁴⁵ Não obstante a cultura literária que o autor revela possuir, no prefácio da 2.^a edição da obra *Do Portal á Claraboia*, datado de 1910, Alberto Pimentel afirma que, quando escreveu a respectiva obra, em 1872, a sua biblioteca não primava pela abundância. Pois, segundo aquilo que é dito, “ A minha biblioteca!...Os romances de Camillo, tantas vezes citado neste livro, meia dúzia de outros auctores portugueses, apenas alguns volumes da colecção Michel Lévy, uma biblia, um Bouillet e um Shakspeare, eis tudo ou quase tudo.” (Prefácio da 2.^a ed., ob. cit., pág. 7).

há Trinta Anos, ao pretender-se descrever a instalação do *Café Portuense*, na Praça Nova, recorre-se à descrição que dela é feita, em 1865, por Pinheiro Chagas⁴⁶.

A obra publicada pelo autor em 1877 – *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes* – apesar de ser, como o próprio título indica, um roteiro descritivo do Porto oitocentista, algumas páginas são constituídas por transcrições de excertos da autoria de escritores portugueses, tais como Arnaldo Gama⁴⁷ ou Camilo Castelo Branco⁴⁸.

Muitas destas transcrições retiradas da literatura portuguesa comportam, por vezes, o comentário, a interpretação ou a avaliação do autor, originando, consequentemente, um conjunto de divagações literárias. Nestas divagações identificamos não só o perfil literário do autor, mas também o amor que o mesmo dedica às letras.

Não pretendemos analisar, devido à sua quantidade, todas as divagações literárias que Alberto Pimentel deixou nas suas obras dedicadas ao Porto⁴⁹, contudo, devido à proeminência quantitativa que Almeida Garrett adquire no conjunto dessas divagações, escolhemos, a título ilustrativo, algumas reflexões literárias dedicadas a esse escritor, seu conterrâneo.

Em *O Porto há Trinta Anos*, a propósito da comemoração do S. João, no Porto, Alberto Pimentel escreve um curto parágrafo onde alude às referências que Almeida Garrett faz ao S. João portuense. Todavia, abandonando o fio da descrição do Porto de há trinta anos, dedica as páginas seguintes a Almeida Garrett. Estas versam, quer a análise da presença da criada de Garrett – *Brizida* – nas obras do escritor, quer a identificação de alguns parentes do escritor, quer ainda o elogio dirigido ao próprio⁵⁰.

⁴⁶ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Anos*, *ob. cit.*, págs. 221-222.

⁴⁷ Cf. Alberto Pimentel, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, *ob. cit.*, págs. 16-20.

⁴⁸ Cf. *ibidem*, págs. 24-27.

⁴⁹ A título ilustrativo, atente-se nas divagações literárias que, na obra *Do Portal á Claraboia*, são feitas em torno dos escritores portugueses e dos jornalistas portuenses (*ob. cit.*, pág. 17). Em *O Porto por Fóra e por Dentro*, o autor divaga sobre as memórias literárias de Soares de Passos (*ob. cit.*, pág. 73) e Alexandre Herculano (*ob. cit.*, págs. 73-81).

⁵⁰ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Anos*, *ob. cit.*, págs. 205-216.

Pois, para o autor, Almeida Garrett é considerado “um bom portuense d’aquelles tempos, a melhor raça de portuguezes que jámais houve, porque, por mais voltas que lhe dê o mundo, e a vida, fica-lhe sempre, pelo menos, uma costella de portuense.”⁵¹

Alberto Pimentel inicia e, por sua vez, termina o capítulo intitulado “Viagem ao Bussaco (1866)”, inserido na obra *Esboços e Episódios*, com a invocação e saudação a Almeida Garrett. Aí, o autor revela a admiração que nutre pelo escritor, seu patrício, dirigindo-lhe palavras, tais como “Admiro-te e adoro-te”⁵², ou ainda, “Respeito e glória ao teu nome.”⁵³

Em contrapartida, as obras de alguns escritores portugueses são sujeitas à avaliação do autor. Em *O Porto há Trinta Anos*, o autor vai além da divagação literária e procede à avaliação das qualidades literárias da escritora portuense, D. Maria Peregrina de Sousa, não poupando o juízo valorativo: “D. Maria Peregrina tinha talento, e grande facilidade em escrever.”⁵⁴

De igual modo, não é poupado o juízo crítico à obra do poeta portuense Guilherme Braga. Ao transcrever um excerto da obra do poeta, *O Mal de Delfina*, Alberto Pimentel esclarece que a dita obra “é uma paródia à *Delfina do mal* de Thomaz Ribeiro”. E, posteriormente, após informar as condições e motivações da produção da obra, o autor finaliza com o seguinte comentário dirigido ao poeta portuense: “Como poeta satyrico, o auctor das *Heras e violetas* ficou inferior a si mesmo.”⁵⁵

Na obra *A Praça Nova*, constatamos que o literato, vai além do autor que pretende elaborar a “crónica da Praça Nova”, e dedica algumas páginas ao poeta portuense Soares de Passos⁵⁶. No entanto, não se alheando da Praça Nova, enquanto assunto principal da obra, transcreve, ao longo de três páginas, alguns versos “que dizem respeito à Praça Nova, memórias que o poeta tinha diante dos olhos como próximo vizinho.”⁵⁷

⁵¹ Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Annos*, ob. cit., págs. 205-206. Veja-se as divagações que, nas seguintes obras, Alberto Pimentel dedica a Almeida Garrett: *Atravez do Passado*, ob. cit., págs. 109-11 e págs. 128-136 e *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 32-34.

⁵² Alberto Pimentel, “Esboços e Episódios” in *Seara em Flor*, ob. cit., vol. II, pág. 197.

⁵³ *Ibidem*, pág. 231.

⁵⁴ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 132.

⁵⁵ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit., pág. 103.

⁵⁶ Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 176.

⁵⁷ Cf. *ibidem*, pág. 180.

É de salientar que a transcrição dos versos de Soares de Passos serve de pretexto para o autor evidenciar os seus dotes de crítico literário. Como é dito: “Contudo o poeta não é impecável. Tem manchas como o sol.”⁵⁸ Tratando-se das ditas “manchas” de “versos prosaicos e defeituosos”. Aliás, o autor não fica por aqui e acrescenta: “Um dos seus lapsos de técnica – rima imperfeita – é manifestação atávica de pronúncia minhota (...)”⁵⁹.

Todavia, na mesma página, denotamos que Alberto Pimentel tenta atenuar e diminuir as imperfeições apontadas ao poeta Soares de Passos e conclui que: “(...) o brilho do sol atenua as suas próprias manchas.”⁶⁰

Não podemos deixar de aludir às palavras que o autor utiliza para se referir a Garrett, Herculano e Castilho. Garrett e Castilho são “dois delicados cinzeladores, que sabiam como ninguém rendilhar o blocus armado do seio das pedreiras pelo braço de Herculano, mas que não serviam para esse aspero trabalho de sapador de letras, deixem-me assim dizer.”⁶¹

Por estes exemplos, chegamos à conclusão de que, no testemunho histórico que nos dá sobre o Porto oitocentista, Alberto Pimentel não esquece o meio literário com o qual conviveu. De facto, o autor enriqueceu as suas obras dedicadas ao Porto com referências sentidas à literatura e a literatos seus contemporâneos.

Ao dedicar um capítulo, da sua obra *Através do Passado*, a Matosinhos, o autor divaga sobre a relação que esta região tinha com os poetas: “Para poetas tristes e fastidiosos a Foz já não era n’esse tempo um ninho bastante solitário. Por isso elles, os d’esta ultima categoria, batiam as azas para mais longe, e vinham dar consigo á praia ou á alameda de Mattosinhos.”⁶²

Atente-se, igualmente, que a descrição de Matosinhos é intercalada com referências literárias: “Julio Cezar Machado, quando veio ao Porto julgo que pela primeira vez, escolheu logo, com o seu fino sentimento artistico, Leça da Palmeira para localisar ahi a acção de um dos seus mais formosos *Contos ao luar*.”⁶³

⁵⁸ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 181.

⁵⁹ *Ibidem*, pág. 182.

⁶⁰ *Ibidem*, pág. 182.

⁶¹ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 75.

⁶² Alberto Pimentel, *Atravez do Passado*, ob. cit., pág. 42.

⁶³ *Ibidem*, pág. 42.

É compreensível que um escritor irradie pelas suas obras o amor às letras, mas para Alberto Pimentel existe a necessidade de que um livro que fale do Porto dedicar obrigatoriamente a sua atenção aos letrados portuenses.

Esta ideia está presente nas palavras extraídas do volume *O Porto por Fora e por Dentro*:

“N’um livro que se propõe tratar exclusivamente do Porto, devia de escrever-se por força um pagina destinada a letras e letrados, porque se ha terreno fadado para escriptores é aquelle, se ha torrão uberrimo de talentos é o d’aquella velha cidade, que nos seus necrologicos inscreve em cada seculo uma pleiade de nomes que ficam pelas idades a dentro reflectindo auroras sempre-eternas sobre o chão dos cemiterios...”⁶⁴.

Com efeito, como é salientado por Sampaio Bruno, no volume *O Porto por Fora e por Dentro*, o escritor retrata o Porto literário de meados do séc. XIX. No entanto, o referido crítico literário aponta a facilidade com que Alberto Pimentel incorre em divagações qualificadas de “estéreis”: “Ahi se encontram informes cuidadosos sobre alguns portuenses ilustres; é, assim, escrupuloso o estudo acerca do jornalista Bandeira; mas logo o escritor se perde em divagações estéreis.”⁶⁵

Não obstante a esterilidade apontada por Sampaio Bruno às divagações literárias de Alberto Pimentel, não podemos ignorar a organização discursiva, de carácter conscientemente coerente, implícita nas suas incursões literárias. Veja-se que as digressões literárias de Alberto Pimentel, para além de serem coerentes no discurso global, respeitam um raciocínio lógico que, por sua vez, tem por finalidade aferir determinada conclusão.

Em *A Praça Nova*, após introduzir o assunto ao leitor – “É agora ocasião de fazermos referência ao ilustre escritor portuense Arnaldo Gama.” –, Alberto Pimentel argumenta em desfavor da tese defendida na obra *Um Motim há Cem Anos*. Esta argumentação baseia-se na interrogação: “Como foi que Arnaldo Gama, escritor escrupuloso, disse que o mercado estava disposto em semi-circulo?”. Mais adiante, o autor

⁶⁴ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 85.

⁶⁵ Sampaio Bruno, *A Geração Nova (ensaios críticos) – os novelistas*, ob. cit., pág. 109.

contrapõe aquilo que, sobre o mesmo assunto, foi dito por Teixeira de Vasconcelos, interpretando e comentando, igualmente, a opinião deste escritor portuense⁶⁶.

Num outro momento da obra, Alberto Pimentel revela discordar das fontes consultadas:

“Inocêncio, no seu Diccionario bibliographico, supõe que o autor do folheto seria frei António de Santa Bárbara.

Eu não concordo com Inocêncio, porque (...).”

E, seguidamente, são explicitadas as razões que justificam a postura de desacordo assumida por Alberto Pimentel⁶⁷.

Por outro lado, se o autor em apreço assume claramente a posição de concordar ou discordar das informações incluídas nas fontes consultadas, também não se restringe a avaliar os dados consultados. Na obra a que fizemos referência anteriormente, *A Praça Nova*, Alberto Pimentel avalia a autenticidade dos dados a que tem acesso: “ (...) eu julgo que o colaborador da crónica constitucional, escrevendo na hora em que o mercado estava sendo demolido, marca a situação dele com uma autenticidade que não sofre dúvidas.”⁶⁸

Verificamos a mesma postura do autor, quando, considerando fidedigno o testemunho que Teixeira de Vasconcelos dá sobre a figura portuense «Zé Passos», salienta que:

“ Quem isto dizia tratou muito de perto «o Zé Passos», era bom psicólogo e escritor consciencioso.

O retrato deve, pois, ser fiel.”⁶⁹

Na obra *O Porto na Berlinda*, após a transcrição de um excerto retirado de *Um Motim há Cem Anos* de Arnaldo Gama, no qual é referida a terça-feira como um dia de

⁶⁶ Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 51-53.

⁶⁷ Cf. *ibidem*, págs. 60-61.

⁶⁸ *Ibidem*, pág. 54.

⁶⁹ *Ibidem*, pág. 161.

especial agitação no Porto, Alberto Pimentel tece o seu comentário às palavras do escritor seu conterrâneo.

Este comentário realça a exactidão das palavras de Arnaldo Gama e elogia “a verdade da descrição”, pois, segundo aquilo que é dito, “o quadro da terça-feira no Porto prima pela exactidão do realismo (...)”. Alberto Pimentel termina o seu comentário considerando Arnaldo Gama um observador, mais que um estilista⁷⁰.

⁷⁰ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d'uma Família Portuguesa*, ob. cit., pág. 90.

2.1. – Camilo Castelo Branco no Porto de Alberto Pimentel

Como podemos constatar, Alberto Pimentel dedica, nas suas obras sobre o Porto, especial atenção aos escritores portuenses. No entanto, há um escritor, que embora não seja tripeiro de gema, é aludido, frequentemente, ao longo das obras do autor. Esse escritor é Camilo Castelo Branco.

De facto, uma característica omnipresente na obra de Alberto Pimentel dedicada ao Porto é a existência de variados excertos retirados da obra camiliana. Comprovando, por conseguinte, se é que já não ficou comprovada⁷¹, a admiração que o autor sentiu por aquele que considerava como seu mestre⁷².

Ao relatar o primeiro contacto com Camilo, Alberto Pimentel salienta esta admiração pela personalidade camiliana: “O nome de Camilo Castelo Branco não me sai do coração, onde o tenho enquadrado como em álbum de família, sem me sentir alegre de

⁷¹ João Paulo Freire (Mário) identifica a obra propriamente camiliana de Alberto Pimentel como “a maior que um auctor portuguez tem escripto sobre o Grande Torturado”: *Uma Visita ao Primeiro Romancista Português em S. Miguel de Seide* (1885), *O Romance do Romancista* (1890), *Os Amores de Camilo* (1899), *Os Netos de Camilo* (1901), *Memórias do Tempo de Camilo* (1913), *Notas sobre o “Amor de Perdição”* (1915) e *A Primeira Mulher de Camilo* (1916) – cf. João Paulo Freire (Mário), *Homens do Meu Tempo – Impressões Psicopatológicas. Notas inéditas e Dados Bibliográficos*, Porto, Livraria Civilização, 1919, 1º vol., pág. 27.

Em 1944, Magalhães Basto salienta o devoto camiliano que era Alberto Pimentel: “A vida e obra do genial e desventurado romancista encontraram em Alberto Pimentel, como ninguém ignora, o mais sábio, desvelado e apaixonado cronista.” – cf. Artur de Magalhães Basto, *Os Primeiros Vinte Anos da Vida de Alberto Pimentel*, ob. cit., pág. 15).

De igual modo, em 1948, Rocha Martins, afirma que: “A acção de Alberto Pimentel no camilismo não é só o de um investigador como tantos outros, mas o de um devoto que, dia a dia, a todos os momentos, inquiria da vida do ídolo.” – cf. *Perspectiva da Literatura Portuguesa do séc. XIX*, ob. cit., pág. 202.

⁷² Como é dito por Henrique Marques, Alberto Pimentel foi “o discípulo amado de Camillo, a quem, portanto, chamava mestre (...)” – cf. Marques, Henrique – “Bibliografia Pimenteliana” in Alberto Pimentel, *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., pág. 285.

dulcíssimo prazer.”⁷³ Pois, “É dupla a comoção que me dá o seu nome, porque o venero e porque o estremeço.”⁷⁴

Assim, conhecida do leitor coevo de Alberto Pimentel esta admiração, não deveria estranhar-se que o autor, para ilustrar a cultura feminina das damas portuenses de há trinta anos, embora aluda aos nomes de Soares de Passos e Palmeirim, opte pela transcrição das quadras de Camilo:

“Liam pouco as portuenses de ha trinta annos e liam apenas novellas antigas, cuja sã leitura era auctorisada pelo consenso da opinião honesta. Quanto a versos, cantavam alguns e recitavam outros, sobretudo ao piano.

Estavam em moda, para cantar, as poesias de Palmeirim, *O Noivado do sepulchro* de Soares de Passos, e umas quadras de Camillo, que principiavam:

Em má hora, amiga intima,
Me pediste alguma flôr!...
Das que tenho, que são quatro,
Nenhuma falla d’amor.”⁷⁵

Portanto, na obra de Alberto Pimentel dedicada ao Porto, vindo a propósito a transcrição de excertos literários para ilustrar aquilo que é dito, opta-se, frequentemente, pela reprodução das palavras de Camilo Castelo Branco.

Atente-se que, a propósito da referência a uma escritora portuense, D. Maria Peregrina de Sousa, o autor não evita inserir o nome do seu mestre e afirma: “ Diz-se que visavam a esta fecunda romancista as quintilhas de Camillo nas *Folhas cahidas e*

No entanto, se é evidente que Alberto Pimentel era um camiliano incorrigível, também ficamos a saber, pelas próprias palavras do investigador, as críticas de que foi alvo. Em *Memórias do Tempo de Camilo*, Alberto Pimentel diz que: “ Sob três pretextos malévolos tenho sido acusado de haver escrito largamente a respeito de Camilo, da sua vida e das suas obras:” (vide identificação e contra-argumentação desses “pretextos malévolos” em Alberto Pimentel, *Memórias do Tempo de Camillo – A. A., ob. cit.*, págs. 189-192).

⁷³ Alberto Pimentel, *Homens e Datas*, ob. cit., pág. 37.

⁷⁴ *Ibidem*, pág. 37.

⁷⁵ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 131.

apanhadas na lama.” Em seguida, o leitor assiste à transcrição das ditas quintilhas camilianas⁷⁶.

Só em *O Porto na Berlinda*, obra que reúne uma larga compilação de textos relativos ao mesmo assunto – o Porto –, são transcritos excertos das seguintes obras de Camilo Castelo Branco: *Estrelas Propícias*; *Esboços de Apreciações Literárias*; *Anos de Prosa*; *Coração, Cabeça e Estômago*; *Os Brilhantes do Brasileiro*; *O General Carlos Ribeiro*; *A Corja*; *Noites de Insónia*; *Coisas Leves e Pesadas*; *O Sangue*; *Quatro Horas Inocentes*; *Doze Casamentos Felizes*; *Onde está a Felicidade?*; *Ecos humorísticos do Minho*; *O que fazem mulheres*; *As Três Irmãs*; *Um Homem de Brios*; *Memórias de Guilherme do Amaral*; *Eusébio Macário*; *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, *Novelas do Minho*; *A Mulher Fatal*; *A Filha do Arcediago*; *Juízo Crítico às Poesias de Pinheiro Caldas*; *Cartas Particulares*; *Cancioneiro Alegre e Óbolo às Crianças*.

Não obstante, nesta obra, a maioria do texto ser composto de diferentes autores e o texto autoral resumir-se aos comentários de Alberto Pimentel que intercalam as transcrições de textos alheios, também aqui, o autor revela proximidade com Camilo. Pois, constatamos que, quando é chegado o momento de fazer o seu comentário, Alberto Pimentel opta simplesmente por transcrever as palavras do seu mestre⁷⁷.

Assim, se por um lado, demonstra partilhar da opinião de Camilo Castelo Branco, por outro, realça a admiração que consagra ao mesmo. Pois, apenas pelas suas palavras e, saliente-se, de mais ninguém, Alberto Pimentel lança mão da subjectividade e individualidade dos seus comentários.

É de salientar que, para além da simples transcrição de excertos retirados da obra camiliana, Alberto Pimentel procede à intertextualidade com as respectivas obras. Na obra *O Porto há Trinta Anos*, ao ser descrita a romaria portuense de Sant’Anna de Oliveira e as pancadarias alimentadas pelo vinho que dela decorriam, é inserido no discurso o feito de Camilo Castelo Branco que “fez mergulhar tres vezes no rio Douro, durante uma d’essas

⁷⁶ Cf. *ibidem*, pág. 131.

⁷⁷ Cf. Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 110 e págs. 116-117.

trambuzanas de pancadaria, o seu famoso Bazilio Fernandes Enxertado, que «sujou de vinho as aguas de prata».⁷⁸

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, ao criticar a mocidade do seu tempo, que ele, jovem como era quando escreveu este volume, conhecia bem, afirma: “Riem de tudo estes estipados moços, que se inculcam cynicos e atheus.”. Perante a observação deste fenómeno, Alberto Pimentel constrói um raciocínio lógico formulado com ironia: “Ora rir, segundo uma definição de Camilo Castelo Branco, «é contrahirem-se o diaphragma e os musculos faciaes. Operação materialissima, muscular, carnal e que nenhum outro animal exercita.» Rir, como vêem é facil e estúpido; saber rir é difficil e glorioso. Voltaire e Molière souberam rir.”⁷⁹

Como podemos verificar, Alberto Pimentel vai se servindo das palavras de Camilo sempre que venha a propósito. Pois, como é dito, seguidamente, pelo próprio: “ Recorro ainda a uma citação de Camillo Castello Branco, que vem a propósito (...) ”⁸⁰.

Ao descrever os raptos das donzelas reclusas nos conventos, o autor incita o leitor a ler a obra de Camilo: “ Abra o leitor as *Estrellas funestas* de Camillo Castello Branco, e lá encontrará o caso d’aquella auspiciosa menina que fugiu do recolhimento de Nossa Senhora da Esperança: «Maria Henriqueta» (...) ”⁸¹.

Em *O Porto na Berlinda*, após a transcrição de um excerto da obra camiliana, que faz referência às missas portuenses, Alberto Pimentel dialoga textualmente com o dito excerto. Se Camilo referiu que em “todas as missas clássicas” “se vê tudo, e se ouve tudo, menos o padre e a missa”, Alberto Pimentel completa a afirmação, dizendo em tom irónico: “ É a missa do coreto do Porto, *missa clássica*, em que não se torna indispensável saber de que côr é a vestimenta do padre.”⁸²

Atente-se que, não obstante o assunto principal da obra *A Praça Nova* verse o dito local da Invicta, o autor encontra o pretexto para referir Camilo Castelo Branco: “Vem

⁷⁸ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 171. Sobre esta obra de Camilo – *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* –, Alberto Pimentel considera-a, na sua obra *O Porto por Fóra e por Dentro*, dotada “ de boa graça portugueza e profundo estudo de vida popular.” (cf. ob. cit., págs. 63-64).

⁷⁹ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 15.

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ Alberto Pimentel, *O Porto por Fóra e por Dentro*, ob. cit., pág. 27.

⁸² Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memorias d’uma Familia Portuense*, ob. cit., pág. 88.

agora a talho de foice referir-me a D. Ana Augusta Plácido, que nasceu num prédio da Praça Nova – di-lo a certidão de baptismo – mas não sei qual fosse o prédio. E, logo, acode outra memória muito *oportunamente*.”⁸³

Esta memória *oportuna* remete para a polémica e escândalo provocados pela relação amorosa entre Camilo e Ana Plácido. Para a ilustrar o autor transcreve um excerto retirado de *Memórias do Cárcere*⁸⁴.

Embora, sejam coerentes e oportunos os desvios que o autor faz num discurso, que *a priori* deveria centrar-se na Praça Nova portuense, o autor justifica as continuadas referências a Camilo Castelo Branco: “ (...) toda a vida mundana de Camilo se relaciona com a Praça Nova em três fases diferentes (...) ”⁸⁵.

Em *O Porto há Trinta Anos*, Alberto Pimentel toma por assunto os estudantes que deixaram nome no Porto. Relativo a um deles, o *Galleria*, são tidas em conta as palavras de Camilo em *Óbolo às Crianças*, no entanto, não as considerando satisfatórias, o autor rectifica-as – “Eu posso ampliar as informações de Camillo Castello Branco, e rectifical-as no ponto em que a sua memória o enganou”⁸⁶. Para isso, o autor recorre aos seus dotes de investigação e informa o leitor do processo e dados obtidos na pesquisa elaborada⁸⁷.

No volume *A Praça Nova*, encontramos comentários não só à obra literária de Camilo como também às atitudes individuais do escritor. Ao fazer referência ao facto de José Passos ter convidado “Camilo a escrever, sob a sua influência, a *História da junta do Porto*”, o autor comenta: “Camilo não escreveu, e fez bem. A história política requer tanta serenidade e independência, que por isso mesmo é a mais difícil de todas as histórias para um escritor contemporâneo.” Mais adiante, acrescenta-se: “*A Maria da Fonte*, por Camilo,

⁸³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, *ob. cit.*, pág. 187, itálico nosso. Veja-se como o autor não dispensa as oportunidades que surjam, ainda que indirectamente, para fazer referência a Camilo Castelo Branco.

⁸⁴ Cf. Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, págs. 189-190. Veja-se como esta transcrição origina um comentário do autor e como a mesma se interliga com outro relato, ou seja, como provoca o relato de outra história (cf. *ob. cit.*, pág. 190).

⁸⁵ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, *ob. cit.*, pág. 230.

⁸⁶ Alberto Pimentel, *O Porto há Trinta Anos*, *ob. cit.*, pág. 94.

⁸⁷ Cf. *ibidem*, págs. 94- 97.

é uma crónica pinturesca de impressões pessoais, muito àquem do propósito e do plano dum historiador político.”⁸⁸

Não podemos ser alheios ao facto de que, nas referências que Alberto Pimentel faz a Camilo, identificarmos o conhecimento seguro que o autor evidencia da personalidade camiliana. Em *A Praça Nova*, é dito que: “Não duvide o leitor de que em 1868 houvesse no Porto «cavaleiros garbosos» e «cavalos de preço»; nem de que uns e outros prendessem a atenção de Camilo, porque a verdade é que ele, quanto a cavaleiros e cavalos, sempre teve uma costela de morgado da província.”⁸⁹

Em *O Porto na Berlinda*, o autor explica o motivo pelo qual Camilo, melancolicamente, “chora a decadencia da bella raça feminina do Porto.”: “Convem notar que Camillo foi, desde longos annos, um velho precose, e que é sestro dos velhos chorar o passado, sobrepondo-o ao presente, em valia.”⁹⁰

Ainda, na mesma obra, Alberto Pimentel aborda um aspecto da vida quotidiana de Camilo, evidenciando o conhecimento dos hábitos do escritor. A propósito da prática do jogo no Porto, é referido aquilo que o autor considera “uma nota interessante”: “Camillo Castello Branco, quando morava na rua de S. Lázaro, ia quasi todas as tardes jogar o dominó no botequim da Aguia d’Ouro.”⁹¹

Podemos tentar explicar este conhecimento seguro da vida e meio familiar de Camilo pelo facto de Alberto Pimentel ter tido um intenso convívio com o escritor. Só assim se pode compreender a narração pormenorizada que o autor redige num capítulo, da sua obra *Através do Passado*, dedicado exclusivamente ao filho mais velho de Camilo⁹².

É de salientar a impossibilidade de ignorar o carinho que o autor evidencia pelo escritor e respectiva família, por isso transcrevemos algumas das palavras que encerram o capítulo:

⁸⁸ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., págs. 175-176. A propósito do facto de Camilo Castello Branco ter sido convidado por José da Silva Passos para elaborar a *História da Junta do Porto* veja-se aquilo que é dito por Sampaio Bruno em *O Porto Culto (obra para servir de remate e conclusão à dos «Portuenses Ilustres»)*, tomo I, Porto, Magalhães & Moniz, Lda. – Editores, 1912, pág. 130.

⁸⁹ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 231.

⁹⁰ Alberto Pimentel, *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portuense*, ob. cit., pág. 111.

⁹¹ *Ibidem*, pág. 91.

⁹² Cf. Alberto Pimentel, *Através do Passado*, ob. cit., págs. 52-58. Este texto foi reproduzido, posteriormente, em 1921, com algumas correcções, no volume dedicado a Camilo Castello Branco sob o título *O Torturado de Seide*.

“ Ahi fica, a traços largos, a historia da loucura do pobre Jorge.

Oxalá que possámos um dia – e que esse dia não venha longe – dizer, com sincero jubilo, aos paes do desditoso moço: «Vosso filho, vêl-o ahi. É o vosso Jorge, cujo espirito, emergindo da noite da loucura, volta de novo á luz e ao lar paterno, aos vossos corações e aos vossos braços.»⁹³.

A propósito do conhecimento seguro que Alberto Pimentel revela sobre Camilo Castelo Branco, recordemos as palavras escritas, em 1942, por Mário Portocarrero Casimiro, num capítulo dedicado a Alberto Pimentel: “ É que não há passo nenhum na vida do Mestre que não tenha dela conhecimento o amigo continuamente certo, leal, afectivo.”⁹⁴ Com efeito, na sua autobiografia, o autor revela o afã infatigável com que, de acordo com as suas palavras, “cavava na vinha de Camilo fazendo investigações sôbre a vida e obras do excelso escritor.”⁹⁵

Por conseguinte, decorrentes da admiração vêm os elogios, inseridos ao longo das obras que versam o Porto. Foi ele, Camilo, “que introduziu nos costumes portuenses o gosto pela leitura do romance moderno.”⁹⁶ Camilo, aos olhos de Alberto Pimentel, é o “maior escritor”⁹⁷, o primeiro romancista português⁹⁸.

Como podemos constatar, através do seu testemunho histórico, Alberto Pimentel dá-nos, a nós, leitores do séc. XXI, um Porto já lendário. Um Porto longínquo, no qual, na Livraria Moré, “o visconde de Azevedo e Camillo Castello Branco caturravam sobre assumptos de historia litteraria, fallando muito de chronicas, de classicos e de manuscriptos raros.”⁹⁹

⁹³ *Ibidem*, pág. 58.

⁹⁴ Mário Portocarrero Casimiro, *Tripeiros de Gema*, ob. cit., pág. 75.

⁹⁵ Alberto Pimentel, *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, ob. cit., pág. 250.

⁹⁶ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 134.

⁹⁷ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 229.

⁹⁸ Cf. Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 27. Esta ideia, defendida pelo autor, de que Camilo Castelo Branco foi o primeiro romancista português é repetida na obra “Esboços e Episódios” (cf. “Esboços e Episódios” in *Seara em Flor*, ob. cit., pág. 254) e no *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes* (cf. ob. cit., pág. 27).

⁹⁹ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 228. Cf. também *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 213, onde é dito que, na mesma Livraria Moré, “pousavam alguns escritores e eruditos como o então visconde (depois conde) de Azevedo, Camilo Castelo Branco, o bibliómano Fernandes, da Picaria (...)”.

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, descrevendo o botequim *Águia d'Ouro*, é dito que: “Ali ia todas as tardes Arnaldo Gama, ali vai ainda uma vez por outra Camillo Castello Branco e ali temos a certeza de encontrar o dr. Delfim Maya, o dr. Costa e Almeida, o professor António Girão, Germano Vieira de Meirelles (...)”¹⁰⁰.

Como é dito por Joaquim Ferreira, “Foi este o Porto longínquo de Alberto Pimentel, aquele Porto abelhudo e literatiço que ele conheceu na intimidade. É este o Porto das suas memórias.”¹⁰¹ E, o autor acrescenta que este é “um Porto já lendário, em que uns homens chamados Camilo e Júlio Dinis se cruzavam na rua com outros chamados Arnaldo Gama e Ramalho Ortigão.”¹⁰²

¹⁰⁰ Alberto Pimentel, *Do Portal à Claraboia*, ob. cit., pág. 16.

¹⁰¹ Joaquim Ferreira, *Passos na Areia*, ob. cit., pág. 226.

¹⁰² *Ibidem*, pág. 228.

3. – A interacção com o leitor

Nas obras que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto, identificamos o uso do tom coloquial na interpelação discursiva que o autor dirige ao leitor. Ao traçar os diferentes perfis do seu leitor virtual, o autor demonstra estar atento à diversidade do seu hipotético público, organizando o seu discurso em favor da imagem do leitor-tipo que há-de ler o seu texto.

O escritor, reconhecendo que os interesses de um “leitor” são significativamente diferentes dos de uma “leitora”, dirige-se a cada um deles, à medida que vai fazendo referência a assuntos que poderão cativar a atenção de um ou de outro, respectivamente.

Em *Do Portal à Clarabóia*, o autor dirige-se ao leitor, no entanto, este não é um leitor qualquer, mas o “leitor casado”: “No teu portal, leitor casado que teimas em sair da linha recta, ha uma pequena mancha preta. Passas por ella todos os dias.”¹⁰³.

Assim sendo, se o autor necessita adaptar o seu discurso à especificidade da realidade de um hipotético “leitor casado”, de igual modo, dirige um discurso diferenciado à sua leitora virtual.

Em *O Porto por Fora e por Dentro*, o autor salienta a especificidade dos interesses da sua leitora: “Eu bem sei do que prometti tractar n’este capitulo: das ruas do Porto. Mas, sem fugir por modo algum ao cumprimento da promessa, não quero que a leitora fique *desapontada*, como diria o nosso Garrett, por não saber desde já o que aconteceu a D. Gastão de Noronha (...)”¹⁰⁴.

Em *Esboços e Episódios*, Alberto Pimentel refere a necessidade de juntar Romance e História, caso contrário, se na obra fossem apenas incluídas descrições históricas, esta tornar-se-ia extremamente maçadora para a “leitora”. Depreendemos isto das seguintes palavras do autor:

¹⁰³ Alberto Pimentel, *Do Portal a Claraboia*, ob. cit., pág. 124.

¹⁰⁴ Alberto Pimentel, *O Porto por Fôra e por Dentro*, ob. cit., pág. 137.

“ (...) eu confesso que tenho sentido guinadas de começar a fazer escavações históricas pondo de parte o romance. Mas iria cair no peccadilho do snr. Forjaz¹⁰⁵, ahi começaria a tornar-me ainda mais fastidioso, ahi principiariam as leitoras a querer-me fugir como andorinhas diante das brumas pesadas do Outono.

O romance da inglesinha é que se quer. Pois venha o romance.”¹⁰⁶

Recorde-se que, em *Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett, também as “leitoras” são convocadas essencialmente quando estão em causa os episódios romanescos que envolvem a novela de Carlos e Joaninha.

Carlos Reis justifica, pelos condicionamentos do contexto cultural, a configuração da imagem da leitora como uma entidade limitada, pois à mesma são apenas consentidos assuntos de foro íntimo, como sejam o romance e a novela sentimental¹⁰⁷.

No entanto, somente a partir de 1830, as mulheres começam a ler romances, começando, por conseguinte, a fazer parte do público leitor. Camilo Castelo Branco, no “Discurso proemial” de *Anos de Prosa*, salienta que: “Há cinquenta anos que as senhoras não liam romances, por uma razão cujo descobrimento me custou longas vigílias: – não sabiam ler.” Mais adiante, acrescenta-se: “Bendita e louvada seja a ignorância! Os romances franceses, até 1830, encontraram as almas portuguesas hermeticamente calafetadas. Até esse ano infausto, a mulher era o anjo caseiro, a alma da despensa, a providência da peúga, e sobretudo, a fêmea do homem, qual Jeová a fizera duma costela do homem.”¹⁰⁸

Num estudo consagrado à leitura e à leitora nas «Viagens» de Almeida Garrett, Carlos Reis analisa este fenómeno cultural, referido por Camilo, respeitante ao alargamento da leitura ao público feminino: “ (...) alarga-se consideravelmente o público literário, alteram-se do ponto de vista qualitativo as suas expectativas, a mulher passa a

¹⁰⁵ O autor refere-se à obra *Memórias do Bussaco* de Adrião Forjaz.

¹⁰⁶ Alberto Pimentel, *Esboços e Episódios*, ob. cit., pág. 221.

¹⁰⁷ Carlos Reis, “Leitura e Leitora nas «Viagens» de A. Garrett”, separata de *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Coimbra, 1986, pág. 13.

¹⁰⁸ Camilo Castelo Branco, *Anos de Prosa* [1863], 4.ª ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1973, págs. 6-7.

desfrutar de condições económicas e de tempo para se consagrar à leitura, instituem-se novas relações entre autor e leitor (...) ”¹⁰⁹.

No testemunho que Alberto Pimentel dá sobre o Porto, ao atentarmos na interacção estabelecida entre o autor e o leitor¹¹⁰, verificamos, com efeito, que não só é transmitido ao leitor o conhecimento da sociedade portuense nas suas facetas sociais e culturais, mas também existe a preocupação de cativar o gosto e interesse pela leitura.

Por conseguinte, desejando prender a atenção daquele que lê perante aquilo que é escrito, o autor utiliza determinadas estratégias discursivas. Entre elas, podemos salientar, por um lado, o uso do *suspense* e, por outro, a inserção da figura do leitor no universo narrado, como interlocutor directo do autor, estimulando a uma leitura activa por meio da utilização do processo retórico.

Primeiramente, vejamos de que forma é explorado, textualmente, o *suspense*. Na obra *Do Portal à Clarabóia*, são transcritas as inscrições presentes na parede do prédio:

“Procurador de má morte
Pobre Benito!
Sempre a rir e sempre aflicto.”¹¹¹

No entanto, quando prevíamos que o autor iria, em seguida, decifrar o enigma da dita inscrição, é dito: “Mais para a frente decifraremos estas duas charadas. Por agora, prossigamos.”¹¹²

Somente, duas páginas adiante, é esclarecida apenas uma das charadas – “Pobre Benito! Sempre a rir e sempre aflicto”¹¹³. Quanto ao esclarecimento do restante verso, só encontramos o seu significado na página 86.

¹⁰⁹ Carlos Reis, “Leitura e Leitora nas «Viagens» de A. Garrett” in *ob. cit.*, pág. 7.

¹¹⁰ Pela noção de interacção entre autor e leitor, entendemos a que é referida por Wolfgang Iser – “la lecture est interaction dynamique entre le texte et le lecteur” ; “La lecture, en tant qu’activité orientée par le texte, fait rétroagir le processus de constitution du texte sur le lecteur. Cette action réciproque doit être décrite comme une interaction.” – cf. Wolfgang Iser, *L’Acte de Lecture : Théorie de l’effet esthétique*, traduit de l’allemand par Evelyne Sznycer, «Philosophie et langage», Bruxelles, Pierre Mardaga Editeur, s/d, págs. 198, 289, respectivamente.

¹¹¹ Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, *ob. cit.*, pág. 36.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ Cf. *ibidem*, pág. 38.

Na obra em questão, após ter desvendado a existência de uma “protegida” na vida de Benito, o autor activa a curiosidade do leitor virtual: “Quem é a sua protegida? pergunta o leitor. Eu lh’o vou dizer.”¹¹⁴ Com efeito, assistimos à revelação da identidade da referida protegida, no entanto, esta é só feita, três páginas depois, após o relato das aventuras amorosas de Benito. Então, só aí, é quebrado o *suspense*: “A sua protegida é pois Serafina.”¹¹⁵

A suspensão da narração, com o objectivo de captar a atenção do leitor virtual, é evidenciada por determinadas expressões discursivas, nas quais denotamos a intenção autoral de não ser fornecida imediatamente toda a informação. Podemos referir expressões textuais, tais como: “Vê-lo hemos a seu tempo”¹¹⁶ ou “Como havemos de ver a breve trecho”¹¹⁷.

Como nos é dado constatar, assistimos nestes momentos à “dilação da resposta à pergunta implícita do leitor”, aquilo a que Umberto Eco denomina de “sinais de suspense”, explorando-se, por conseguinte as expectativas do leitor¹¹⁸.

Estes momentos de *suspense* contribuem para a comunicação estabelecida entre o autor e o leitor. Com efeito, como refere Wolfgang Iser, “le processus de communication n’est donc ni déclenché ni régulé par un code, mais bien par une dialectique du dire et du taire.”¹¹⁹

O leitor virtual de Alberto Pimentel, perspectivado como uma entidade activa, é convidado pelo autor a intervir activamente no narrado. A título ilustrativo, transcrevemos o seguinte excerto retirado de *O Porto há Trinta Anos*:

“O leitor não poderá facilmente adivinhar de quem sejam alguns dos versos alli publicados, tão depressa esqueceram os seus auctores ou tanto mudou a sua physionomia litteraria. Vou fazer uma experiencia, reproduzindo integralmente algumas quadras que a

¹¹⁴ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 46.

¹¹⁵ *Ibidem*, pág. 49.

¹¹⁶ *Ibidem*, pág. 18.

¹¹⁷ *Ibidem*, pág. 58.

¹¹⁸ Cf. Umberto Eco, *Leitura do Texto Literário – Lector in Fabula*, Lisboa, 2.ª ed., Editorial Presença, 1993, págs. 120-121.

¹¹⁹ Wolfgang Iser, ob. cit., pág. 298.

Grinalda estampou em 1857. Leiam-n'as, e vejam se adivinham o nome do auctor. Não é fácil!"¹²⁰.

As incógnitas criadas pelo autor, aquilo a que Wolfgang Iser apelida de "blancs" possibilitam que o leitor interaja com o texto: "les blancs provoquent une disjonction entre les perspectives de présentation du texte, et c'est au lecteur de les relever; ils assurent l'activité contrôlée du lecteur sur le texte."¹²¹

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, à medida que vai descrevendo o prédio portuense, assunto central da obra, o autor inclui o leitor virtual na narração, transportando-o e acompanhando-o ao espaço da acção. Por isso, o autor, como um cicerone, dirige ao leitor as seguintes expressões: "Entremos no portal."¹²²; "Subamos ao primeiro andar."¹²³; "Atravessamos o corredor e estamos no quarto de Candido da Cunha."¹²⁴, "(...) convido o leitor a subir ao segundo andar, e a entrar á sala da frente (...)"¹²⁵ ou, ainda, "Nós, que temos o único empenho de estudar, subamos tranquilos. Ha no patamar uma porta. Que é isto? Abrámo-la."¹²⁶

Note-se como o próprio autor se assume como um cicerone, que acompanha e orienta o leitor virtual pelo percurso narrativo: "Finalmente, leitor, deixemos o que foi. Cuidemos do que é. Agora faz-se mister que eu lhe estenda a mão amiga de *cicerone*, e lhe diga que somos chegados à gare provisoria das Devezas."¹²⁷

Este leitor é tratado por amigo, com quem o autor dialoga:

"Leitor amigo, eu não posso ir mais longe sem fumar um cigarro.

¹²⁰ Alberto Pimentel, *O Porto ha Trinta Annos*, ob. cit., pág. 137.

¹²¹ Wolfgang Iser, ob. cit., pág. 299.

¹²² Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 36.

¹²³ *Ibidem*, pág. 54.

¹²⁴ *Ibidem*, pág. 64.

¹²⁵ *Ibidem*, pág. 86.

¹²⁶ *Ibidem*, pág. 159.

¹²⁷ Alberto Pimentel, *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, ob. cit., pág. 33.

Subamos os dezasseis degraus que nos separam do terceiro andar e paremos no corredor a tirar os phosphoros e a bolsa do tabaco. Estamos no bairro latino, á porta dos estudantes.”¹²⁸

E, a incursão virtual do autor e leitor pelo espaço narrativo continua:

“Estamos no corredor...

Leitor, já pensaste alguma vez na immensa philosophia que se estreita entre as duas paredes de um corredor? Ah! Pensemos nisso fumando. É uma necessidade de philosophia numa nesga de terreno. Está accêso o cigarro; philosophemos.”¹²⁹

A partir daqui, colocando questões filosóficas ao leitor, o autor incita-o a filosofar com ele¹³⁰. Neste momento, assistimos a frequentes interpelações dirigidas ao “leitor amigo”: “Nunca tu, leitor amigo, tinhas meditado na philosophia do corredor, bem vejo”¹³¹ ou, ainda, “Nunca tinhas pensado nisto, leitor amigo?”¹³².

Seguidamente, o leitor virtual é advertido: “Cuidado contigo.”; “Prudência”, “é preciso leitor, que sejas muito discreto para que dignamente saias do abysmo do corredor. É onde a tentação assalta mais acirrantemente e mais perigosa.”¹³³

Perante as advertências que o autor dirige ao leitor, podemos retirar o carácter didáctico do discurso. Ou seja, a literatura romântica, de propensão pedagógico-moral, privilegia, por conseguinte, uma pedagogia e doutrinação dirigidas ao leitor.

De facto, após o relato da história do caçador e dos ratos, são dirigidas as seguintes palavras ao leitor: “Que isto te sirva de lição.”¹³⁴.

Em determinado momento da obra, após a descrição do segundo andar, assistimos a um diálogo virtual que o autor cria com o leitor:

¹²⁸ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 116.

¹²⁹ *Ibidem*.

¹³⁰ Cf. *ibidem*.

¹³¹ *Ibidem*, pág. 119.

¹³² *Ibidem*, pág. 124.

¹³³ Alberto Pimentel, *Do Portal á Claraboia*, ob. cit., pág. 122.

¹³⁴ *Ibidem*, pág. 126.

“Dito isto, pergunto eu:

Onde está o leitor?

No quarto de um *virtuose*, responde.

No quarto de um *virtuose*, confirmo eu.”¹³⁵

Em *A Praça Nova*, o autor junta-se ao leitor virtual, no percurso de leitura, e afirma: “Voltemos a página de tão lutuosa efeméride.”¹³⁶

É de salientar a utilização do humor, com o intuito de criar uma maior proximidade e empatia junto do interlocutor virtual do texto. Atente-se no seguinte parágrafo:

“Chama-se o hospede de D. Pulcheria – Caio Numa Lagoa. Acha de certo esquisito o leitor que um sujeito tenha de *cair numa lagoa* sempre que for obrigado a dizer como se chama; mas a verdade não tem que ver com as esquisitices do leitor, e o sujeito chama-se assim.”¹³⁷

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, o autor lança-se em divagações subordinadas ao tema das vaidades do reino humano face ao reino animal. Estas vaidades são criticadas no Homem, tipificado no leitor¹³⁸.

No entanto, se, primeiramente, esta crítica é dirigida a um Tu, personificado virtualmente no leitor, no fim do capítulo, observamos que o autor se agrega a esse Tu, objecto de crítica: “E como só nos agrada o que nos lisonjea, inculcamos logo reis da creacção, não obstante completarmos-nos por outros muitos animaes que reputamos nossos escravos.”¹³⁹ E, mais adiante, acrescenta-se: “Não te offendo, leitor amigo; nós somos todos o mesmo.”¹⁴⁰

¹³⁵ Alberto Pimentel, *Do Portal à Claraboia*, ob. cit., pág. 87.

¹³⁶ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 196.

¹³⁷ Alberto Pimentel, *Do Portal à Claraboia*, ob. cit., pág. 106.

¹³⁸ *Ibidem*, págs. 127-133.

¹³⁹ Alberto Pimentel, *Do Portal à Claraboia*, ob. cit., pág. 134.

¹⁴⁰ *Ibidem*, pág. 135.

Frequentemente, assistimos à tentativa de o autor adivinhar aquilo que vai na mente do leitor virtual das suas obras: “Como o leitor já terá adivinhado (...)”¹⁴¹; “Estou a adivinhar um gesto de afirmação no leitor”¹⁴²; “Creio que o leitor ficará esclarecido quanto à forma do mercado”¹⁴³ e ainda “O leitor vai admirar-se de certo lendo este rápido trecho elucidativo.”¹⁴⁴

Pelo que temos visto, no testemunho do Porto dado por Alberto Pimentel, denotamos a preocupação, por parte do autor, de cativar a atenção e o interesse do leitor. Revelando, por conseguinte, a preocupação com as reacções dos virtuais leitores, o autor não faz mais do que advertir-se a si próprio. O sentido daquilo que dizemos encontra-se na análise do próprio discurso do autor.

No volume sobre a Praça Nova, após uma longa e exaustiva descrição de um cortejo, no Porto, em 1826, não é descurada a necessidade de cativar a atenção de quem lê: “Paremos aqui para não exaurir o fôlego do leitor, e apenas falemos duma figura primacial, que, propositadamente deixamos para o fim por querermos acentuá-la.”¹⁴⁵

De igual modo, após longas transcrições de portarias e excertos retirados da *Crónica Constitucional do Porto*, é dito:

“Poderá o leitor estar fatigado da serieção dos documentos com que intuimos a história do mercado da Natividade até ao seu epílogo.

Mas não soubemos resistir ao interesse que eles nos inspiraram quando os encontramos e os lemos.

E agora vamos sumariar os restantes diplomas que se encadeiam ainda ao período final de tão longa história.”¹⁴⁶

¹⁴¹ *Ibidem*, pág. 144.

¹⁴² *Ibidem*, pág. 86.

¹⁴³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova, ob. cit.*, pág. 54.

¹⁴⁴ *Ibidem*, pág. 79.

¹⁴⁵ *Ibidem*, pág. 88.

¹⁴⁶ *Ibidem*, págs. 121-122.

Se, por um lado, as longas transcrições incluídas no corpus textual são justificadas, por outro, a inclusão no texto de alguns documentos revela o intuito, por parte do autor, de cativar a leitura. Depreendemos esta intenção nas seguintes palavras do autor:

“Ora este opúsculo, hoje muito estimado, compreende, sob a forma de diálogo, a história da peça de Paulo Cordeiro contada por ele mesmo.

O leitor certamente agradecerá que eu lhe proporcione a leitura de parte deste opúsculo, aquela que propriamente se pode considerar ... autobiografia da peça.”¹⁴⁷

No discurso de Alberto Pimentel sobre o Porto existe a preocupação de adornar e completar o relato com notas pitorescas que cativem o leitor. Como é referido pelo autor, alertando a atenção do seu interlocutor: “Ainda uma nota emocionante (...)”¹⁴⁸.

Veja-se que a própria apresentação gráfica dos volumes que Alberto Pimentel dedicou ao Porto revela a preocupação em captar a atenção do leitor. Em obras como *A Praça Nova*, *O Porto na Berlinda* ou *O Porto há Trinta Anos*, o resumo que antecede cada um dos capítulos que as constituem, para além de imprimir objectividade, condiciona a expectativa do leitor, pois, se por um lado informa, por outro, possibilita conduzir a atenção¹⁴⁹.

Ao referir a existência de *ateliers* de moda no Porto, o autor sente a necessidade de fazer uma digressão. No entanto, não esquecendo o seu interlocutor, adverte: “Permita-me o leitor uma digressão que vem a propósito, e que, pelo assunto, certamente, há-de ler com agrado.”¹⁵⁰ Esta advertência evidencia a preocupação que ao autor tem para com o leitor e, por consequência, revela o cuidado na escolha de assuntos que o leitor “lerá com agrado”.

Surge-nos, agora, oportunamente uma questão: Alberto Pimentel interage, frequentemente com o leitor, mas qual será o leitor pretendido destes volumes que o autor escreveu sobre o Porto?

¹⁴⁷ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 137.

¹⁴⁸ *Ibidem*, pág. 195.

¹⁴⁹ A propósito deste assunto, veja-se aquilo que é dito por Paula Morão, ob. cit., pág. 120.

¹⁵⁰ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, ob. cit., pág. 206.

Para tentar responder a tal pergunta, devemos ter em conta aquilo que foi dito por Wolfgang Iser quanto à noção de leitor pretendido. Segundo o autor, este diz respeito a uma entidade projectada que patenteia as disposições históricas do público leitor visado pelo autor¹⁵¹.

Na obra *Do Portal à Clarabóia*, denotamos que o público leitor a quem se dirige o autor é o portuense. Observe-se como o autor desperta, no espírito do leitor conterrâneo, realidades partilhadas por ambos: “Durante a ultima ausencia de Benito o hospede foi uma pobre mulher de que decerto se lembram ainda, cega, que passeava no Porto de jumentinha (...)”¹⁵².

No desfecho do volume *A Praça Nova*, encontramos o seguinte discurso, no qual o autor se assume como um portuense que escreveu um livro dirigido ao leitor seu conterrâneo:

“Cidadãos do Porto, patrícios meus, aqui – e já não é cedo – se despede de vós este livro, que outro qualquer portuense redigiria com mais talento, com mais alma de tripeiro decerto não.”¹⁵³

De igual modo, no prólogo ao volume *O Porto na Berlinda*, é ao seu conterrâneo que o autor se dirige: “Este «adeusinho» é dôce como um reбуçado, e terno como uma saudade de conterraneo ausente.”¹⁵⁴

Como é referido pelo próprio autor, o público que lia as suas obras era essencialmente o portuense. Em *Luar de Saudade*, Alberto Pimentel afirma que, somente após a publicação de dois dos seus romances – *O Anel Misterioso* e *A Porta do Paraíso* –, ou seja, a partir de 1873¹⁵⁵, se torna conhecido entre o público de Lisboa, já que, como é salientado, as primeiras edições foram imediatamente esgotadas¹⁵⁶.

¹⁵¹ Cf. Wolfgang Iser, *ob. cit.*, pág. 34.

¹⁵² Alberto Pimentel, *Do Portal à Clarabóia*, *ob. cit.*, pág. 53.

¹⁵³ Alberto Pimentel, *A Praça Nova*, *ob. cit.*, pág. 277.

¹⁵⁴ Alberto Pimentel, “Prólogo” in *O Porto na Berlinda: Memórias d’uma Família Portunense*, *ob. cit.*, pág. 22.

¹⁵⁵ *O Anel Misterioso* e *A Porta do Paraíso* tiveram 1.^a edição em 1873.

¹⁵⁶ Cf. Alberto Pimentel, *Luar de Saudade – Recordações de um Velho Escritor*, *ob. cit.*, pág. 117.

Como já foi referido, anteriormente, foi em 1873 que o autor se instala em Lisboa, o que nos leva a concluir que, só a partir desse momento, Alberto Pimentel fica a ser conhecido pelo público leitor alfacinha.

Por outro lado, contrariamente à receptividade que os romances *O Anel Misterioso* e *A Porta do Paraíso*¹⁵⁷ tiveram junto ao público coevo, a maioria dos volumes que o autor escreveu sobre o Porto não foram reeditados. Apenas *Mistérios da Minha Rua* e *Do Portal à Clarabóia* tiveram uma 2.^a edição.

Por conseguinte, não obstante Alberto Pimentel ter escrito valiosas obras para o conhecimento do Porto oitocentista, muitas delas são raras. Por isso, caso surjam, o que não será fácil, na montra de um qualquer alfarrabista portuense, são vendidas a peso de ouro.

Aproximadamente há meio século atrás, já o neto do autor salientou o desconhecimento da obra do avô pela raridade das obras: “ (...) muitas obras do meu Avô vão escasseando, raro aparecem nos alfarrabistas e leilões (...)”¹⁵⁸.

Urge, pois, uma iniciativa que privilegie uma reedição das obras de Alberto Pimentel, caso contrário, o escritor permanecerá no esquecimento. Quem, dos portuenses vindouros, saberá quem foi Alberto Pimentel?

¹⁵⁷ Temos conhecimento de, pelo menos, três edições de *O Anel Misterioso*, em 1874, 1904 e 1945, respectivamente. Quanto ao volume *A Porta do Paraíso*, teve uma 2.^a edição no mesmo ano da sua publicação (1873), uma 3.^a em 1876 e uma 4.^a edição em 1900.

¹⁵⁸ Fernando Alberto Pimentel, “A obra de um grande escritor” in *ob. cit.*, pág. X.

Conclusão

Procurámos analisar, nesta dissertação, a forma como Alberto Pimentel colocou na sua obra o Porto na berlinda. Nas páginas que atrás deixamos, sobressai um facto indiscutível: a memória ocupa um lugar primordial nas obras que o autor escreveu sobre a sua terra natal, é diante do espelho da memória que a cidade é esboçada ao correr da pena.

Central nessa memória é a relação interpenetrativa entre o passado e o presente. Como tivemos oportunidade de analisar, ao atentar no Porto do presente da escrita, o autor recorda com saudade o espaço mítico da infância e da juventude, percorrido pelos nostálgicos caminhos da memória.

Um dos caminhos da memória é o testemunho. Alberto Pimentel, nado e criado na Invicta, deixou inscrito nos seus volumes uma cidade vista de dentro de si mesmo pelo olhar de um portuense.

Decorrente da proximidade do autor em relação ao assunto narrado, concluímos da nossa análise a oscilação entre a subjectividade do bairrista, que muito amou a sua terra, e a objectividade do analista da realidade portuense que, com fino humor, ora ironiza ora critica os defeitos da Invicta.

Portanto, como vimos, o Porto é colocado na berlinda pela escrita memorialística que umas vezes é favorável outras é desfavorável. Alegando as suas posições, o autor lança mão de argumentos provenientes quer da experiência e memória pessoais quer da investigação pelos arquivos da História quer, ainda, das páginas da autoria de literatos, maioritariamente portuenses.

No recurso a fontes literárias, salienta-se o escritor Camilo Castelo Branco que, apesar de não ser tripeiro de gema, verificamos a frequência com que as suas palavras surgem nas obras que Alberto Pimentel escreveu sobre o Porto.

Outro domínio que nos ocupou a atenção centrou-se na reflexão que nos permitiu esboçar o percurso do leitor virtual. Desta reflexão, pudemos concluir que a viagem interactiva do leitor pelo Porto sentido pelo autor se assume como uma tendência ao longo dos volumes analisados.

Não podemos deixar de salientar que, ao longo da composição desta dissertação, também nós, pela mão do autor, nos sentimos viajar pelas ruas da Invicta. Pois, ainda hoje, percorrer o Porto de Alberto Pimentel é caminhar pelas ruas que, pela toponímia moderna, mantêm na memória os factos e casos notáveis da geração liberal que teve, no Porto, o seu palco central.

Ler o Porto recordado por Alberto Pimentel não é mais do que viver o presente, porquanto o presente é um eco do passado, um passado que permanece vivo, como vivos estão a igreja de Cedofeita ou a Foz. A Praça Nova, aquela do tempo do autor, mudou apenas de nome, pois a estátua de D. Pedro IV ainda lá está diante dos nossos olhos, como esteve sob o olhar do autor.

A nossa viagem ao Porto de Alberto Pimentel termina aqui. No entanto, o Porto do autor permanece vivo, não só através das páginas que nos deixou, mas também percorrer hoje a cidade é conviver com o tempo que foi o de Alberto Pimentel.

Bibliografia activa

- PIMENTEL, Alberto, *Vestidos Curtos*, Porto, Livraria de Novaes Junior – Editor, 1867.
- *O Nariz*, Porto, Livraria de Novaes Junior – Editor, 1867.
 - *Que Jovem Telemaco!*, Porto, Typographia da Livraria de A. de Moraes & Pinto, 1868.
 - *Joaninha e A Nereida*, Porto, Editor – António José da Costa Valbom, 1868.
 - *Rosas Brancas*, Porto, Livraria de Novaes Junior – Editor, 1868.
 - *Lyra Civica*, Porto, Typographia Comercial, 1868.
 - *Psciu! Psciu!*, Braga, Typographia Lusitana, 1868.
 - *Discursos*, recitados na abertura do gabinete de leitura e no primeiro sarau literário da Sociedade Pátria e Família, Porto, Imprensa Portuguesa, 1869.
 - “Contos ao Correr da Penna” [1869] in *Seara em Flor*, volume I, Lisboa, Livraria Editora, 1905.
 - *Porfia no Serão*, Porto, Typographia Pereira da Silva, 1870.
 - *Peregrinações n'aldea*, Porto, Typographia Pereira da Silva, 1870.
 - *Idílios á beira d'agua*, Porto, Typographia Pereira da Silva editora, 1870.
 - *Mystérios da Minha Rua*, Porto, Typographia Pereira da Silva, 1871.
 - “Esboços e Episódios” [1871] in *Seara em Flor*, Volume II, Lisboa, Livraria Editora, 1905.
 - *O Natal na Residencia*, Porto, Viuva Moré Editora, 1871.
 - *O Testamento de Sangue*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1872.
 - *Julio Diniz*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1872.
 - *José Carlos dos Santos (na noite do seu beneficio no Porto aos 27 de Junho de 1872)*, Porto, Anselmo de Moraes Editor, 1872.
 - *Nervosos, Limphaticos e Sanguineos*, Porto, Typographia de António José da Silva Teixeira, 1872.

– *Do Portal á Claraboia* [1872], 2.^a edição, Colecção Horas de Leitura, n.º 89, Lisboa, Guimarães & C.^a – Editores, 1913.

– *O Anel Misterioso* [1873], reedição popular, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945.

– *A Porta do Paraizo (Chronica do reinado de D. Pedro V)*, Lisboa, Lucas & Filho – Editores, 1873.

– *A Charidade Anonyma: X – Y*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1873.

– *Lyrios*, poesia recitada pela insigne actriz Emília Adelaide na noite do seu benefício, aos 17 de Junho de 1873, no Teatro de S. João, Porto, Typographia de António José da Silva, 1873.

– *Entre o Café e o Cognac*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1873.

– *Christo não volta*, resposta ao *Voltareis ó Cristo?* de Camilo Castelo Branco, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1873.

– *O Livro das Flores (Legendas da vida da Rainha Santa)*, Biblioteca Religiosa, 1.º volume, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a, 1874.

– *O Livro das Lagrimas (Legendas da vida de Santo António de Lisboa)*, Biblioteca Religiosa, 2.º volume, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a, 1874.

– *Photographias de Lisboa*, Porto, Typographia de Freitas Fortuna, 1874.

– *Homens e Datas* [1875], Biblioteca Iniciação Literária, n.º 36, Porto, Lello & Irmão- Editores, 1981.

– *Cantares*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e C.^a, 1875.

– *Portugal de Cabelleira*, Pará, Livraria Universal de Tavares Cardoso, 1875.

– *Um Conflito na Côrte*, 2 vols., Bibliotheca romantica, vols. 13 e 14, Lisboa, Officina Typographica de J. A. De Mattos, 1875-1876.

– *A Ultima Ceia do Doutor Fausto*, Porto, Typographia de António José da Silva, 1876.

- *As Noites do Asceta*, Lisboa, Empresa Editora Carvalho e C.^a, 1876.
- *Conferencia Pedagogica*, Setubal, Typographia Setubalense de J. A. Rocha, 1876.
- *Guia do Viajante nos Caminhos de ferro do Norte de Portugal*, Porto e Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron Editor, 1876.
- *Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrabaldes*, Porto, Livraria Central de J. E. da Costa Mesquita – Editor, 1877.
- *O Capote do Snr. Braz*, Colecção «Revivendo», n.º 35, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1877.
- *Memoria sobre a Historia e Administração do Municipio de Setubal*, Lisboa, Typographia de G. A. Gutierres da Silva, 1877.
- *A Gréve*, cena cómica, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a, 1878.
- *Da Importancia da História Universal Filosofica na Esphera dos Conhecimentos Humanos*, dissertação para o concurso da primeira cadeira (História universal e pátria) do Curso Superior de Letras, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1878.
- *O Porto por Fóra e por Dentro*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1878.
- *O Vinho*, Lisboa, Officina Typographica de J. A. de Mattos, 1879.
- *Album de Ensino Universal*, livro de instrução popular, Lisboa, Officina Typographica de J. A. de Mattos, 1879.
- *O Romance da Rainha Mercedes*, Porto, Livraria Portuense – Editora, 1879.
- *Viagens à Roda do Código Administrativo*, Lisboa, Officina Typographica de J. A. de Mattos, 1879.
- *A Varanda de Nathercia*, Lisboa, Officina Typographica da Empreza Litteraria de Lisboa, 1880.
- *O que Anda no Ar*, Lisboa, Oficina Tipográfica da Empreza Literária de Lisboa, 1881 (?).

- *História de Portugal*, 3.º vol., Lisboa, Officina Typographica da Empresa Litteraria de Lisboa, 1881 (?).
- *Aventuras d'um Pretendente Pretendido*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1882.
- *O Hospital de Sinfães*, Lisboa, Officina Typographica da Empresa Litteraria de Lisboa, 1884.
- *A Jornada dos Seculos*, Lisboa, Empresa Litteraria de Lisboa, 1885 (?).
- *A Musa das Revoluções*, Lisboa, Viuva Bertrand & C.^a, sucessores Carvalho & C.^a, 1885.
- *Uma Visita ao Primeiro Romancista Portuguez em S. Miguel de Seide*, Porto, Livraria Portuense de Lopes & C.^a Editores, 1885.
- *Flor de Myosotis*, Lisboa, Imprensa Moderna, 1886.
- *Idyllios dos Reis*, Lisboa, Officina Typographica da Empresa Litteraria de Lisboa, 1886.
- *Rainha sem Reino: estudo historico do séc. XV*, Porto, Barros & Filha– Editores, 1887.
- *Rindo...*, Lisboa, Editores Tavares Carvalho & C.^a, 1887.
- *Atravez do Passado*, Lisboa, Guillard Aillaud & C.^a, 1888.
- *Chronicas de Viagem*, Porto, Typographia e lytographia a vapor de Eduardo da Motta Ribeiro, 1888.
- *Vida Mundana de um Frade Virtuoso: perfil historico do séc. XVIII*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1889.
- *Historias de Reis e Principes*, Porto, Livraria Guttemberg Editora, 1890.
- *O Romance do Romancista: vida de Camillo Castello Branco*, Lisboa, Empresa Editora F. Pastor, 1890.
- *Vinte Annos de Vida Litteraria* [1890], Lisboa, Parceria António Maria Pereira – Livraria Editora, 1908.
- *Lopo Vaz de Sampaio e Mello*, Lisboa, Adolpho Modesto & C.^a, 1891.

- *A Questão das Pescarias, projecto de lei apresentado á Camara dos Senhores Deputados na sessão de 9 de Março de 1891*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891.
- *As Amantes de Dom João V*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892.
- *Noites de Cintra*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira, 1892.
- *Manhãs de Cascais*, Lisboa, Livraria Férin, 1893.
- *Poetas do Minho: João Penha*, Braga, Livraria Escolar de Cruz & C.^a Editores, 1893.
- *O Porto ha Trinta Annos*, Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores, 1893.
- *Remodelação do Imposto do Pescado*, projecto de lei apresentado á Camara dos Senhores Deputados na sessão de 23 de Maio de 1893 por Alberto Pimentel (deputado pelo circulo eleitoral da Povia de Varzim), Lisboa, Imprensa Nacional, 1893.
- *O Segredo de Uma Alma*, Porto, Typographia do Commercio do Porto, 1893.
- *A Ultima Côte do Absolutismo em Portugal*, Lisboa, Livraria Férin Editor, 1893.
- *Um Contemporaneo do Infante D. Henrique*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron – Casa editora, 1894.
- *O Porto na Berlinda: Memorias d'uma Familia Portuense*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron – Casa editora, 1894.
- *O Descobrimento do Brazil*, Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão Editores, 1895.
- *A Guerrilha de Frei Simão*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, editor, 1895.
- *As Netas do Padre Eterno*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, Editor, 1895.
- *A Corte de D. Pedro IV*, Porto, Imp. Portuguesa Editora, 1897.
- *Os Callixtos*, Lisboa, Arnaldo Bordalo, Editores, 1897.

- *Esboço Biographico da Senhora Marqueza de Rio Maior*, Lisboa, Typographia Universal (Imprensa da Casa Real), 1897.
- *A Princeza de Boivão*, Lisboa, Typographia da Companhia Nacional Editora, 1897.
- *Castellos de Cartas*, Lisboa, Empresa Litteraria Lisbonense – Libanio & Cunha Editores, 1898.
- *Sangue Azul*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1898.
- *Os Amores de Camillo*, Lisboa, Empresa Litteraria Lisbonense, 1899.
- *Historia do Culto de Nossa Senhora em Portugal*, Guimarães, Libanio & C.^a, 1899.
- *Viagem á Roda das Viagens*, opúsculo n.º 3 do «Culto Garretiano», Guimarães, Libanio & C.^a, 1899 (?).
- *O Sonho da Rainha*, Guimarães, Libanio & C.^a, 1900.
- *Vida de Lisboa*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira – Livraria Editora, 1900.
- *Os Netos de Camillo*, Lisboa, Empreza da Historia de Portugal, 1901.
- *O Poeta Chiado (novas investigações sobre sua vida e escriptos)*, Lisboa, Empreza da Historia de Portugal, 1901.
- *Espelho de Portuguezes*, 2 vols, vols. 42 e 43 da Colecção António Maria Pereira, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1901.
- *Santo Thyrso de Riba d’Ave*, s/l, edição do «Club Tirsense», 1902.
- *Sem Passar a Fronteira*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1902.
- *Mez de Maria Portuguez*, Lisboa, Typographia da Sociedade «A Editora», 1903.
- *Ninho de Guincho*, Lisboa, vol. 47 da Colecção António Maria Pereira, Parceria António Maria Pereira, 1903.
- *O Lobo da Madragôa*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1904.
- *A Triste Canção do Sul: subsidios para a Historia do Fado*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 1904.

- *As Alegres Canções do Norte*, Lisboa, Livraria Viuva Tavares Cardoso, 1905.
- *Figuras Humanas*, vol. 54 da Colecção António Maria Pereira, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1905.
- *Seara em Flor*, 2 vols., Lisboa, Livraria Editora, 1905.
- *Romarias Portuguezas: I. Nossa Senhora da Agonia*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1906.
- *Télas Antigas*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1906.
- *Esboço Biographico do 2.º Conde de Samodães*, Porto, Comp. e Impr. na Typ. Fonseca & Filho, 1908.
- *A Extremadura Portuguesa*, 2 vols., Lisboa, Empresa da Historia de Portugal – Sociedade editora, Livraria Moderna, 1908.
- *Fitas de Animatógrapho*, vol. 68 da Colecção António Maria Pereira, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1909.
- *Memorias do Tempo de Camillo – A. A.*, Porto, Magalhães & Moniz, editores, 1913.
- *Pena de Talião*, Famalicão, Typographia Minerva de G. Pinto de Sousa & Irmão, 1913.
- *Notas sobre o «Amor de Perdição»*, Lisboa, Guimarães & C.^a editores, 1915.
- *O Arco de Vandoma*, [1916], reedição popular, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945.
- *A Praça Nova*, Porto, Edição da Renascença Portuguesa, 1916.
- *A Primeira Mulher de Camillo*, Lisboa, Guimarães & C.^a editores, 1916.
- *Terra Promettida*, Lisboa, Guimarães & C.^a editores, 1918.
- *O Melhor Casamento*, Lisboa, Guimarães & C.^a editores, 1921.
- *O Torturado de Seide*, Lisboa, Livraria de Manoel dos Santos, 1921.
- *Poemas Heroi-comicos Portugueses*, Porto, Renascença Portuguesa, 1922.

– *Luar de Saudade: Recordações de um Velho Escritor*, Lisboa, Livraria editora, Guimarães & C.^a. 1924.

❖ Colaboração

– “Tribulações do sustenido” in Pinheiro, Raphael Bordallo e Macedo, Manuel de, *Almanach de Caricaturas*, 3.º ano, s/l, Livraria Editora, 1875, págs. 34-36.

– “Fotografias de Lisboa” in Pinheiro, Raphael Bordallo e Macedo, Manuel de, *Almanach de Caricaturas*, 3.º ano, s/l, Livraria Editora, 1875, pág. 47.

– “O prophetismo e a restauração” in *A Restauração de Portugal* – *opusculo historico*, Lisboa, 1885.

– “Fernandes Tomás” in Campos, A. M. (redacção de), *Almanach Militar Illustrado*, Lisboa, Typographia da Viuva Sousa Neves, 1890.

– “Reflexos e penumbras” in Leal, Fernando, *Livro da Fé*, Nova-Gôa, Imprensa Nacional, 1906.

– “Latino Coelho” in *Livro de Homenagem a Latino Coelho*, Sintra, Typographia Minerva Comercial Sintrense, 1916, págs. 43-44.

– “Palavras sinceras” in Barradas, António e Saavedra, Alberto (org. de), *Fialho de Almeida – In memoriam*, Porto, Typographia da «Renascença Portuguesa», 1917, págs. 16-17.

– “Canção do vento léste” in *Album Litterario e Artistico – Folhas d’Ouro*, Lisboa, Typografia dos Caminhos de Ferro do Estado, 1917.

– “*Unum et idem*” in *Eça de Queirós – In memoriam*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1922, pág. 120.

– “O Senhor Conde de Sabugosa” in *Conde de Sabugosa – In memoriam*, Lisboa, Portugalia editora, 1924, págs. 67-69.

❖ Traduções

– *Mata-a ou Ella te Matará*, Porto, Livraria Nacional de Ernesto Chardron, 1872.

– *A Virtude de Rosina*, romance de Arsenio Houssaye, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1872.

– *O Degredado*, romance de Mery, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1873.

– *Memorial de Familia*, romance de Emilio Souvestre, Porto, Typographia de António José da Silva, 1873.

– *Nossa Senhora de Lourdes*, obra de Henrique Lasserre, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a, 1876.

– *Dispa-se!*, comedia representada pela primeira vez no Theatro do Gymnasio Dramatico na noite de 14 de Dezembro de 1876, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a, 1877.

– *A Agonia de Luiz de Camões*, romance histórico de Amadeu Tissot, Lisboa, Officina Typographica da Empresa Litteraria de Lisboa, 1880.

– *Os Elegantes de Outro Tempo*, obra de Xavier de Montépin, Lisboa, Collecção Pedro Corrêa, 1890.

❖ Coordenações

– *Almanach da Livraria Internacional de Ernesto Chardron*, primeiro ano da sua publicação, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1873.

– *Diccionario de Invenções, Origens e Descobertas antigas e modernas*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e C.^a, 1874.

– *Manual de Legislação Usual*, 4 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.

– *Indice Alfabético e Chronológico dos assumptos tratados na Camara dos Dignos Pares do Reino desde a sua instituição*, publicado segundo resolução da mesma Camara em 30 de Abril de 1896, Lisboa, Imprensa Nacional, 1909.

❖ Prefácios

– Mata, João da, *Arte de Cosinha*, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.^a, 1876.

– Junior, J. Oliveira Tavares, *Zephiros e Aquilões*, Lisboa, Typographia e Stereotypia Moderna, 1887.

– *Obras do Poeta Chiado*, Lisboa, Officina Lytographica da Empresa Litteraria de Lisboa, 1889 (?).

– Martins, Bento, *A Tragedia do Norte*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.

– Arruda, João, *Atravez de Santarem: notas d'um chronista*, Santarém, Imprensa Moderna, editora, 1898.

– Pimentel, Alberto (filho), *Historia de Um Ideal*, Porto, Imprensa Portuguesa, editora, 1898.

– Branco, Camilo Castelo, *O Lubishomem*, comédia original e inédita em três actos, Guimarães, Libanio & C.^a, 1900.

– Almeida, Júlio Bettamio de, *Noites Perdidas*, Lisboa, Empreza da Historia de Portugal – Sociedade Editora: Livraria Moderna, 1902.

– Visconde de Gouvêa, *O Douro*, Porto, Livraria Magalhães & Moniz, Editora, 1906.

– *Zamperineida*, segundo um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 1907.

– Quintella, Santos (colectânea de), *Camillo*, Porto, Escriptorio de Publicações de J. Ferreira dos santos, 1921.

– Saavedra, Miguel Cervantes, *D. Quichote de la Mancha*, Lisboa, Casa Garrett, editora, 1921.

❖ **Colaboração em jornais, revistas e outras páginas periódicas**
(por ordem alfabética)

- *A Águia*, “História sentimental de um calo”, números 71 e 72 de Novembro e Dezembro de 1917.
“Cartas de Castilho”, números 101 e 102, de Maio e Junho de 1920.
“Parodias aos Lusíadas”, números 106 a 108, Outubro e Dezembro de 1920.
“A morte de Harpagão Junior, números 115 a 117, Julho a Setembro de 1921.
“Tragedia da Fidalga Triste”, número 127, Janeiro de 1923.
“Guerra Junqueiro”, números 133 e 143, Julho e Agosto de 1923.

- *Album Litterario*, “Os Lusíadas na sua relação com o orientalismo”, número especial publicado em homenagem á memoria de Camões, no seu terceiro centenario, 10 de Junho de 1880.

- *Arquivo Litterario*, “Quem foi o poeta Macedo Araujo”, tomo III, Abril – Junho de 1923.
“Prosas escolhidas. Trecho de Alberto Pimentel”, tomo IV, Julho – Setembro de 1923.
“A taça do rei de Tule”, tomo IV, Julho – Setembro de 1923.

- *Biographo (O)*, “Camillo Castello Branco”, n.º 1, 1880.
“José Gomes Monteiro”, n.º 4, 1880.

- *Branco e Negro*, “Os biôcos”, n.º 93, 1898.
“Capote e lenço”, n.º 95, 1898.
“Saia balão”, n.º 97, 1898.

- *Caça (A)*, “Caça d’altanería”, n.º 1, 1899.
 - “Os poemas da caça”, n.º 5, 1890.
 - “Os poemas da caça” (2.º artigo), n.º 10, 1900.
- *Caravela (A)*, “Ao levantar ferro”, n.º 1, 1918.
- *Chronica (A)*, “Sons que passam”, n.º 41, 1901.
 - “Em honra de João Penha”, números 63 e 64, 1902.
 - “Inédito”, n.º 82, 1903.
- *Commercio do Porto*, “Atravez 50 annos”, número consagrado às bodas de ouro do mesmo jornal, 1904.
- *Correio da Europa*, “Povoa de Varzim – A Praia do Pescado – A Praia dos Banhos”, n.º 6, 1892.
- *Critica (A)*, “Taborda”, n.º 5, 1895.
- *Despertar (O)*, “História de uma alcunha”, n.º 1, 1922.
 - “Terras nossas”, n.º 4, 1922.
- *Diario Illustrado*, “Julio Diniz”, n.º 510, 1874.
 - “As noites do asceta”, n.º 1345, 1876.
 - “Kalendario alegre”, n.º 4591, 1886.
 - “Pela terra pelo azul”, n.º 4591, 1886.
 - “Resumo da Historia de Portugal”, número extraordinário, 1889.
- *Diario da Manhã*, “Comédia do Campo de Bento Moreno”, n.º 277, 1876.
- *Diario Popular*, “A fé é que nos salva”, n.º 10:274, 1895.
- *Esperança (A)*, “Pressentimento”, n.º 7, 1865.
 - “Reverie”, n.º 9, 1865.
 - “Viver á sombra”, n.º 10, 1865.
 - “A opera Eurico”, n.º 11, 1865.
 - “A opera Eurico” (cont.), n.º 12, 1865.
 - “A opera Eurico” (cont.), n.º 16, 1865.
 - “A opera Eurico” (final), n.º 20, 1865.
 - “Sobre a campa de minha irmã”, n.º 20, 1865.

“Á Restauração”, n.º 12, 1865.
 “Vinte annos”, n.º 13, 1865.
 “Chronica”, n.º 13, 1865.
 “Chronica”, n.º 14, 1865.
 “Carta á exma. Sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata”, n.º 15, 1865.
 “Chronica”, n.º 15, 1865.
 “Chronica”, n.º 16, 1865.
 “Paulo e Virgínia”, n.º 17, 1865.
 “Chronica”, n.º 17, 1865.
 “Uma mulher diabólica (ao meu amigo Guilherme Braga) ”, n.º 18, 1865.
 “Guiomar (ao meu amigo Alfredo Leão)”, n.º 19, 1865.
 “Sobre o tumulto do sr. Henrique Augusto da Silva, no cemiterio de Cedofeita”, n.º 19, 1865.
 “Olhos pretos”, n.º 19, 1865.
 “A lua”, n.º 21, 1865.
 “Amor de mãe”, n.º 21, 1865.
 “Serviços de Portugal á religião”, n.º 21, 1865.
 “Quinze dias fóra do Porto – I. Do Porto a Braga”, n.º 22, 1865.
 “Olhos pretos” (final), n.º 22, 1865.
 “ A minha biblia”, n.º 23, 1865.
 “Aos artistas Moreiras de Sá”, n.º n.º23, 1865.
 “A Bibliotheca de Braga”, n.º 24, 1865.
 “Revista da semana”, n.º 24, 1865.
 “Branca”, n.º 25, 1865.
 “Branca” (final), n.º 26, 1865.
 “Amor de filha”, n.º 25, 1865.

- “Quinze dias fóra do Porto – I. Do Porto a Braga”
(cont.), n.º 27, 1865.
- “Inferno”, n.º 28, 1865.
- “Martyrio”, n.º 29, 1865.
- “Quinze dias fóra do Porto – I. Do Porto a Braga”
(final), n.º 30, 1865.
- “O anjo da familia”, n.º 33, 1865.
- “No abysmo”, n.º 33, 1865.
- “Caprichos do acaso”, n.º 35, 1865.
- “A grande festa!”, n.º 36, 1865.
- “A amante do gondoleiro”, n.º 41, 1865.
- “Pyrilampos (Fragmento do livro d’um martyr), n.º
42, 1865.
- *Folha dos Curiosos*, “O abraço da morte”, n.º 1, 1868.
- “O abraço da morte” (final), n.º 3, 1869.
- “Uma decima inedita de Bingre”, n.º 6, 1869.
- “No serão”, n.º 6, 1869.
- “Penas de amor”, n.º 10, 1869.
- *Gazeta de Portugal*, “Historia dos versos – Os alexandrinos”, n.º 223,
1888.
- *Ilustração Nacional*, “A Libelinha”, n.º 2, 1919.
- *Ilustração (A) Portuguesa*, “As estrellas”, n.º 32, 1886.
- “As estrellas” (final), n.º 33, 1886.
- “Os pardaes”, n.º 42, 1886.
- “A gata borralheira”, n.º 44, 1886.
- “A villafrancada”, n.º 45, 1886.
- “Chronica”, n.º 46, 1886.
- “Santo Antonio de Lisboa”, n.º 48, 1886.
- “D. Ignez de Castro em Azeitão”, n.º 49, 1886.

“Cancioneiro do Herminio”, n.º 3 (3.º anno),
 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”, n.º
 4, 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 5, 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 6, 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 7, 1886.
 “Versos de Madame la Vallière”, n.º 8, 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 9, 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 10, 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 11, 1886.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 12, 1886.
 “Os amores de Luiz XIV”, n.º 13, 1886.
 “Os amores de Luiz XV” (cont.), n.º 16, 1886.
 “Preguiçosa!”, n.º 25, 1887.
 “Das pequenas nacionalidades europeas”
 (cont.), n.º 26, 1887.
 “A véspera de S. Bartholomeu”, n.º 28, 1887.
 “Rei e pastor”, n.º 29, 1887.
 “Fazer figas”, n.º 30, 1887.
 “As pombas”, n.º 31, 1887.
 “A viagem dos mortos”, n.º 32, 1887.
 “Emilia”, n.º 33, 1887.

“Uma canção grega”, n.º 34, 1887.
 “A poesia da Servia”, n.º 36, 1887.
 “A poesia da Servia” (cont.), n.º 37, 1887.
 “Flor de myosotis”, n.º 38, 1887.
 “Historia de um conde antigo”, n.º 39, 1887.
 “Historia de um conde antigo” (cont.), n.º 40, 1887.
 “Camillo Castello Branco”, n.º 15, 1887.
 “Camillo Castello Branco” (cont.), n.º 16, 1887.
 “Camillo Castello Branco” (cont.), n.º 17, 1887.
 “Camillo Castello Branco” (cont.), n.º 18, 1887.
 “Camillo Castello Branco” (cont.), n.º 27, 1888.
 “Camillo Castello Branco” (cont.), n.º 28, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal”, n.º 29, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal” (cont.), n.º 30, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal” (cont.), n.º 31, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal” (cont.), n.º 32, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal” (cont.), n.º 33, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal” (cont.), n.º 35, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal” (cont.), n.º 36, 1888.
 “A primeira poesia de Camillo”, 37, 1888.
 “D. Beatriz de Portugal” (cont.), n.º 38, 1888.
 “A mocidade portuguesa”, n.º 41, 1888.
 “A mocidade portuguesa” (cont.), n.º 42, 1888.
 “As primeiras obras de C. C. B”, n.º 50, 1888.

- “As primeiras obras de C. C. B.” (cont.), n.º 1
(5.º ano), 1888.
- “As primeiras obras de C. C. B.” (cont.), n.º 2,
1888.
- “As primeiras obras de C. C. B.” (cont.), n.º 8,
1888.
- “O romance de um conspirador”, n.º 9, 1888.
- “O romance de um conspirador” (cont.), n.º
10, 1888.
- “O romance de um conspirador” (cont.), n.º
11, 1888.
- “O romance de um conspirador” (cont.), n.º
12, 1888.
- “O filho do conspirador”, n.º 13, 1888.
- “O filho do conspirador” (cont.), n.º 14, 1888.
- “O filho do conspirador” (cont.), n.º 15, 1888.
- “O filho do conspirador” (cont.), n.º 16, 1888.
- “O filho do conspirador” (cont.), n.º 17, 1888.
- “El-Rei D. Luiz em S. Carlos”, n.º 43, 1889.
- *Jornal do Commercio*, “Corôa de espinhos”, n.º 1, 1924.
- *Limiana*, “Um postal”, n.º 1, 1912.
- “Uma carta de Camillo”, n.º 1, 1912.
- *Lusa*, “Serão camiliano”, 1.º vol., n.º 19, 1917.
- “Porto – Portugal”, 4.º vol., números 57 a 60, 1921.
- *Popular (O)*, “Folias de S. Nicolau”, n.º de 6 de Junho de 1898.
- “Viagem á roda das viagens”, n.º de 6 de Fevereiro de 1899.
- “O poeta do Só”, n.º de 27 de Junho de 1899.
- “Coisas sérias”, n.º de 10 de Julho de 1899.
- “A ceifeira negra”, n.º 1244 de 20 de Novembro de 1899.
- “O nariz de theatro”, n.º de 1258 de 4 de Outubro de 1893.

- “Os que vão sem ir”, n.º 1486 de 23 de Julho de 1900.
- “O funeral de Eça de Queiroz”, n.º 1549 de 24 de Setembro de 1900.
- “Tomando o sol”, n.º 1591 de 5 de Novembro de 1900.
- “Antonio Candido”, n.º 1598 de 12 de Novembro de 1900.
- “Piedade”, n.º 1633 de 17 de Dezembro de 1900.
- “A contagem do tempo”, n.º 1659 de 7 de Fevereiro de 1901.
- “A alma galega”, n.º 1708 de 4 de Março de 1901.
- “Operas garretteanas”, n.º de 25 de Março de 1901.
- *Portugal (O)*, “Livros”, n.º de 26 de Fevereiro de 1907.
- “Rendas de linha”, n.º de 12 de Março de 1907.
- “Semana Santa”, n.º de 26 de Março de 1901.
- “O congresso do Porto”, n.º de 9 de Abril de 1901.
- “Abutres da cidade”, n.º de 3 de Abril de 1901.
- “Raças finas”, n.º de 1 de Maio de 1901.
- “A demanda de cada um”, n.º de 7 de Maio de 1901.
- “Recordações”, n.º de 21 de Maio de 1901.
- “As ultimas festas de Junho”, n.º de 2 de Julho de 1901.
- “O mez das aguas”, n.º de 9 de Julho de 1901.
- “Voltando a um assumpto”, n.º de 30 de Julho de 1901.
- “Hintse Ribeiro”, n.º de 6 de Agosto de 1901.
- “A assumpção”, n.º de 20 de Agosto de 1901.
- “Almanachs”, n.º de 17 de Setembro de 1901.
- “Espinho e o mar”, n.º de 15 de Outubro de 1901.
- “Pescadores poveiros”, n.º de 22 de Outubro de 1901.
- “Surpresas e novidades”, n.º 29 de Outubro de 1901.
- *Primeiro (O) de Janeiro*, “Invicta diva”, n.º de 12 de Agosto de 1895.
- “A proposito de um grande portuense”, números 64 e 65 de 15 e 20 de Março de 1908.

- “O quintal portuense”, n.º 269 de 12 de
Novembro de 1908.
- “O Dropp”, n.º 18 de 21 de Fevereiro de 1909.
- *Reporter (O)*, “Hymnos constitucionaes”, n.º de 5 de Julho de 1880.
- “Um folheto raro”, n.º 565 de 29 de Novembro de 1880.
- *Revista Illustrada*, “Quinta do Marquez de Pombal”, 1.º vol., n.º 4, 1890.
- “Chronica”, vol. 1, n.º 16, 1890.
- “O grande Barcellos”, vol. 1, n.º 17,
1890.
- “Chronica”, vol. 2, n.º 27, 1891.
- “Chronica”, vol. 2, n.º 32, 1891.
- “Pintoras portuguesas”, vol. 3, n.º 47, 1892.
- “Lopo Vaz”, vol. 3, n.º 48, 1892.
- *Revista Litteraria, Scientifica e Artistica*, “O Gallo”, n.º 1, 1902.
- “A vespa”, n.º 4, 1902.
- “O primeiro tormento de uma
rainha”, n.º 9, 1902.
- “Natal do Norte, Natal do Sul”,
n.º 17, 1902.
- “Amores de Braga”, n.º 114,
1904.
- “Morte d’el-rei D. Duarte”, n.º
117, 1904.
- “A triste feia”, n.º 124, 1905.
- “Estrella Santos”, n.º 127,
1905.
- “Como se vingam os bons”, n.º
167, 1905.
- *Seculo (O)*, “Os famintos – Os pescadores da Povia”, n.º 9366, 1908.

– *Tradição (A)*, “O conde de Ficalho e a botânica”, n.º de 10 de Maio de 1903.

– *Tripeiro (O)*, “Conde de Ferreira”, n.º 2, 1908.

“A campanha do Chá”, n.º 3, 1908.

“A assembleia portuense”, n.º 3, 1908.

“O Fajardo”, n.º 6, 1908.

“O Fajardo” (cont.), n.º 7, 1908.

“O Porto há 30 annos”, n.º 16, 1908.

“O Desgraça”, n.º 21, 1909.

“O Porto ha trinta annos”, n.º 25, 1909.

“Os argentarios”, n.º 25, 1909.

“Lobo da Reboleira”, n.º 25, 1909.

“O commendador Cidade”, n.º 25, 1909.

“Antonio José Antunes Navarro”, n.º 25, 1909.

“Pinto Bessa”, n.º 25, 1909.

“Os medicos d’aquelle tempo. O Assis”, n.º 25, 1909.

“O Reis”, n.º 25, 1909.

“O Almeida, operador”

“O Braga dos Lavadouros”

“O Luiz Antonio”, n.º 25, 1909.

“Advogados distintos”, n.º 25, 1909.

“Almeida e Brito”, n.º 25, 1909.

“Luiz Baptista”, n.º 25, 1909.

“Dr. Videira”, n.º 25, 1909.

“Marcellino de Mattos”, n.º 25, 1909.

“Custodio José Vieira”, n.º 25, 1909.

“Alexandre Braga”, n.º 25, 1909.

“A tragedia da Ponte”, n.º 28, 1909.

“O Desgraça – Episódios da vida d’este infeliz”, n.º 28, 1909.

“Notas ineditas sobre o *Amor de Perdição*”, 3.º vol., n.º 107, 1913.

“Improviso”, 4.º vol., n.º 2, 1913.

“O Tibre dos aloques”, n.º 19, 1919.

“Andar às vozes”, ano I, n.º 1, 1926.

“O Dropp”, n.º 6, 1926.

“Outros Tempos”, n.º 18, 1926.

Bibliografia passiva

BASTO, Artur de Magalhães, “Os Primeiros Vinte Anos da Vida de Alberto Pimentel”, separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, vol. VII, facs. 2-3, 1944.

– “Bosquejo biográfico” in PIMENTEL, Alberto, *O Anel Misterioso*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945.

BASTOS, Sousa, *Carteira do Artista*, Lisboa, José Bastos – Editor, 1898.

BRAGA, Guilherme, “Carta-folhetim a Alberto Pimentel” in *O Primeiro de Janeiro*, 5.º ano, n.º3, de Sábado 4 de Janeiro de 1873.

BRANDÃO, Júlio – “Alberto Pimentel” in *Recordações dum Velho Poeta – Figuras Literárias e Artísticas*, Lisboa, Edições Gleba, s/d.

– “O Melhor Casamento” in *Poetas e Prosadores (À margem dos livros)*, Braga – Porto, Livraria Cruz Editora, s/d, págs. 205-213.

BRUNO, Sampaio, *A Geração Nova (ensaios críticos) – os novelistas*, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão – Editores, 1984.

CASIMIRO, Mário de Portocarrero, “Alberto Pimentel” in *Tripeiros de Gema*, Porto, Latina-Livraria Editora, 1942, págs. 73-76.

CASTELO BRANCO, Camilo, *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira*, 1.º ano, n.º 10, Porto, Ernesto Chardron Editor, 1879.

– “Memória sobre a História e Administração do Concelho de Setúbal por Alberto Pimentel” in *Narcóticos*, vol. II, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1920, págs. 179-181.

CASTILHO, Júlio de, *Memórias de Castilho*, 2.^a edição, Coimbra, Imprensa da Universidade, tomo V, cap. XX, págs. 212-222.

COSTA, Joaquim, “Aspectos da História Literária do Porto” in BASTOS, Carlos (organização de), *Nova Monografia do Porto*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1938, págs. 170-292.

COSTA, Júlio Dias da, “Uma Quadra de Júlio Dinis” in *O Tripeiro*, 3.^a série, vol. 1.º, n.º 24, Porto, 15 de Dezembro de 1926, pág. 381.

FERREIRA, Joaquim, *Passos na Areia*, Porto, Editorial Domingos Barreira, s/d.

«FÍGARO», “A Jornada dos Séculos por Alberto Pimentel” in PINA, Mariano (direcção de), *A Ilustração – Revista Universal Impressa em Paris*, vol. I, 5-IX-1884, pág. 143.

FIGUEIREDO, Cândido de, “Alberto Pimentel” in *Figuras Literárias – Nacionais e Estrangeiras (Perfis e Medalhões)*, Lisboa, Livraria Viúva Tavares Cardoso, 1906, págs. 161-165.

FREIRE, João Paulo (Mário), “Alberto Pimentel” in *Homens do Meu Tempo – Impressões Psicopatológicas. Notas Inéditas e Dados Bibliográficos*, Porto, Livraria Civilização – Editora, 1919, págs. 23-46.

– “Alberto Pimentel” in *Poetas Portuenses – Antologia e Notas*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, Lda., s/d.

LEMOS, Maximiano (direcção de), *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada – Dicionário Universal*, vol. VIII, Porto, Lemos & C.^a, Sucessor, 1906, pág. 629.

PIMENTEL, Fernando Alberto, “A obra de um grande escritor” in PIMENTEL, Alberto, *O Anel Misterioso*, Queluz, Livraria Figueirinhas, 1943, págs. IX-XXVIII.

MACHADO, Júlio César, *Manhãs e Noites*, Lisboa, Livraria Moderna – Editora, 1873.

MARTHA, M. Cardoso (coleção, prefácio e notas de), *Cartas de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, H. Antunes Editor, 1918.

MARTINS, Rocha, “Alberto Pimentel” in SIMÕES, João Gaspar (direcção, prefácio e notas bibliográficas de), *Perspectiva da Literatura Portuguesa do séc. XIX*, Lisboa, Edições Ática, vol. II, 1948, págs. 195-223.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo XX, págs. 102-108, tomo XXII, págs. 32-33, pág. 512, Lisboa, Imprensa Nacional, 1923.

Bibliografia crítica citada

- BASTO, Artur de Magalhães, *O Porto do Romantismo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.
- BERCEGOL, Fabienne, *La Poétique de Chateaubriand : Le Portrait dans les «Mémoires d'Outre Tombe»*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1997.
- BERCHET, Jean-Claude ; BERTHIER Philippe (textes réunis par), *Chateaubriand Memorialiste – Colloque du cent cinquantième (1848-1998)*, «Histoire des idées et critique littéraire», Genève, Librairie Droz, 2000.
- BRUNO, Sampaio, *O Porto Culto (obra para servir de remate e conclusão à dos «Portuenses Ilustres»)*, Porto, Magalhães & Moniz, Lda. – Editores, 1912.
- BUESCU, Helena Carvalhão (coordenação de), *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997
- CASTRO, Aníbal Pinto de, *Narrador, Tempo e Leitor na Novela Camiliana*, Vila Nova de Famalicão, Casa de Camilo, 1976.
- CATROGA, Fernando, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto Editora, 2001.
- CHAVES, Castelo Branco, *Memorialistas Portugueses*, Amadora, Biblioteca Breve, 1978.
- COELHO, Eduardo Prado, “Literatura e testemunho” in MAGALHÃES, Isabel Allegro de [et al.] (coordenação de), *Literatura e Pluralidade Cultural – Actas do III Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, Lisboa, Edições Colibri, 1998, págs. 36-42.

COELHO, Jacinto Prado, *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, 3.^a edição, s/l, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

CORREIA, A. A. Mendes, *O Porto e a População de Lisboa*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1947.

COUTO, Maria Aurélia da Rocha, *Contar (a) História(s)*, dissertação de mestrado, Porto, inédita, 1996.

DOMINGOS, Manuela D., *Estudos de Sociologia da Cultura: Livros e Leitores do séc. XIX*, Lisboa, Ed. Instituto Português do Ensino à Distância, 1985.

ECO, Umberto, *Leitura do Texto Literário – Lector in Fabula*, 2.^a edição, Lisboa, Editorial Presença, 1993.

FERRAZ, Maria de Lourdes A., *A Ironia Romântica: Estudo de um Processo Comunicativo*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

FERREIRA, Alberto, *Estudos de Cultura Portuguesa: séc. XIX*, Lisboa, Ed. Instituto Português de Ensino à Distância, 1985.

– *Perspectiva do Romantismo Português*, Lisboa, Edições 70, 1971.

FIGUEIREDO, Fidelino, “Memorialismo e Voluntarismo” in *Ideias de Paz*, Lisboa, Portugália Editora, 1966.

FRANCO, António Cândido (prefácio de) in PASCOAIS, Teixeira de, *Livro de Memórias*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001.

FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal: Estudo de Factos Socioculturais*, 2.^a edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1993.

GUEDES, Fernando, *O Livro e a Leitura em Portugal: subsídios para a sua história, sécs. XVIII e XIX*, Lisboa, Editorial Verbo, 1987.

GUSDORF, Georges, *Mémoire et Personne*, «Bibliothèque de Philosophie Contemporaine», Paris, Presses Universitaires de France, 1951.

– *Les Écritures du Moi – Lignes de Vie 1*, Paris, Éditions Odile Jacob, 1991.

HAMON, Philippe, *Essai sur les Formes de l'Écriture Oblique*, Paris, Hachette Livre, 1996.

ISER, Wolfgang, *L'acte de Lecture: Théorie de l'effet esthétique*, traduit de l'allemand par Evelyne Sznycer, «Philosophie et langage», Pierre Mardaga Éditeur, s/d.

LEAL, João, *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*, «Portugal de Perto, n.º 40», Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000.

LE GOFF, Jacques, “Memória” in *Enciclopédia Einaudi*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional– Casa da Moeda, 1997.

LEJEUNE, Philippe, *Le Pacte Autobiographique*, Paris, Éditions du Seuil, 1975.

– *Je est un Autre: L'autobiographie de la Littérature aux Médias*, Paris, Éditions du Seuil, 1980.

LEVILLAIN, Henriette, *Mémoires d'Hadrien de Marguerite Yourcenar*, Paris, Gallimard, 1992.

LOPES, Óscar, *História Literária do Porto*, Porto, Leitura – Arte, 1979.

MALPIQUE, Cruz – “Perfil moral e cívico do «tripeiro»” in *Boletim da Associação Cultural do Porto*, 2.^a série, n.º 4, 1974, págs. 41-73.

– “Psicologia literária do Homem do Porto” in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, vol. XIX, facs. 3-4, Porto, 1956, págs. 503-513.

– “Figuras literárias do Porto: de Garrett a António Nobre” in *História da Cidade do Porto*, Barcelos, Portucalense Editora, 1965.

MARINHO, Maria de Fátima (organização de), *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*, Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras do Porto, 2004.

MATOS, Sérgio Campos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do Século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Edições Colibri, 1988.

MAY, Georges, *L'Autobiographie*, Seyssel, Champ Vallon, 1994.

MORÃO, Paula, “Memórias e géneros Literários Afins – Algumas precisões teóricas” in *Viagens na Terra das Palavras: Ensaio sobre Literatura Portuguesa*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993.

PALMA-FERREIRA, João, *Subsídios para uma Bibliografia do Memorialismo Português*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.

REIS, Carlos, “Leitura e Leitora nas «Viagens» de A. Garrett”, separata de *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, Coimbra, 1986.

RICOEUR, Paul, *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*, «L'Ordre philosophique», Paris, Ed. du Seuil, 2000.

ROCHA, Clara, *Máscaras de Narciso – Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1992.

RODRIGUES, Urbano Tavares, “literatura e testemunho: ambiguidades, incidências e variantes na ficção portuguesa contemporânea” in MAGALHÃES, Isabel Allegro de [et al.] (coordenação de), *Literatura e Pluralidade Cultural – Actas do III Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, Lisboa, Edições Colibri, 1998,

SANTOS, M. de Lourdes Lima dos, *Para uma Sociologia da Cultura Portuguesa no Século XIX*, Lisboa, E. Presença – Inst. De Ciências Sociais, 1983.

VASCONCELOS, J. Leite de, *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1933.

Outras obras citadas

BRANCO, Camilo Castelo Branco, *Anos de Prosa* [1863], 4.^a ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1973.

BRANDÃO, Júlio, *Galeria de Sombras – Memórias e Outras páginas*, Porto, Livraria Civilização – Editora, s/d.

CHAGAS, João, *Homens e Factos*, Coimbra, França Amado – Editor, 1905.

– *Vida Literária (ideias e sensações)*, Coimbra, França Amado – Editor, 1906.

GARRETT, Almeida de, *Viagens na Minha Terra*, 2.^a edição, Porto, Porto Editora, 1977.

HERCULANO, Alexandre, «*Cenas de Um Ano da Minha Vida*» e «*Apontamentos de Viagem*», Amadora, Livraria Bertrand, 1973.

LADY JACSON, *A Formosa Lusitânia*, trad. de Camilo Castelo Branco, Porto, Livraria Portuense – Editora, 1877.

MARQUES, Henrique, *Memórias de um Editor (publicação póstuma)*, Lisboa, Livraria Central Editora, 1935.